

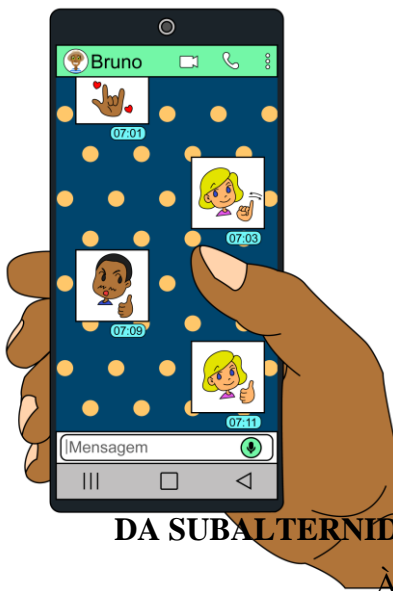


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

DEPARTAMENTO DE LETRAS CCHLA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM



EMANUEL BRUNO CARIOCA SILVA

DA SUBALTERNIDADE À RESSIGNIFICAÇÃO: A (TECNO) CARNAVALIZAÇÃO
À GUIA DA WEB 2.0 EM STICKERS-LIBRAS.



NATAL

2023

EMANUEL BRUNO CARIOCA SILVA

DA SUBALTERNIDADE À RESSIGNIFICAÇÃO: A (TECNO) CARNAVALIZAÇÃO À
GUISA DA WEB 2.0 EM STICKERS-LIBRAS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em linguística.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Orientadora: Prof. Dr. Cellina Rodrigues Muniz.

NATAL

2023

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
- CCHLA

Silva, Emanuel Bruno Carioca.

Da subalternidade à resignificação : a (tecno) carnavalização
à guisa da Web 2.0 em Stickers-Libras / Emanuel Bruno Carioca
Silva. - Natal, 2023.
150 f.: il. color.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do
Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de
Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Natal, RN, 2023.
Orientação: Profa. Dra. Cellina Rodrigues Muniz.

1. Sticker-Libras - Dissertação. 2. Tecnogênero - Dissertação.
3. Carnavalização - Dissertação. 4. Resignificação Digital -
Dissertação. I. Muniz, Cellina Rodrigues. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 81'42

EMANUEL BRUNO CARIOCA SILVA

DA SUBALTERNIDADE À RESSIGNIFICAÇÃO: A (TECNO) CARNAVALIZAÇÃO À
GUISA DA WEB 2.0 EM STICKERS-LIBRAS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande no Norte Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre. Área de concentração: Estudos em Linguística Aplicada.
Linha de pesquisa: Estudos de práticas discursivas.

Aprovada em: 17/07/2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cellina Rodrigues Muniz (Orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Profa. Dra. Flavia Roldan Viana (Examinadora Interna)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Profa. Dra. Simone Lorena da Silva Pereira (Examinadora Interna)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Prof. Dr. Márcio Antônio Gatti (Examinador Externo)
Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)

À minha mãe, Ednusia Carioca, aos meus
amigos e irmãos e à comunidade Surda.
Ao surdo Joaci Pires Gomes.
Dedico.

AGRADECIMENTOS

A Deus por sua onipresença em minha história. À minha Mãe, aguerrida, mulher negra, que nunca mediu esforços batalhando, nas palavras dela, para me dar uma educação de qualidade. Sim, mãe, a senhora não me deu roupas de marcas, um luxo efêmero, você me galardoou com uma bomba atômica, um capital cultural cujo valor somente sabe quem andou quilômetros a pé, abdicando de conforto para garantir uma passagem de ônibus ou um lanche ao filho, você é um farol em minha vida.

À Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em especial ao programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, PPGEL, por depositar credibilidade ao meu projeto inicial de pesquisa e por oportunizar que uma metamorfose acadêmica ocorresse em mim. À Professora. Dra. Cellina Rodrigues Muniz, pelas orientações e pela complacência e sensibilidade de compreender os percalços ocorridos, mas também por jubilar ao meu lado em momentos mais que especiais. Registrar que sua bruxaria insurgente catalisou a escrita deste trabalho, este caldeirão discursivo possui sua rubrica, não nego.

Às professoras participantes da banca examinadora, Prof. Dra. Flavia Roldan Viana e Simone Lorena da Silva Pereira pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões tanto na qualificação quanto na defesa. E ao Prof. Dr. Márcio Antônio Gatti da Universidade Federal de São Carlos por aceitar o convite e compartilhar de seus conhecimentos em minha defesa.

À minha grande ex professora, agora amiga, Nádia Ribeiro sempre otimista, ensinando-me a questionar e a repensar minhas decisões. Também, as professoras Maria do Socorro Oliveira e Ivoneide Bezerra por me desestabilizar e me apresentar as interfaces dos letramentos e colaborar indiretamente na escrita deste trabalho.

Aos tradutores de Libras (TILSP), mais que amigos, minha segunda família e que aceitaram interpretar minha defesa: Nádia Ribeiro e Raimundo Gomes de Oliveira (Neto).

Aos colegas da turma de mestrado, pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas, além de me oportunizarem sentir os sabores potiguares. Ressalto que nenhuma viagem no Guanabara ou Buser foi em vão. Vocês me energizavam a cada ida à UFRN, contagiando-me a ponto de deixar meu cansaço no plano secundário.

Aos surdos, à comunidade surda, sem vocês isso não seria possível. E estendo minha gratidão a Eduardo Gheller Mörschbacher por me perturbar até nas madrugadas comentando sobre os stickers-Libras.

Ao campus Maracanaú do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), que me oportunizou crescer e amadurecer enquanto profissional, além de aceitar meu afastamento para fins de capacitação. Em especial ao Núcleo de Acessibilidade a Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas, NAPNE, por me arrebataram a compreender uma real inclusão e possibilitar um autoconfronto da minha ingenuidade de completude, ciente hoje que serei eternamente inacabado e em constante aprendizado.

Ao PROFLETRAS da Universidade Federal do Ceará, UFC, que me abrigou em momentos intempestivos, e em especial a professora Maria Elias Soares por ter essa visão atemporal oportunizando conjugar meus interesses aos do Programa. Também estendo meus sinceros agradecimentos a duas professoras que sacolejaram minha visão com relação à Metodologia Científica, também do PROFLETRAS UFC, Larissa Maria Ferreira da Silva Rodrigues e Meire Celedonio da Silva.

À professora Marilene Calderaro da Silva Munguba por me incluir e aceitar este “companheiro” tímido no Grupo de Estudo e Pesquisa Educação para as Diferenças e os Estudos Surdos na Perspectiva Interdisciplinar - GEDESPI (CNPq/UFC), no subgrupo de tecnologias. Suas arduas palavras, carregadas de ensinamentos, à freiriana, machucaram meu ego ao mesmo instante que me trouxeram um bálsamo de criticidade.

Não poderia olvidar e abranger minha gratidão ao curso Letras Libras da UFC, meus passos rumo à Pós-graduação não seriam possíveis sem esse pilar na minha vida acadêmica.

Também a Associação dos Surdos Organizados de Fortaleza, ASOF, em especial ao meu amigo surdo, Joaci Pires Gomes, por acreditar em mim e me acolher quando eu ainda engatinhava na Libras. Você não me ensinou apenas sua Língua, ensinou-me a transpor barreiras e, além de fazer parte da minha identidade docente e TILSP. Eternamente serei grato.

“É tempo de barrar as fronteiras” (MOITA - LOPES, 2022).

RESUMO

O presente trabalho propõe-se a lançar um novo olhar para o digital da Libras, sob a ótica da Análise do Discurso, e especificamente presta-se a analisar a produção, circulação e interpretação de stickers-Libras. Em se tratando de percurso metodológico, como pano de fundo, recorreu-se a etnografia digital (HINE, 2004, 2016; VALLADA *et al.*, 2022) e concernente ao locus de pesquisa, optou-se pela rede social WhatsApp, cuja justificativa incide em ser a rede de mensagens instantâneas mais popular do Brasil. Desta feita, foram selecionados três grupos: (1) um grupo onde a maioria são sujeitos surdos e LGBTQIAP+, (2) um grupo de profissionais da Educação de diversos estados brasileiros e por último, (3) um grupo de simpatizantes pelas políticas da Esquerda brasileira, o fator comum é que todos são usuários da Libras. O construto teórico alicerçar-se, precipuamente, na tripartite epistemológica: (tecno) carnavalização, à luz do círculo bakhtiniano; Resignificação digital, viesada pela Análise do Discurso Digital (ADD), proposta por Marie-Anne Paveau (2017, 2019, 2021) e com cotejos dos Estudos queer em linguística aplicada e indisciplinar (LOPES *et al.*, 2022). No tocante ao registro dos enunciados (tecnотextos) sinalizados nos stickers-Libras, os screenshots (capturas de tela) possibilitaram subsidiar suas análises. Ressalvas para os enunciados de stickers-Libras animados que careceram de mais de um registro e, à vista disso, foi inserido um hiperlink dando acesso ao Youtube. Perante as análises de dados, observou-se que questões político-partidárias se sobressaíram e influenciaram a maior parte dos tecnотextos. Depreende-se que isso se deveu ao fato de suas produções e circulações terem sido realizadas em cronotopo (Bakhtin, 2018) de ano eleitoral. Sumariamente, nesse entremeio, constatou-se que havia recorrência de responsividade por meio de aviltamentos com uso do baixo corporal e do grotesco, além de contradiscursos ressignificando a ciberviolência ou ainda, um consenso entre ambos. As manifestações linguageiras, do tecnogênero apreciado, presentificaram-se em performances discursivas – num corpo(reificado), pós-orgânico –, entextualizando o outro numa relação dialógica e dialética, adentrando a seara do pós-dualismo.

Palavras-chave: Sticker-Libras; Tecnogênero; Carnavalização; Resignificação Digital.

ABSTRACT

The present work aims to take a new look at the digital aspect of Libras, from the perspective of Discourse Analysis, and specifically lends itself to analyzing the production, circulation and interpretation of stickers-Libras. Regarding the methodological path, we used digital ethnography as a background (HINE, 2004, 2016; VALLADA et al., 2022) and concerning the research locus, we opted for the WhatsApp social network, due to its being the most popular instant messaging network in Brazil. Thus, three groups were selected: (1) a group where the majority are deaf and LGBTQIAP+ subjects; (2) a group of Education professionals from several Brazilian states; and (3) a group of sympathizers for the left-wing policies in Brazil, with the common factor that all are users of Libras. The theoretical construct is based, primarily, on the epistemological tripartite: (techno) carnivalization, in the light of the Bakhtinian circle; digital resignification, biased by the Digital Discourse Analysis (DDA), proposed by Marie-Anne Paveau (2017, 2019, 2021); and with collations of Queer Studies in applied and interdisciplinary linguistics (LOPES *et al.*, 2022). Regarding the registration of the statements (technotexts) signaled in the stickers-Libras, screenshots made it possible to subsidize their analysis, with exceptions for the animated stickers-Libras statements that lacked more than one record and, in view of this, a hyperlink was inserted giving access to Youtube. In view of the data analysis, we observed that political-party issues stood out and influenced most of the technotexts. It is understood that this was due to the fact that their production and circulation were carried out in an election year chronotope (BAKHTIN, 2018). In summary, in this environment, we found that there was a recurrence of responsiveness through demeaning with the use of the low body and the grotesque, as well as counter-discourses resignifying cyberviolence or even a consensus between both. The linguistic manifestations of the appreciated technogenre were present in discursive performances – in a (reified), post-organic body –, entextualizing the other in a dialogical and dialectical relationship, entering the field of post-dualism.

Keywords: Sticker-Libras; Technogenre; Carnivalization; Digital resignification.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Patrícia Rezende no Senado Federal.....	26
Figura 2	– Sticker-Libras Perigoso.....	32
Figura 3	– Esferas da comunicação segundo Araújo.....	49
Figura 4	– Stickers de WhatsApp.....	60
Figura 5	– Suporte de gênero segundo Távora.....	64
Figura 6	– Exemplos de stickers-Libras.....	68
Figura 7	– Chegada do Rei Momo ao Brasil	72
Figura 8	– Sem capacitismo nas fantasias de carnaval.....	73
Figura 9	– Carnavalizações em Libras.....	79
Figura 10	– Baixo corporal em Libras.....	81
Figura 11	– Espaço de sinalização da Libras.....	81
Figura 12	– Sinal de carnaval.....	82
Figura 13	– Sinal do Ceará Sport Clube.....	83
Figura 14	– CSC carnavalizado.....	83
Figura 15	– Campos de atividade e inserção dos gêneros.....	85
Figura 16	– Sticker-Libras Fora Bolsonaro	91
Figura 17	– Sticker fora.....	91
Figura 18	– Mandala esfera do campo cotidiano.....	95
Figura 19	– Sticker-Libras surdos de capa preta	108
Figura 20	– Escalar discursivo surdos de capa preta.....	108
Figura 21	– Fazer as unhas em Libras	112
Figura 22	– Carnavalização animal- homem em Libras.....	112
Figura 23	– Sticker-Libras pix dente	113
Figura 24	– Sticker-Libras se fudeu	114

Figura 25 – Sticker-Libras bom senso	116
Figura 26 – Rechaço político	117
Figura 27 – Sticker-Libras falo voluntário	119
Figura 28 – Pátria voluntária	121
Figura 29 – Sticker-Libras e semântica do cu	122
Figura 30 – Sticker-Libras você é fdp	124
Figura 31 – Sticker-Libras faz o L	125
Figura 32 – Sticker-Libras inelegível	127
Figura 33 – Configuração de mão para inelegível	128

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Visão geral do trabalho	21
Quadro 2 – Ideias gerais do capítulo 02.....	36
Quadro 3 – Ideias centrais do capítulo 03	52
Quadro 4 – Panorama dos estudos sobre sticker de WhatsApp no Brasil (2020 a 2023)	54
Quadro 5 – Visão sobre gêneros digitais- ADD e Bakhtin	87
Quadro 6 – Etapas metodológicas	104
Quadro 7 – Quadro-síntese de teorias.....	105
Quadro 8 – Quadro-resumo de dados	108
Quadro 9 – Stickers-Libras e fiações no Discurso	131

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADD	Análise do Discurso Digital
ASL	Língua de sinais americana
ASOF	Associação de Surdos Organizados de Fortaleza
CODA	Filhos/filhas de pais Surdos.
CSC	Ceará Sporting Clube
CUT	Central Única dos Trabalhadores
DIPEBS	Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos
ELS	Escritas de língua de sinais
EQLAI	Estudos Queer em Linguística Aplicada Indisciplinar
EUA	Estados Unidos da América
FEC	Fortaleza Esporte Clube
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
LDB	Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LSF	Língua de sinais francesa
MEC	Ministério da Educação
PEC	Proposta de Emenda Constitucional
POD	Problemas da obra de Dostoiévski
PPGEL	Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem
PT	Partido dos Trabalhadores
TDI	Texto, Discurso e Interação
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	14
1	ALGUNS RECORTES SOBRE O SER SURDO E LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	23
1.1	Duas décadas da Lei de Libras (10.436/2002)	23
1.2	Políticas surdas insurgindo em meio ao som	29
2	LETRAMENTOS DE SURDOS: ESCRITURAS, LEITURAS E GÊNEROS DIGITAIS	35
2.1	Letramentos digitais, para início de conversa	36
2.2	Letramento visual surdo, com conversa, sem apoio do som	40
2.3	Gêneros digitais ou gêneros discursivos digitais, similar ou genérico?	46
3	STICKERS, CARNAVAL E CARNAVALIZAÇÃO, UM BREVE DIÁLOGO	51
3.1	Stickers de WhatsApp, o que já temos ou sabemos?	52
3.2	Stickers, das possíveis origens à digitalidade.....	57
3.3	Sticker, um baita gênero digital.....	60
3.4	Stickers-Libras, um gênero em assunção	65
3.5	Um pouco da história do carnaval, carnavalização e alguns gotejos sobre humor	69
3.6	Bricolagem discursiva e possíveis carnavalizações na Libras	78
4	ANÁLISE DO DISCURSO E RESSIGNIFICAÇÕES DIGITAIS	86
4.1	As facetas da Análise do Discurso Digital – ADD.....	87
4.2	Tecnografismo e tecnogêneros prescrito e/ou produsado.....	93
4.3	Ressignificação Digital, contradiscurso à ciberviolência	96
5	PERCURSO METODOLÓGICO	100
5.1	Etnografia Digital, um pano de fundo mais que necessário	100
5.2	O “vamuvê”, passo a passo, na prática	102
6	ANÁLISE DE DADOS.....	105
6.1	Situando os Estudos Queer e Linguística Aplicada Indisciplinar	106
6.2	O que os dados nos dizem	107
6.3	O que os dados puderam nos dizer? E no devir, o que podemos esperar?....	129
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	138

ANEXO A – INTERCONEXÕES SOBRE STICKERS A PARTIR DE CARMELLINO E KOGAWA	148
---	------------

INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais, Libras, possui especificidades que diferem da língua majoritária brasileira, o português. No escopo dos Estudos Linguísticos, entende-se que como outras línguas de sinais, a Libras vincula-se ao canal visuoespacial, enquanto que as línguas orais alinham-se ao canal fonoarticulatório. É sabido que as línguas de sinais estão na condição de línguas minoritárias, entretanto ser minoritária não as desvencilha de imponentes significados, como é o caso da Libras, que por possuir modalidade linguística que utiliza corpo, mãos, os espaços e a visão para ser produzida e percebida (Quadros, 2019, localização Kindle 317), valores culturais do povo surdo são evocados. Partindo dessa premissa, percebe-se que as línguas oral e sinalizada mantêm uma relação de coexistência. Convém, portanto, sublinhar que sem surdos não haveria língua de sinais.

Vale ressaltar ainda que no meu projeto inicial, submetido ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL-UFRN), intitulado “STICKERS DO WHATSAPP EM LIBRAS: traços de carnavalização em sinais.”, acreditava naquele instante que haveriam características intrínsecas ao fenômeno multimodal stickers em Libras, ora por se tratar de uma língua gestual-visual, sendo materializada na plataforma WhatsApp¹, ora por notar uma recorrência de traços carnavalescos (BAKHTIN, 1997).

Contudo, durante meu percurso acadêmico, na escrita deste trabalho, e na geração de dados (corpus), pude notar que (a) sem a Web 2.0² não seria possível a emergência de stickers, aqui tomados enquanto tecnogêneros (b) que sim, havia uma cosmovisão carnavalesca, além disso, (c) os tecnotextos extraídos de grupos de WhatsApp (locus da pesquisa), demandavam um novo olhar, não se limitando à carnavalização, (d) senti que deveria interseccionar a novas epistemologias, uma vez que o construto bakhtiniano subsidiou-me até o limite para corroborar com: a tecnogenericidade dos stickers-Libras e a cosmovisão carnavalesca. A partir disso, decidi recorrer à Ressignificação Digital conjugada à Análise do Discurso Digital, ADD, (PAVEAU, 2017, 2019, 2021) e também a necessidade de cotejar com os Estudos Queer em Linguística Aplicada indisciplinar, EQLAI, (LOPES *et al.*,

¹ Frisa-se que, na plataforma Telegram também ocorre a manifestação de stickers. Contudo, como WhatsApp é o mais popular no Brasil, ou seja, segundo o site TecMundo, desponta como mensageiro dominante, chegando a 2 bilhões de usuários, enquanto que o Telegram a 400 milhões de usuários, houve preferência em lidar com o mais popular preterindo outra plataforma.

² São variadas as definições da Web 2.0, para este trabalho, ancore-me em “[...]tem essencialmente a ver com ambientes propícios à criação e manutenção de redes sociais (abertas ou fechadas, públicas ou privadas). [...]não possui uma fronteira determinada, mas sim, um centro gravitacional, onde orbitam inúmeros conceitos e recomendações (MOREIRA, 2009, p.18). Não esquecendo dos três pontos básicos: tecnologia e arquitetura; comunitário e social; e, empresas e processos.

2022) com serventia, como se verá no desenrolar do trabalho, para interpretação e análise dos stickers-Libras.

Isso posto, e em alinhamento com essas considerações, o advento da tecnologia digital, acentuada na Web 2.0, possibilitou que o uso de mensagens tidas como ubíquas pudessem se tornar um “café com pão”, de outro modo, um hábito, para os brasileiros. A ferramenta WhatsApp(zap) possibilitou a interação entre indivíduos por meio de conversas instantâneas (MI) usando aparatos híbridos: textos, imagens, vídeos, sons, etc., de qualquer parte do mundo, conquanto que estejam conectados à internet. Notório que, se outrora as manifestações da língua(gem) ocorriam predominantemente no espaço *offline*, com a vulgarização da Web 2.0 o meio digital absorveu as multifacetadas do linguageiro humano e os sujeitos materializaram, acentuando, sua subjetificação pós-orgânica (SIBILA,2002) no limiar *online/offline*.

É primoroso, pois, situar em quais sentidos e/ou domínios evoco a questão do digital neste trabalho. Não se trata de dicotomizar digital versus analógico, tampouco elucidar a totalidade de elementos que capilarizam e se assentam no digital (práticas, usos e afins). Outra pertinência repousa em bater na tecla do digital e não de uma “digitalidade. Ora pelo construto teórico advindo de Marie-Anne Paveau que é assertiva nas pontuações atinentes ao digital, ora por entender digitalidade tal como Araújo (2016, p.52), enquanto a simples transferência de texto (sentido amplo) para a Web.

O digital, aqui, aponta para a conectividade – práticas discursivas (incluindo tecnogêneros) manifestadas em formatações e convergências da/na Web 2.0. Convém ainda antepor que, tanto uma quanto a outra mantêm (co)relação (digitalidade-conectividade). E ainda, não se trata de um terreno fixo, mas movente, tanto que a algoritmização – da vida – influencia a cultura, e isso será mais notório no instante que será apresentado os stickers-Libras. Os nós que as tecituras dos algoritmos tramam, atrelam-se aos vestígios, fragmentos, deixados pelos usuários (escritores) modelizando ou propendendo modelizar tanto objetividades quanto inter/subjetividades. Desta feita, a *Big data* (multiplataforma) WhatsApp também se insere nessa algoritmização da vida.

A “Web social”³, como também é chamada a Web 2.0, é descrita por seu criador, O’Reilly, como uma grande revolução no meio digital, pois os seus recursos

³A Web 2.0 não é apenas um conjunto de tecnologias, mas também de atributos que tem uma dimensão social: novos modelos corporativos, conteúdos desenvolvidos por usuários e metadados gerados por usuários, processos corporativos mais abertos e transparentes, simplicidade de design e recursos, produtos e processos descentralizados e participativos (Primo, 2007 *apud* Moreira, 2009, p.16).

simplificam a leitura, a produção e o compartilhamento de conteúdos nos mais diversos formatos (AMBONI; SEPINOZA, 2014). Ela também é encarada como uma nova geração de ferramentas das redes sociais (e outras) que transforma consumidores passivos comuns em colaboradores ativos de uma cultura compartilhada (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016). Atinente a sua criação, os autores, *op.cit*, assertam que os primeiros sinais desse tipo de web já apresentavam indícios no fim da década de noventa, mas somente em 2005 é que o termo Web 2.0 eclodiu, junto com seus desdobramentos.

As funcionalidades da Web 2.0 são múltiplas, todavia é necessário frisar da possibilidade de interação e compartilhamento de conhecimentos principalmente via WhatsApp. Seguindo por essa esteira, houve um boom de (co)produções e difusões de tecnotextos, aqueles circulantes no entremeio da/por meio da máquina-humano – aqui levando em conta os mais diversos aparelhos (maquinário) – conectados à rede, internet, desde sua popularização. Ratifica-se que a multimodalidade textual⁴, com seus hibridismos, bem como a “intertecnotextualidade” é presença marcante nesta plataforma seja por músicas, imagens, vídeos, *gifs*, e a partir de 2018 tivemos a emergência, além da pulverização do uso de *stickers*. De lá para cá, essa viralização acometeu os brasileiros e não podia deixar de fora a comunidade surda.

Se traçássemos uma linha temporal, há pouco, as conversas ocorriam de forma assíncrona, a febre do momento era protagonizada por intermédio de mensagens de SMS. A virada de chave, como já insinuada, ocorrera da passagem de uma Web 1.0 em que os usuários eram sujeitos passivos e por essa mobilidade se tornaram sujeitos (pro)ativos. Evidente que surdos, e não surdos, usuários de Libras também se adequaram aos novos moldes dessa rede global, quanto a isso e doutras questões em breve irei discorrer.

Neste trabalho, intentarei a problematizar um gênero discursivo digital, do cotidiano, que vem sendo usado pela comunidade surda brasileira, dando destaque para a Libras na multiplataforma WhatsApp. Nesse ínterim, não estarei lidando com a escrita de sinais⁵, até então representada por diversos sistemas de escritas (ELS), mas a atenção se volta ao uso de stickers-Libras (figurinhas de/em/ por meio da Libras em WhatsApp) aqui tomados para além de um fenômeno multimodal e híbrido, usado em rede social.

⁴ Entendida como as diversas semioses presentes nos textos explícitas e tacitamente: imagens, vídeos, textos escritos com sistema grafonêmico, gestos, emblemas e outras linguagens (discurso) à vista do círculo bakhtiniano.

⁵ No Brasil, há diversos sistemas de escritas de sinais, a exemplo podemos citar o SignWriting (STUMPF, 2005; NOBRE, 2011).

Um outro aspecto que nos é caro prestigiar é que, se antes tínhamos um corpo convalido, defeituoso, anormal ou anômalo, passível de conserto, sob a égide de um panóptico; hoje nem a forma sinóptica poderia dar conta, em razão de vislumbrarmos um corpo pós-orgânico, materializado no entremeio do *offline/online*, nos stickers-Libras. Em outras palavras, a web 2.0 proporciona um multissinóptico consistindo em que “[...] muitos observam muitos [...]”, uma vez que vivemos “[...] uma multi-interação [...]” (PINHEIRO, 2022, p.12).

Mas por quais razões é necessário manter aproximações e distanciamentos entre stickers-Libras e gêneros digitais? Algo passou a me instigar desde o dia em que minha orientadora me adicionou a um grupo de WhatsApp e me fez a seguinte pergunta: mas afinal, *sticker* é gênero ou não? Talvez ela não fizesse ideia do sentimento corrosivo, embora com fins de esmerilhar minha subjetificação, que me assolara desde aquele instante. Se eu ousasse parafrasear recontextualizando o apóstolo Paulo, foi-me dado um espinho na carne e também nas lamparinas do juízo.

Após cursar algumas disciplinas no PPGEL UFRN, estas voltadas aos letramentos e posteriormente tendo me debruçado em questões de gêneros, naquele momento textuais e discursivos, pude perceber que para se chegar a uma plausibilidade como resposta no sim ou não, poderia desencadear uma digressão quase sem fim aos teóricos que discorrem sobre gêneros. Era, portanto, necessário delimitar quais interfaces me abasteceriam de um construto teórico-analítico-metodológico, sem exaurir muito menos divagar nos objetivos propostos.

Um tanto paradoxal, porém havia um silêncio ensurdecedor que ainda insistia em tisonar meus pensamentos. Decerto que, lancei mão de uma busca exploratória nas mais diversas revistas acadêmicas tendo suporte do *Google Acadêmico* e *Connectedpapers*, e foram escassos os trabalhos que pude encontrar guarida e que lá estivesse sendo concatenada a ideia de sticker enquanto gênero (discursivo ou textual) digital. Essas tímidas pesquisas, como se verá em breve, limitaram-se a artigos científicos.

Ainda nesse mesmo fio, aqui no Brasil, acompanhando os estudos das expoentes e pioneiras nos estudos linguísticos sobre stickers Carmelino e Kogawa (2020)⁶ pude perceber que as professoras lançavam um olhar sobre os stickers e os classificaram, até então, como “enunciado multimodal”. Louros às professoras que puderam desobumbrar indagações que

⁶ No Anexo A, disponho das interconexões que se desdobraram a partir dos estudos da professora Kogawa subsidiadas pela plataforma *Connectedpapers*.

talvez permeassem e insultassem aos linguistas por razões de escassez de material a despeito desse fenômeno digital⁷.

Paralelamente em Portugal, Faria (2022) cunha a concepção de corpos-stickers, considerando a conversão dos corpos em mensagens multimodais e enviesando por teorias da semiótica social. Similarmente, não igual, considera-se neste trabalho a ideia de stickers-Libras, não apenas na tentativa de *simbiotizar*⁸ (realizar simbiose) envolvendo a cosmovisão carnavalesca relativo à cópula, como na canção de Ricardo Guimarães. A relação stickers e Libras, eclode, a priori, como justificativa de alicerçar um gênero emergente digital, tecnogênero.

Chamo atenção para o fato de que as pesquisas contemporâneas, até o momento, ao investigar os stickers apontam para algumas características linguísticas: multimodalidade, intertextualidade, marcas de humor, recurso de persuasão com caráter epitédico, caráter propagandístico, fenômeno (com adendos de – não diríamos gênero⁹), e tantas outras.

Em se tratando de um assunto ainda incipiente, as teclas que serão (de)batidas aqui tendem a ressoar e receberem ressonâncias, não unívocas, dos matizes do círculo bakhtiniano, cuja tendência se afasta de uma abordagem puramente linguística, esta por sua vez, tal como asserta Faraco (2009, p. 25), enfoca no enunciado exclusivamente como um fenômeno da língua, como algo puramente verbal, desvinculado do ato de sua materialização, indiferente às suas dimensões axiológicas.

Não seria redundante dizer que estarei lidando com as contribuições do círculo bakhtiniano, todavia esse construto servirá como uma catapulta, projetando-me para um estudo não-dualista, mas ecológico, um tanto talvez pós-linguístico proposto por Marie-Anne Paveau. Receio ter de tensionar alguns debates em torno da possibilidade de existência de gêneros digitais – será que há guarida no construto bakhtiniano? O digital se configura como esfera da atividade humana? Ora pois, o dialogismo não induz a concordâncias, mas a um profícuo embate com forças de verdades centrípetas e centrífugas.

A curiosidade epistêmica (Oliveira, 2021, p.123) de entender a emergência de um sticker que indubitavelmente é presentificado por um corpo performático, e que no cume de sua apresentação reverbera ontologias de um povo, que foi rechaçado por centenas de anos, e

⁷ De início, presunçosamente, também o denomino de fenômeno seguindo as colocações das professoras Carmelino e Kogawa.

⁸ Canção disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HFgMHe8ngb4>.

⁹ Artigo da professora Lídia KOGAWA, que recorre à sociorretórica objetivando analisar pelos pressupostos de Bazerman se sticker seria gênero. Para mais detalhes, acessar: [http< https://revistas.unilab.edu.br/index.php/mandinga/article/view/427/308>](http://https://revistas.unilab.edu.br/index.php/mandinga/article/view/427/308)

que hoje é capaz de dar um novo registro a sua língua, outrora tida como ágrafa, corrobora para uma mestiçagem, além de uma profanação aos cânones literários. Poderá o (escri)leitor depreender que há um poder difuso (Foucault, 2005) que imputa delimitações aos gêneros discursivos da Libras resguardando-se no campo literário e acadêmico. Ser indisciplinar nunca foi tão necessário. O que me apetece neste trabalho é dar atenção devida às produções populares, que se calcam na baixeza, no transperiférico, no linguageiro ordinário e no possível resgate da oralidade visual (sinalidade)¹⁰.

. A problematização que trago é: (a) qual(is) característica(s) de um gênero multimodal, tecnogênero, – stickers-Libras – podemos observar? Em se tratando da Libras cuja modalidade é visuoespacial e não oral-auditiva, (b) como o processo de resignificação (tecno)carnavalizada emerge a partir de stickers que rememoram especificidades de Surdos e se situam em criações-difusões cronotópicas (BAKHTIN, 2018)? Para mais, (c) como essa simbiose homem- máquina-linguagem concatenada com teoria Queer da Linguística aplicada e um viés não-dualista (Paveau; Costa; Baronas, 2021) oportuniza estabelecer critérios de resignificações em contexto digital? Presume-se que essas questões “nordesteará” o desenvolvimento deste trabalho.

Mas, a quais propósitos se presta este trabalho? Lançar um novo olhar para o digital/digitalidade da Libras, sob a ótica da Análise do Discurso, e especificamente presta-se a analisar a produção, circulação e interpretação de stickers-Libras. Devo preveni-los de que embora em dadas circunstâncias a tônica recaia sobre características genéricas, a acentuação recairá no teor valorativo, ecos ideológicos e se há uma cosmovisão que os “envelopam”, de outra forma, que os circunscrevem e/ou encapsulam.

Será inevitável que em determinados momentos haverá tensões, de um lado os que piamente defendem que se enveredar pelo construto bakhtiano o “discurso digital” não se sustenta. De outro, que a Web 2.0 transgride e que evoca uma nova epistemologia. O que me atija ainda mais, não a divagar em proposições desnecessárias, mas a pôr em evidência os traços que prevalecem nessa intriga de saberes.

Além das preciosas considerações, prospecto que jogar as três falanges (ADD, Estudos Bakhtinianos e EQLAI) no caldeirão das discussões culminará num prato típico de uma baixa gastronomia, com a ressalva de que ainda não recebeu tempero no campo tecnodiscursivo. Aqui, o (escri)leitor poderá se deliciar de uma cosmovisão carnavalesca que insurge revozeando a baixaria, a transgressão; conquanto, a ADD também abre espaço para

¹⁰ Para McClary e Reichert (2000,2022) a oralidade visual, sinalidade, seria as produções em língua de sinais que denotam a capacidade expressiva e comunicativa inerente ao uso visual das línguas de sinais.

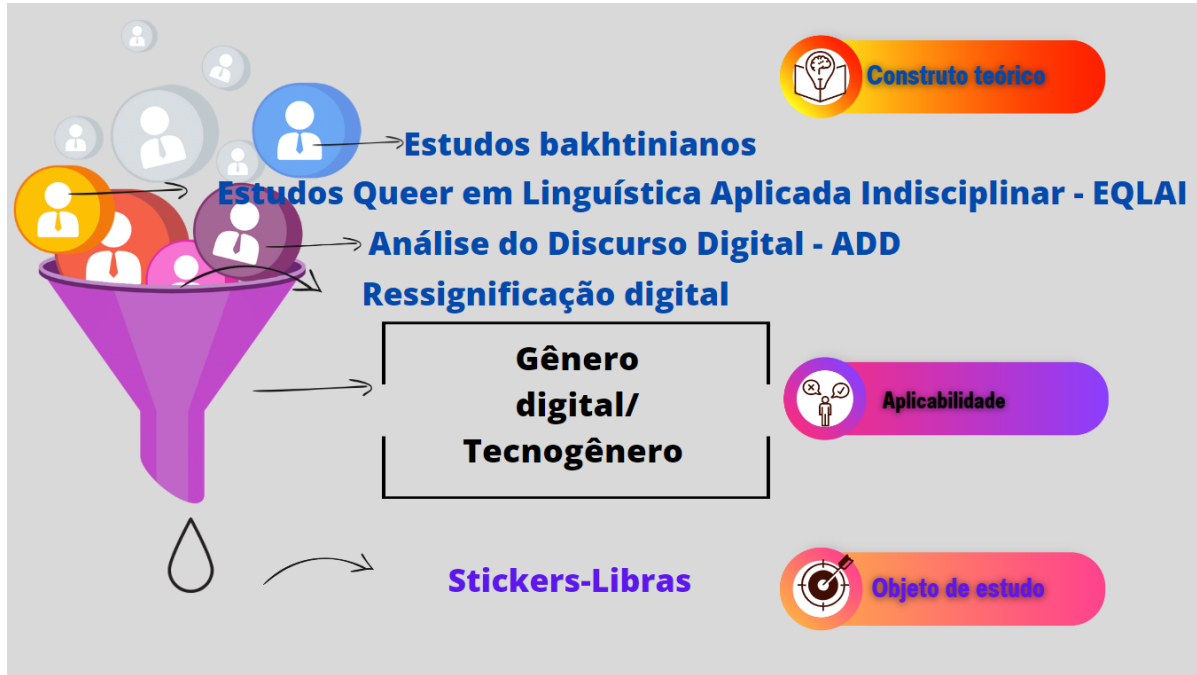
aquilo/aquele considerado nada canônico, o popular ou os ludolinguistas, por exemplo. E por fim, a Teoria Queer cai como uma “cereja de bolo”, de outra maneira, prenuncia como um telescópio que há um universo ainda a ser explorado. Por ora, este trabalho se concretiza apenas como um bom petisco, se bem que de petisco em petisco, “os bebem enchem o bucho”, isto é, a sensação de prazer e satisfação podem estar naquilo que considerávamos trivial.

Ainda nessa discussão colossal, os porquês de se tomar três ingredientes teórico-analítico-metodológicos se perfazem mediante as implicaturas que o objeto de estudo, sticker-Libras, concita: círculo bakhtiniano, dado o tratamento de materialização da língua/linguagem incidindo em dialogismo-dialético, gêneros discursivos, e carnavalização; ADD que conspira, precipuamente, para um pós-dualismo escoando para decolonialidades¹¹; EQLAI que propende a desessencializar e descristalizar a compreensão de quem somos e claro da nossa prática languageira, ensejando tomar como um dos motes, a ideologia linguística das minorias, os corpos desviantes em constante resistência contra o poder normalizador (de normas e normalidades), tais como neoliberalismo, fascismo, por exemplo; não desprezando as interseccionalidades entre gênero, sexualidade, raça, classe e agora o Ser surdo.

Ad hoc, as proposituras aqui se assentam, mormente, para a comunidade surda, e não poderiam desprivilegiar elementos visuais, uma vez que se tornam vitais para a abstração das valorosas contribuições epistêmicas aventadas. Desta feita, laconicamente, este trabalho se delinea com os seguintes elementos:

Quadro 01: Visão geral do trabalho.

¹¹ A decoloniadade opera numa (contra)reação de um folclore de negação de colonialidade. Ao levar em consideração esta perspectiva, é importante situar que decolonizar o ser Surdo implica em ver o surdo além da surdez, além do marcador linguístico, respeitando suas interseccionalidades com gênero, raça, múltiplas identidades (BENTO, 2022, p.107). Neste trabalho, o corpo sinalizante tecno performático disposto nos stickers-Libras carrega o languageiro ordinário, transperiférico, (trans)desviante no sentido queer. E ainda, um corpo remotamente anômalo e assujeitado, transicionando – hoje – enquanto sujeito de uma (a)normalidade (in) visível, rompendo, assim, limítrofes abissais.



Fonte: elaboração do autor (2023).

Do ponto de vista estrutural, a presente dissertação secciona-se em seis capítulos, além das considerações finais. No primeiro capítulo, já inicio o texto com provocações à Linguística Aplicada (LA) realizando alguns recortes sobre o ser Surdo e como este sujeito intercambiável se projeta ante a legislação brasileira. No segundo momento, subsidio-me dos Estudos do Letramento, de viés etnográfico, tal como uma ponte para me chegar ao ambiente digital. Ademais, problematizo como que as formas de escritas e leituras, e posteriormente gêneros digitais discursivos, principalmente para surdos, carecem de novos olhares científicos, uma vez que letramento visual e digital de/para surdos levando em consideração sua L1, primeira língua, destoa dos não surdos.

No terceiro capítulo, reservei o espaço para fins de um levantamento bibliográfico a despeito dos estudos brasileiros atinentes aos stickers alicerçados nas mais variadas facetas da Linguística. Douro ponto que me atinei a esmiuçar foi sobre o meu objeto de estudo, stickers-Libras, realizando interconexões com alguns recortes históricos do carnaval, dos stickers (de um modo geral) e embrenhando nos Estudos bakhtinianos, ressaltando, é evidente, alguns pontos de destaque da teorização da carnavalização e sua cosmovisão.

Ao quarto capítulo, atenho-me a explicitar sobre a Análise do Discurso Digital, bem como Resignificação digital propostas por Marie-Anne Paveau, posto que será nesse instante que estarei desvelando sobre a simbiose homem-máquina-linguagem, por essa nova

Linguística pós-dualista, indicando como o tecno (máquina) incide na escrita, nos gêneros discursivos, no texto (enunciados) e, claro, no Discurso.

No tocante a metodologia de pesquisa, reservei-a para o quinto momento, suscitando a necessidade de me posicionar sobre Etnografia Digital e as razões para tal, além de detalhar as etapas metodológicas as quais condisseram com as vicissitudes das produções de dados (corpus).

As análises de dados estão disponíveis no sexto capítulo, e além desse arrojo de elementos analisáveis, disponho-me a amplificar as aproximações e distanciamentos que os EQLAI oportunizam com os stickers-Libras. Será saliente que a maior parte das produções, por conseguinte, a circulação do tecnogênero, ocorreu em cronotopo eleitoral. E como *grand finale*, as últimas considerações se alocam no sétimo capítulo ensejando não desfechar, mas permitir novos diálogos, novos re(começos), questionamentos e desdobramentos.

Destarte, pelo exposto, prospecto que a leitura suscite, incite e instigue o/a/não-binária leitor(a) acessar camadas da Língua Brasileira de Sinais que até então estavam no abjeto. Por este instrumento, anelo que as discussões inspirem outros indisciplinados a serem “cara de pau”, ousados, a ponto de causar cisuras nas predileções epistêmicas e protuberar indolências epistemontológicas.

1 ALGUNS RECORTES SOBRE O SER SURDO E LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

No presente capítulo, será realizado um breve apanhado histórico-sócio-político relativo à Língua Brasileira de Sinais, doravante, Libras. Questões linguísticas, culturais e identitárias serão (re)alocadas num prisma da alteridade. Não me atreverei a dar conta da miscelânea de interfaces que a tríade escolhida propicia, haja vista que não é sequer escopo deste trabalho pormenorizar assuntos dos Estudos Surdos. Contudo, estarei discorrendo, na última seção, sobre um tema que me é caro, hoje possuindo apreciações diversas, além de um alto grau de complexidade – refiro-me à Educação bilíngue de/para Surdos. Essa temática abre margem para que sujeitos surdos sejam capazes de dominar tanto a sua primeira língua, Libras, quanto a Língua portuguesa, L2, e assim estarem letrados para além do letramento acadêmico; mobilizando, no nosso caso, letramento digital. As pretensões debatidas no presente capítulo buscam, sobremaneira, reciclar algumas questões que dantes poderiam ser engolidas a seco, isto é, aceitar afirmações sem sequer levar em consideração os interesses dos interessados. Fugir do etnocentrismo ouvintista, não bifurcando a preponderância do meu melhor em detrimento do deles, possibilita resguardá-los de destruições e apagamentos sócio-histórico-políticos. Acatando um adágio popular, “que comecem os jogos”, crente que este primeiro capítulo irá suscitar inquietudes, e torço para que as leituras subsequentes sejam revisitadas quantas vezes forem necessárias e que sejamos reformulados e possamos repensar no outro em vias de alteridade.

1.1 Duas décadas da Lei de Libras

Para engatar às discussões, considero indispensável me situar nos auspícios legais. Isso posto, com o advento da Lei 10.436, promulgada em 24 de abril de 2002, (BRASIL, 2002), popularmente chamada de Lei de Libras, em seu parágrafo único, o Estado brasileiro passa a reconhecer essa língua como forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Cair em cascas de bananas não seria nada prudente, por isso que não há uma (co)relação direta entre reconhecimento por parte do Estado e surgimento da língua. A historiografia do povo surdo brasileiro aponta que a Libras possui tronco linguístico na

Lingua de Sinais Francesa (LSF). A relação com a França se estabelece com o convite de Dom Pedro II ao professor francês Édouard Huet. A motivação de sua vinda ao Brasil se dava para fins de fundar uma escola destinada aos “surdos-mudos”, designação da época. Quanto a esse momento histórico, Heloisa Gripp relata que

nesta história da evolução da língua de sinais, relatamos que a Libras evoluiu no século XIX, através de registros históricos e entrou em contato com a Língua de Sinais Francesa (LSF) nas mãos do professor surdo francês E. Huet. Ele veio ao Rio de Janeiro em 1855 com a intenção de fundar uma escola para surdos e, com o apoio do Imperador D. Pedro II, fundou o Instituto Imperial de Surdos-Mudos em 1857, o atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) na capital do Rio de Janeiro. Diniz (2010, p. 23)

Partindo de uma lógica formidável, inferir que se houve um convite para fundar uma escola para surdos aqui no Brasil, significa dizer que já haviam sujeitos com essa especificidade; além do mais, é no mínimo convidativo pensar que ao chegar com uma proposta de ensino de línguas, já circulava uma “Libras” ancestral. A Libras que hoje conhecemos é oriunda da comunidade surda brasileira tendo recebido influência da LSF.

Presunçosamente, muito bom fazer uma pequena digressão rememorando uma incipiente sistematização no ensino e quiçá uma propalação da língua de sinais no país. Contudo, respeitando a licença poética, nem tudo é flores. Em outro recorte, Diniz rememora o fatídico dia 11 de setembro de 1880, em Milão, onde ocorreu um Congresso protagonizado por sujeitos ouvintes (não surdos), em sua maioria diretores de escolas para surdos mais renomados da Europa, que deliberaram sobre a proibição, do uso, da língua de sinais. Strobel também discorre e ajuda a compreender como que figurou este evento impactante para surdos no mundo inteiro,

(...) ficou decidido no Congresso internacional de professores Surdos, em Milão, que o método oral deveria receber o status de ser o único método de treinamento adequado para pessoas surdas. Ao mesmo tempo, o método de sinais foi rejeitado, porque alegava que ele destruía a capacidade de fala das crianças. O argumento para isso era que ‘todos sabem que as crianças são preguiçosas’, e por isso sempre que possível elas mudariam do difícil oral para a língua de sinais (WIDELL, 1992, p. 26, apud STROBEL, 2012, p.100)

De 1857 a 1880 se passaram 23 anos, curto período a propósito, e analogamente foi uma época de projeção eurocêntrica e de consolidação do capitalismo. Por esse fio, sou levado a crer que os surdos mal vivenciaram uma experiência de ensino de língua de sinais – como aporte de instrução – e, cruelmente, já foram tolhidos por um ideal de oralização. Evidencia-se que foi um marco catastrófico para as pessoas surdas: ouvintistas¹² usurparam o

¹² Carlos Skliar (2012) define ouvintismo como representações dos ouvintes sobre a surdez e sobre os surdos – e o oralismo – a forma institucionalizada do ouvintismo. Em suma, seria uma relação de poder vertical, absoluto;

lugar de tomada de decisões e tutelaram esses sujeitos. Convém antepor, como bem assinalado por Skliar (2012), que a opressão que sujeitos surdos sofreram, no decorrer da história, antecede este evento, embora haja incidência marcante uma vez que fora uma ação escancarada com reverberações até os tempos atuais.

Falar em assujeitamento e relações de poder, me insulta trazer, à baila as considerações foucaultianas. O congresso mencionado situa-se em época onde a ascensão de um olhar clínico afugentava os indivíduos. O olhar médico também é discutido em Foucault, visto que em 1963 o autor publica o “Nascimento da clínica, uma arqueologia do olhar médico”. O que está em jogo não se limita às práticas médicas, no seu sentido *stricto*, mas se amplia a “reconhecer que a medicina clínica era tanto um conjunto de prescrições políticas, decisões econômicas, regulamentos institucionais e modelos de ensino...” (FOUCAULT, 2008, p.100).

Esse olhar clínico medicalizante situa-se também nas considerações de Carlos Skliar, em que o logocentrismo, etnocentrismo e a medicalização da surdez e dos surdos se perpetuam além das fronteiras do discurso (bio)clínico, e invadem também o campo educacional. Para além, esse revés de consertar um sujeito defeituoso, anômalo, incompleto ao bel-prazer de um fonocentrismo não se distancia de práticas e ordens do discurso na política, veremos um exemplo em breve. Contudo, antes de abrir essas portas de discussões, ressalto que os EQLAI despontam de uma dessubjetivação e/ou desobjetificação do ser “desviante”, “anômalo” e errante, quiçá subversivo.

Em relação as ordens do discurso à foucaultiana, rememoro de maneira exemplar, e já de início, em breve exposto, um embate entre ouvintistas-inclusivistas e defensores de Educação bilíngue¹³ de/para surdos no Brasil. Nesta ocasião, uma suposta especialista tentou advogar em defesa de uma inclusão excludente. Não seria menos importante recordar que; se há poder, há resistência. Desta feita, Patrícia Rezende, líder-professora-doutora surda, protagonizou em 2012 umas das cenas mais marcantes na luta em prol de um/a Ensino/Educação de excelência para os seus pares em Audiência pública no Senado Federal.

uma ideologia dominante, além de mecanismos de colonização, opressão de ouvintes sobre surdos. Algo similar ao que a Academia Brasileira de Letras aponta como audismo discriminação e preconceito contra pessoas surdas com base no padrão da capacidade de ouvir (ABL, 2023).

¹³ Segundo a Lei Lei 14.191, de 2021, entende-se como educação bilíngue aquela que tem a língua brasileira de sinais (Libras) como primeira língua e o português escrito como segunda.

A meu apreço, tal entrechoque figura enquanto rajadas de interdição¹⁴. Na contramão uma defesa ferrenha do(a) Ensino/Educação bilíngue de/para surdos¹⁵. Observem abaixo:

Figura 01: Patrícia Rezende no Senado Federal



Fonte: imagem retirada da internet¹⁶.

Sem grandes pormenores, para os ouvintistas, o não falar (a língua oral) é um problema, um defeito que precisa de conserto. Não obstante, essa dicotomia aterrorizante de quem fala versus quem não fala enaltece outra atribuição ouvintista, o capacitismo.

Antes de avançar para outras pertinências, Diniz, *op cit*, faz um panorama de como que os pais lidam ao receberem uma criança surda no seio familiar. Rogo para que não esqueçam, portanto, do olhar clínico-terapêutico que asperge no olhar de outrem,

Quando descobrem que a criança é surda, é comum que algumas famílias se comuniquem por meio de gestos e/ou tentem trabalhar com a criança **a oralização e a leitura labial do Português**. Apesar da Libras ser a língua natural das pessoas surdas, por ser a única língua capaz de ser adquirida espontaneamente por pessoas surdas, sem necessidade de instrução, a maioria dos surdos só iniciam o contato com a Libras tardiamente, em idade avançada. Os únicos surdos que têm contato direto e precoce com a Libras, geralmente, são aqueles surdos, filhos de pais surdos, que são mais exceção do que regra na comunidade surda (Diniz, 2010 p. 49, grifos nosso)

A partir do recorte supracitado, é cauteloso que se entenda os porquês de apontar a Libras, língua majoritária de sinais do Brasil, “como única capaz de ser adquirida espontaneamente por pessoas surdas”. Primeiro que, a minha perspectiva conjugada com a da

¹⁴ Aquele(a) que não tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa (FOUCAULT, 1996, p.9).

¹⁵ Será possível observar na dissertação que, a grafia surdo ora é inserida com inicial minúscula, ora com inicial maiúscula. Quando maiúscula, enaltece a condição de sujeitos dotados de uma cultura e peculiaridades linguísticas, sobressaindo-se da condição audiológica. Já quando minúscula, além da anterior, a tentativa de banalizar a condição de ser surdo como diferença e em nenhum momento remetendo a concepções normalizantes/medicalizantes.

¹⁶ Disponível em: <https://youtu.be/ds4MsrLKM1w>. Acesso em 19 mar. 2023.

autora surda Heloise Gripp Diniz se atém para uma perspectiva socioantropológica, o ser surdo capaz de enunciar das mais diversas funções da língua(gem) por meio de uma língua adquirida espontânea e naturalmente, sem necessidade de intervenções clínico-biológicas. Segundo que, em nenhum momento há impeditivos para que surdos adquiram outras línguas, línguas geográficas de sinais, ou ainda enveredem por caminhos artificiais, ouvidos biônicos, por exemplo. E por ora, em breve será discorrido, que diferentemente de crianças ouvintes que desde tenra idade estão expostas a condições favoráveis para a apreensão de uma língua ancorada no som; a maioria das crianças surdas não, geralmente terá seu primeiro contato com a Libras tardiamente, em contextos extrafamiliares e com sujeitos não nativos.

Diante de um cenário sócio-histórico-político execrável, talvez paire a seguinte indagação: mas será que este povo não reagiu aos seus opressores? Sou coagido a dizer mais uma vez “que lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder (FOUCAULT, 1991, p.91).

A presença da cultura surda, nas sustentações de Silva (2005) delinea-se como resistência de territórios e territorialidades¹⁷. Resistência, então, passa a ter um sentido de que a comunidade surda mantém viva a língua e a cultura surda contra a homogeneização cultural de dominação (ouvintistas). Abre-se um parêntese, até sucinto, para evitar possíveis escoamentos e reduzir a epistemologia surda¹⁸ a uma compreensão dicotômica e metafísica: primeiro, não há como negar o privilégio ouvinte; segundo, sou levado a crer que o multiculturalismo não dê conta de aceitar o que Bulhões (2022), líder surdo, atesta como “ouvintes com alma de surdos”, alusão aos ouvintes aliados de surdos.

Para subsidiar essa tensão, prefiro levar em consideração a transculturalidade, uma vez que não nega nem a cultura surda, nem a cultura ouvinte, tampouco dicotomiza, tendo em vista que “...não se pode falar de uma unidade das formas de vida em seu interior, nem da separação entre as culturas. As culturas são muito mais internamente pluralizadas e externamente interconectadas em alto grau” (WELSCH, 2007, p.242).

¹⁷ Para o autor, territorialidades de resistência são as configurações de grupos sociais que a partir da construção de uma identidade cultural lutam pela sua preservação em detrimento das tentativas de subordinação, ocultação ou assimilação pela cultura majoritária

¹⁸ Por epistemologia surda entende-se “maneiras surdas de estar no mundo, de conceber esse mundo e o seu lugar ali (tanto na realidade como potencialmente valorizando a importância das relações das pessoas surdas entre si e os seus modos de narrar essa experiência)” (LADD, 2013, p. 34-35, apud FERNANDES; TERCEIRO, 2019, p.15). Aqui expandida, tanto *lato* como *stricto*, como conjunto de conhecimentos – filosofia – gerado, difundido e protagonizado por surdos e seus aliados, refutando quaisquer indícios de opressão, levando em consideração a cultura, identidade e suas mais variadas manifestações surdas.

Por que a cultura perfila grande espaço nas problematizações que se valem de análises sócio-histórico-políticas? Quais distanciamentos e aproximações são concebíveis? Como se trata de um dialogismo dialético; abasteço-me, no primeiro momento, das notas de Paulo Bezerra e logo após com as palavras de Bakhtin, permitindo um fechamento intermitente.

Assim sendo, nas concepções bakhtinianas, precisamos quebrar paradigmas, sopesando que “os fatores econômicos e sociais não entram diretamente na literatura, entram filtrados pela cultura;”. Ademais,

colocamos para a cultura do outro novas questões que ela mesma não se colocava; nela procuramos resposta a essas questões, e a cultura do outro nos responde, revelando-nos seus novos aspectos, novas profundezas do sentido. Sem levantar nossas questões não podemos compreender nada do outro, do alheio, ou de modo criativo (é claro, desde que se trate de questões sérias, autênticas). Nesse encontro dialógico de duas culturas, elas não se fundem, nem se confundem; cada uma mantém a sua unidade e a sua integridade aberta, mas elas se enriquecem mutuamente. (Bakhtin, 2019, p.19)

O que Bakhtin está dizendo encontra endereço no excedente de visão, de outra maneira o Eu por si só não consegue enxergar a si mesmo, mas carece da visão alheia a respeito de si; ou ainda, não consigo olhar (não ver) o topo da minha cabeça sozinho, necessito do outro para isso, porém há de se ter cautela para o essencial, essa visão se achega em via de alteridade. Similarmente, dialoga com as suspeitas de Alberto Faraco.

Em outros termos, é necessário que a consciência artística se libere da prisão da linguagem que se impõe como única e absoluta (conforme está discutido no ensaio Da pré-história do discurso romanesco); que se libere da hegemonia aprisionadora do imaginário de uma língua unitária e da língua como mito (isto é, como uma forma absoluta de significar) e se deixe vagar livremente pela heteroglossia. (FARACO, 2010, p. 93)

Desarmar o hegemonismo intelectual, epistêmico, cultural, incluindo o elitismo acadêmico possibilita situar-me em dois fronts, a aceitação de uma cultura gestuovisual e colocar lentes que transfiguram o olhar sobre Bakhtin, detidamente não um Mikhail pomposo, mas um “caba”, sujeito, carnalizado que destrona cânones e enaltece o remanescente. Sou suspeito a dizer, mas reconheço que me excita estar nessa encruzilhada de interfaces.

Os EQLAI nesses atravessamentos, incutam a Libras a constranger a matriz ouvintista, a questionar e a contestar lugares dantes desprivilegiados (Guimarães; Lopes, 2022, p. 72) e a dissaborear os discursos capciosos insultando-os a entrar em lutas metadiscursivas de relações de poder, como foi o caso de Patrícia Rezende no Senado Federal.

Adiante, veremos que as vitórias do povo surdo foram conquistadas a duras penas. As políticas surdas não foram benesses de governos ou do Estado, mas de uma luta constante de ativistas surdos que reuniram um bem comum: a Educação ideal que nós almejamos.

1.2 Políticas surdas insurgindo em meio ao som

Políticas elaboradas, protagonizadas, sem tutela, sem máscaras de benevolência, sem usurpação nas tomadas de decisões, evoca o “nada sobre nós sem nós”¹⁹. Protagonismo surdo em destaque, conjuntamente com aliados de surdos, configura-se terreno fértil para uma emancipação. Há pouco eram trazidos recortes históricos em que surdos eram afugentados de suas subjetificações, em outras palavras reféns de um ideal ouvintista, e sequer participavam de decisões educacionais, muito menos políticas.

Para que sujeitos surdos conquistassem espaços sociopolíticos, antes delegados apenas a ouvintes, dentre outras cousas, fora necessário comprovar o *status* de língua natural das línguas de sinais, alicerçado, porém, na perspectiva da alteridade e não da deficiência sinônimo de déficit. Ademais, foi laborioso conquistar um *status quo* de reconhecimento e aceitação da cultura e identidades surdas, fazendo-as estarem nas mesmas arenas sociopolíticas que as de ouvintes, compelidas com ressalvas, não pelo prisma da igualdade, mas da equidade.

Somente na década de 1950-60 é que as línguas de sinais entrarão da esteira dos estudos linguísticos descritivos, enquanto línguas naturais. Outrora era dado o tratamento de “língua”, em seu sentido *strictu sensu*. Foi a partir do linguista Willian Stokoe que a Língua de Sinais Americana (ASL) obteve *status* de língua natural, e a partir desse pioneirismo outras línguas de sinais, como a brasileira, puderam ser estudadas e reconhecidas.

Paddy Ladd (2003) relata que os estudos sobre questões surdas eram quase que inexistentes no século XX, a mudança viria em meados de 1980 com o surgimento de pesquisas em língua de sinais (LS) nos departamentos de estudos linguísticos. Porém, é na Universidade Gallaudet que Willian Stokoe irá comprovar que as línguas de sinais seriam línguas genuínas tal como as línguas orais, esse marco temporal desencadeou mais estudos em torno das LS. Em paralelo, rumores do retorno de práticas oralistas, filosofias antigas que

¹⁹ Nascimento *et al.* (2021, p.11) assertam que em “[...] 2018, a Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência, promulgada no Brasil como emenda Constitucional, por meio do Decreto nº 6.949/2009, sob o lema “nada sobre nós sem nós”, acrescentou a importância de “não (se) deixar ninguém para trás[...]”. A grosso modo seria o protagonismo das Pessoas com Deficiência, tomando decisões de seus próprios interesses, sem tutela ou supostos panteões.

preconizavam a fala em detrimento de sinais, assolavam os surdos mais uma vez. Mesmo diante de uma revolução científica, ao que parece, o poder dos ouvintes pairava e impregnava, além de colocar em risco o uso de LS, sem mencionar no retorno da temida proibição tal como ocorreu no Congresso de Milão.

Contudo, diante de percalços e de inúmeros desafios da linguística das LS, pesquisadores como Klima e Bellugi, Sacks e Lane abriram canais confrontando os modelos clínicos biologizantes. As áreas científicas como neurolinguística, psicolinguística e a psicologia, mesmo diante de cenários intempestivos, subsidiaram os embates para a reafirmação das LS enquanto línguas naturais.

Com relação aos Estudos linguísticos da Libras, Fabiane Pagy comenta que

no Brasil, os Estudos linguísticos da Libras iniciaram-se na década de 1980, com Ferreira-Brito (1990, 1995), Felipe (1988, 1998), Quadros (1999), entre outros, todos ouvintes. Após um certo período os pesquisadores Surdos começaram a surgir, sendo Campelo (2005) um dos primeiros trabalhos defendidos por um pesquisador Surdo no país. (PAGY, 2021, p. 19)

Ainda nessa tônica, a autora, *op cit*, discorre que são escassos os trabalhos que enveredam, por exemplo, para a pragmática da Libras. De fato, o que há de mais atual, mesmo incipiente se destaca com a apresentação de Sandra Patrícia do Nascimento, em uma live no Youtube²⁰. Contudo, ao me propor alinhar interfaces diversas neste trabalho e ao enveredar por encruzilhadas da Análise do Discurso, intento abalizar um cronotopo histórico para os Estudos Surdos e Estudos Linguísticos da Libras²¹.

Em alusão às Políticas Surdas, como já pontuado no prólogo, a lei de Libras só foi sancionada em 24 de abril de 2002, além do Decreto que a regulamenta datar de 22 de dezembro de 2005. Mas antes desse marco, a comunidade surda brasileira se empenhava articuladamente para prover “Uma Educação de Surdos que Nós queremos”. De fato, isso ocorreu nos meandros de 1999 em Porto Alegre no (Pré) V Congresso Latino Americano de Educação bilíngue para Surdos, culminando num documento indisciplinar, *i.e*, causando cisuras no hegemonismo ouvintista, a ponto de futuramente em 2002 ter reconhecimento por parte do Estado brasileiro como língua genuína oriunda das comunidades surdas do território nacional. Segundo Renata Bosse (2022. p17), antes de 1999 não havia reconhecimento da Libras e da cultura Surda nem na sociedade, nem nas escolas, tampouco publicações a despeito dessa díade, em detrimento do ensino focar na fala da língua portuguesa

²⁰ Disponível em <https://youtu.be/ndcgMw-zlzQ>. Acesso em 27 mar. 2023

²¹ As concepções sobre os Estudos Surdos, neste trabalho, dialogam com as ponderações de Perlin e Strobel (2009, p.26) entendidos como “[...] todo um conjunto de concepções sobre os surdos emergentes em diferentes teorias. Eles se expandem em linguagens na forma de como são concebidos.”

A história das Políticas Surdas brasileira foi (re) contada por Karin Strobel (2012, pp. 101-106) na obra *Um olhar sobre nós surdos*, em que todos os capítulos foram escritos por sujeitos surdos. Pois bem, nas observações da autora, o pontapé inicial ocorre com a chegada de E. Hóuet ao Brasil com a fundação do INES, perpassa a criação de Associações de Surdos, além da fundação da Feneis²² em 1987 (antiga FENEIDA), sanção da Lei de Libras (Lei 10.436/2002), e aos embates da comunidade surda com ouvintistas em 2010 que de forma escusa acusaram a abordagem bilíngue de/para Surdos como segregacionista.

Com a iminência perigosa do fechamento do INES, em 2010, e em virtude desse discurso ter se capilarizado no Ministério da Educação (MEC), as lideranças surdas insurgiram em meio ao som – Patrícia Rezende esteve na vanguarda dessa luta em prol da subversão ouvintista, não se detendo ao rechaço inclusivista-excludente, mantendo-se intransigente aos atos coercitivos de uma maioria opressora.

Como mote de decolonização, Rezende em 2022 publica um artigo na Revista Espaço nº 57 tensionando debates em torno das divergências entre militantes inclusivistas e militantes surdos: nós somos comunidades linguísticas ou comunidades segregadas? (REZENDE, 2022, p. 107). Concluindo, portanto, que a oitava modalidade da nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) – Educação Bilíngue de/para Surdos – baliza-se como inclusiva pelo fato de haver uma peculiaridade linguística surda, que como pano de fundo traz uma exigência sócio-histórico-política, estar entre pares e ter referenciais surdos (relação nativo-nativo), tal como ocorre com as comunidade indígenas, por exemplo.

Rezende insiste em bater nessa tecla, em razão de, com a permanência da funcionalidade do INES, desde 2012, e da luta constante em defesa da Educação e ensino bilíngue, transparecia que tudo estava a mil maravilhas. “*Só que não (SQN)*”, em época não tão distante, precisamente em 2021, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) publica uma nota afirmando que a Lei nº 14.191/2021²³ seria segregadora.

Nota-se que mais uma vez, que quem está dando pitaco e tentando tutelar as pessoas surdas eram ouvintes, com um detalhe, a nota possui rubrica de ouvintes (com deficiência) que fazem apologia a uma inclusão-excludente. Creem que congregam todos os

²² Em seu site oficial, A Feneis – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, fundada em 16 de maio de 1987, é uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos, que tem por finalidade a defesa de políticas linguísticas, educação, cultura, emprego, saúde e assistência social, em favor da comunidade surda brasileira, bem como a defesa de seus direitos. (FENEIS, 2021)

²³ Lei que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos.

indivíduos num mesmo espaço sem dar o aporte/suporte ideal, se caracterizaria como educação inclusiva, entretanto já está mais que comprovada a ineficácia dessa dita “inclusão”.

Para evitar possíveis desentendimentos, antecipadamente reafirmo que Educação bilíngue de/para Surdos é a inclusão-inclusiva almejada. Pois é por essa abordagem que surdos recebem aporte/suporte para protagonizarem espaços antes preteridos. Imaginem sujeitos que não dominam sua primeira língua? Como desfrutar de metalinguagem ou metadiscorso para se projetarem nas mais variadas esferas da atividade humana? Sem língua/linguagem, à vista bakhtiniana, os sujeitos não prosperam, o dialogismo dialético só se efetiva por meio dos signos ideológicos.

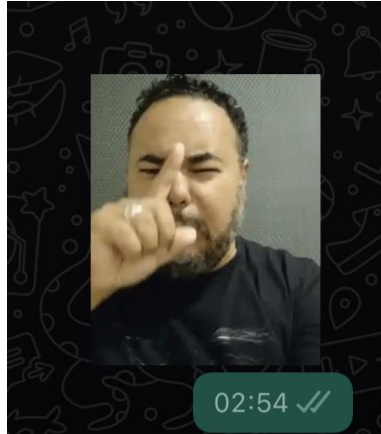
O mais agravante, se surdos não são fluentes em sua língua, passam a escrever numa suposta segunda língua, a língua portuguesa, paira então inúmeras dúvidas e na certa os letramentos desses sujeitos estarão mirrados. Então me deparo com a seguinte colocação de Quadros (2019, localização kindle 2452) que surdos utilizam a língua portuguesa como recurso de interação em redes sociais e em chats, embora recorram a vídeos em língua de sinais. Prosseguido, a pesquisadora irá ainda acrescentar que o uso mais dominante de uma língua poderá impactar na reestruturação de outra língua, nesse feixe a Libras.

Tocar em políticas de/para surdos é abrir discussões guarda-chuvas. Há diálogos-dialéticos que perpassam o reconhecimento da língua de sinais (*status quo*), expandem-se para o seio escolar/educacional e não se findam nas delimitações espaciais de sala de aula, escoam para outras esferas/campos da atividade humana. Ainda atinente a Libras e já prospectando um “rabiscar reflexivo”, quando observei que uma nova escrita da Libras estava sendo realizada no meio digital, os stickers-Libras, percebi que as relações de poder que a língua majoritária estabelecia (língua portuguesa), tendia a perder forças no instante que eclodia uma tecnologia surda, muito embora vez ou outra eu me defrontasse com este *looping* reflexivo: só é possível apreender uma segunda língua se houver predicativos de uma primeira.

Como forma de aperitivo, eis um exemplo de stickers-Libras (escrita digital da Libras) enunciando que algo é arriscado e/ou perigoso:

Figura 02: stickers-Libras perigoso.





Fonte: retirado da internet. ²⁴

Prosseguindo nessa lida, ler e escrever (escreleituras) como mote decolonial é descristalizar cânones. Insuflam, então, debates tais como: enquanto surdos possuem a Libras como primeira língua, escrevem ainda numa impositiva segunda língua ²⁵(língua portuguesa), deparam-se no cenário dos Estudos e Literatura Surdos com predominância de gêneros literários e acadêmicos (tais questões serão abordadas com mais rigor em breve), sendo direcionados a “alta literatura” ou a “grandes escritores”, especificamente, introjetar as gerações de poetas surdos ²⁶ em seus estudos (Sutton-Spencer, 2021, p.238), estes tomados como supostas referências; acabam, desta maneira, por sacralizar e possivelmente criar fronteiras interditas.

Os stickers-Libras ascendem como [...] uma nova possibilidade de construção e resgate de saberes produzidos por povos subalternizados, os quais agora buscam se colocar como protagonistas de suas próprias histórias, fugindo dos pensamentos duais impostos pelo eurocentrismo (MACHADO; SILVA, 2021, p.1210). No nosso caso, um “GeoLibrascentrismo”, uma indução a centralizar o poder a um determinado espaço de estudos, justificando-se por vezes por ser pioneiro, desbravador e não dando importância, frisa-se destaque, a estas/outras epistemologias. Um tanto suspeito, mas correndo sérios riscos

²⁴ Disponível em vídeo: https://www.youtube.com/shorts/oVeZdl6nH_M. Acesso em 15 Jun. 2023

²⁵ O Parágrafo único da Lei nº 10.436/2002, discorre que a Língua Brasileira de Sinais – Libras, não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa

²⁶ Capciosamente, problematizar epistemes, questionando valores axiológicos e relações de poder, não traz deméritos aos campos científicos já instaurados ou em processo de instauração. A excitação de se alocar em campos moventes e, assim, ora abrir/ora lançar mão de responsividade (responsável) crítica, possibilita descapitanear fronteiras científicas.

de cometer epistemicídios surdos²⁷ mesmo sendo dos supostos “Estudos Surdos” ou “epistemólogos surdos”²⁸.

Ainda nessa trama, escrever e ler – numa dimensão de letramentos –, concita questionar se de fato há uma Educação bilíngue ou se ainda paira um fosso entre a idealização e a concretude da tão almejada filosofia de Educação/ensino bilíngue. Em termos literários seria uma utopia/distopia (?). Receber uma educação de qualidade se torna um termômetro para projeções sociais, e por uma conjuntura a despeito de Educação bilíngue de/para Surdos, nota-se um croqui/desenho, ou ainda um cenário intempestivo. Para fins de efeito, segundo o último relatório da Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos (DIPEBS, 2022): *não existe, uma oferta de educação bilíngue estruturada, poucas escolas bilíngues e poucos profissionais proficientes, Surdos que não adquiriram a Libras como primeira língua, e não são alfabetizados em português escrito.*

Retomando as problematizações, majoritariamente Surdos não apreendem sua língua natural (L1) em tenra idade; ao serem inseridos no contexto educacional não são instruídos (mormente) por nativos, não há paridade; passam a enunciar em Libras, mas escrevem em língua portuguesa, sua L2. Diante dessa situação, o que dizer das escrituras digitais surdas por meio de stickers-Libras? Em decorrência disso, desconfio que seja uma resistência e, claro, mais uma resiliência histórica e agora com registro escrito. Resguardando-me de que não é um receita de bolo, quiçá um subterfúgio messiânico, apenas se trata de uma nova alternativa para atividades-meio, não atividades-fim.

²⁷ Patrícia Rezende em entrevista concedida à Pensares em Revista (RAMOS, MUNIZ, BARROS 2022, p.8), e fazendo um recorte de seu Pós-doutoramento, reformulou o conceito inicialmente proposto por Boaventura, asseverando que “Nós, surdos, temos as nossas produções sobre o que pensamos o mundo, sobre como ansiamos a escola que queremos construir, sobre os nossos projetos legislativos, e quando estas produções são rejeitadas, ou consideradas como menos científicas, então entendo ser um epistemicídio cometido em curso. Epistemicídio surdo”.

²⁸ Creio, tal como Han (2019, p.35), que o poder da disciplina tem uma linguagem diferenciada. Ele prefere ignorar carne e sangue a ferir. Trabalha com normas ou normalidades em vez de com a espada, mesmo entre os pares.

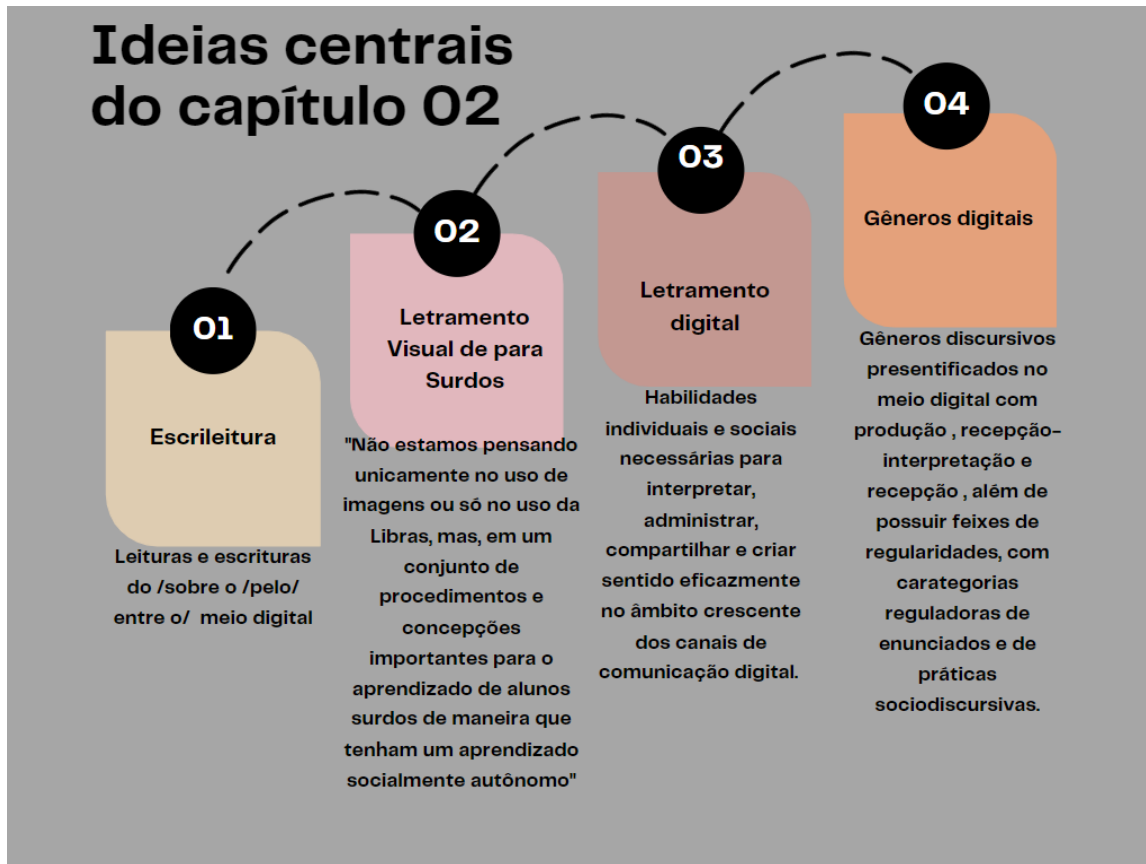
2 LETRAMENTOS SURDOS: ESCRITURAS, LEITURAS E GÊNEROS DIGITAIS

Persigo nesta ocasião a dialogar sutilmente sobre letramentos digitais, já que imergir nessa seara de web 2.0, implicando em redes sociais, insufla debates sobre as leituras e escrituras de internautas. No caso de surdos, diante da multiplicidade de letramentos que lhes são oportunos, há dois que transpassam suas vidas, na contemporaneidade, e que carecem de um olhar mais acurado: digital e visual. Dado que em função de letramentos aspergirem em leituras e escrituras, resta-me trazer à baila os gêneros digitais, posto que estes comporão o coro de vozes (re)debatidos no decorrer desta dissertação. Assim sendo, divido este capítulo em três seções discorrendo, sem exaurir, sobre as temáticas apresentadas: “escrileituras”, letramento digital, letramento visual e gêneros digitais.

No decorrer do capítulo, será possível desmitificar que o letramento visual de/para surdos possui especificidades que difere dos não surdos. Não basta disponibilizar imagens e conjuntamente com a Libras acreditar que isso figura letramento visual de/para surdos, há outras protuberâncias que sem elas o insucesso torna-se iminente. Isso poderá ser apreciado com afinco. Além do mais, escrever e/ou ler em ambiência digital evoca traquejos inerentes à Web 2.0, e o escrileitor ou se mune do bom manejo ou se arrisca a estar (des) integrado, um tanto alheio, do ciberespaço.

De modo conciso, apresento-lhes o quadro abaixo que arremata as ideias principais do capítulo, bem como traz sucintas definições que ajudarão na fluidez da leitura:

Quadro 02: Ideias centrais do capítulo 02



Fonte: elaboração do autor (2023).

2.1 Letramentos digitais, para início de conversa.

Àqueles não imersos no universo digital poderão supor que as leituras e escrituras (“escrileituras”) fora desse meio são verossímeis em qualquer ambiente, digital e não digital. Mas como asserta os autores COSCARELLI e ARAÚJO (2016), os textos digitais demandam leituras e escrituras peculiares. Necessário, a partir dessas condições, entender que as leituras que o ambiente digital oportuniza, carece de atenção para duas qualidades, (a) navegação e (b) leitura *stricto sensu*.

De forma sucinta e até romantizada, a navegação seria uma espécie de andança pelo meio digital. Lá o usuário poderá clicar, rolar e também selecionar o que deseja ver, porém para percorrer o ambiente carece ter afinidade com aquilo que se apresenta em tela, além de saber checar se as informações procedem como seguras (fato) ou não (*fake*). Já a leitura *strictu sensu* requer do leitor digital traquejo e habilidades para não escorregar em inverdades, essa leitura exige desconfiança sobre a fonte consultada, somada a uma leitura crítica que possibilite ir ao encontro de suas motivações.

Contudo, não há como fugir dos efeitos dos algoritmos²⁹, ou ainda de uma inteligência algorítmica; evitando, desta feita, reduzir algoritmos a números. Pressente-se, nesta ocorrência, um contorno de projetar tais “traquitanas” como catalizadoras da linguagem. Ou ainda, lançar luz a uma algoritmização encarada no plano pós-dual: abdicando, por ora, de uma égide de vilania (influência nas tomadas de decisão capaz de domesticar), arrebatando talvez para um plano de possibilidades e alternativas, sem sequer endossar uma ótica abnóxia. Não deixando a peteca cair, sem esquecer, e direcionando essa confluência do tecnicismo e máquina; os algoritmos³⁰ se interconectam também ao campo de estudo apregoado por Marie-Anne Paveau.

Decerto que o letramento digital demanda tanto para leitores e/ou escritores *online* uma compreensão, como também uma aprendizagem, mediada pelo exercício da metalinguagem – usam sua língua(gem) para ressignificar outras linguagens dentro da sua língua(gem) –, no qual eu considero enquanto metadiscorso. É preciso também considerar que a “escrileitura” digital prescinde um corpo pós-orgânico, tanto leitor quanto escrevente se interseccionam de tal maneira que suas fazeduras mesclam autor/autoria,³¹ deixando, por vezes, apenas rastros de suas culturas e ideologias,

como sabem, a leitura sempre é feita no presente de um corpo já tatuado pela cultura, corpo-texto que lê textos segundo critérios culturais de ler bem ou ler mal, ler muito ou ler pouco, ler trechos ou ler volumes, ler devagar ou ler depressa, ler sequencialmente ou aos saltos, ler em pé ou sentado, ler por obrigação ou ler por prazer, ler entendendo tudo ou ler não entendendo nada –, é impossível esgotar as modalidades das atuações desse corpo sempre contingente, sujeito e objeto de uma história confusa, em que pai, trabalho, dinheiro, política, sexo e morte definem relações sociais de força, sendo simultaneamente definidos por elas. (SCHAPOCHNIK, 2005, p.13)

Mas afinal o que viriam a ser letramentos digitais? Seriam então, habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016). Ainda convém suplementar que letramentos são situados socialmente e são múltiplos (BARTON; HAMILTON, 2000, p.08).

Ora, se há meios ou agências que promovam a “escrileitura” em ambiência digital, e não a vislumbramos rotineiramente, desconfio que haja uma suposta resistência em trabalhar

²⁹ Entendido como um conjunto finito de instruções que, se seguidas, realizam uma tarefa específica, e enquanto entes técnicos têm impactos na comunicação e também transformam o modo de se expressar dos humanos (REGATTIERE; ANTOUN, 2018, pp. 8-9).

³⁰ Paveau (2021, p.45) assera que mesmo os algoritmos sendo responsáveis pelas determinações, até mesmo manipulações, em larga escala que moldam nossos modos de existência, igualmente eles podem ser mobilizados para produzir textos automáticos de forma lúdica e/ou criativa.

³¹ Como meio de elucidar tais questões, submeto a compreensão autor/autoria neste trabalho com os interesses bakhtinianos de polifonia, coexistência de várias vozes autônomas (BAHKTIN, 2022, p.372)

letramentos digitais – incidindo em gêneros discursivos – nos mais diversos níveis, etapas e modalidades de ensino, além de esferas sociais, sem adentrar a seara da (des) inclusão digital.

Convém, portanto, desalinhar quaisquer embaraços epistêmicos que venham ou possam vir no instante que menciono “letramentos digitais”. Estar afinado com letramentos digitais, não significa reduzir isso às habilidades de sujeitos navegarem e/ou dominarem multiplataformas digitais, por exemplo. Se assim fosse, letramentos digitais implicariam em se arrobustarem, solenemente, de traquejos do Instagram; não é esse o caso. A ideia ou a idealização de ser letrado digital, no espectro da Educação, asperge no cultivo e no uso de conhecimentos, capaz de apreender a questionar, proporcionado um “libertar-se de si”, rompendo com bolhas pré/pós-existentes e gerando subsídios para sua autoafirmação. Confesso que queria, mas nem ousei ser nietzschiano³² nesse enquadre.

Abrindo mesmo que *en passant* um paralelo, no caso da Educação de Surdos, sou cético a proferir que não seja, ainda, tão palatável trabalhar com os gêneros digitais que ali assuntam. Para tanto, basta dar uma boa conferida no portal da Capes de Teses e Dissertações e usá-lo como termômetro, não generalizando. Será possível gerar inferências que o enfoque ainda mira numa digitalidade – transição de um gênero pré-digital transfigurando-se em digital: a prova em Libras, por exemplo. Outro indicativo, que poderia ser levado em consideração seria a formação de professores de Libras, tomando a UFSC por ser a “referência” da área, e analisando o currículo do curso Licenciatura Letras Libras (EAD, mais atual), encontra-se apenas uma disciplina com enfoque em letramentos digitais³³. Ainda na presunção, esmiuçar tais lacunas seria um buraco negro nos sugando a problematizar inúmeras questões instigantes, todavia realço que não temos sequer tempo para isso.

Passemos a analisar algo mais prático, se dermos uma boa espiada na plataforma da Editora Arara Azul, referência em publicações de/para surdos no Brasil, veremos que atenção ainda se presta a gêneros literários (em sua primazia infantis) e acadêmicos, em traduções e adaptações do folclore brasileiro e congêneres. Mas isso é bom ou é ruim? Eu vou tentar fugir pela tangente e retomar o que Irene Machado asserta, uma vez que Bakhtin encontrou na prosa combustível suficiente para explorar o objeto de sua paixão, o romance. Pois foi ali que a cultura letrada se permitiu conduzir pelas diversas formas da oralidade contra as quais ela insurgira (MACHADO, 2005, p. 153).

³² Para imergir na relação Nietzsche com Educação mediada pelo digital, sugiro o texto “A Educação versus Educação Digital na contemporaneidade a partir de Nietzsche” de Lacerda e Tedesco (2022, pp 259-272)

³³ Currículo do curso disponível em: https://letraslibras.paginas.ufsc.br/files/2023/07/cagrcug10.qrp_.pdf. Ressalto que não consegui acessar a ementa.

Notório que, se Bakhtin estava sendo indisciplinar encontrando novas alternativas – não as mesmas para tentar corroborar com gêneros emergentes –, desmarginalizando, desta feita, a prosa em detrimento da poética e retórica; abriu-se um caminho para frutíferas formas pluriestilísticas: a carnavalização, sublinho, a polifonia, heteroglossia e doutras. Dessa maneira, enquanto Irene Machado indica a *Prosificação da Cultura*, ousou em dizer que brado por uma *Tecnogenericidade da Cultura Surda*. O “tecno”, “*tékhne*”, concatenado ao gênero do cotidiano, aqui stickers-Libras, não evoca a etimologia, por ora, do tecno à luz de Kenski (2012, p.22). Ora, por essa guinada, o que não seria tecno? A Tecnogenericidade que conclamo são daqueles (gêneros) coproduzidos nos/por meio de/através de dispositivos tecnológicos: delimitado, por conveniência, neste Trabalho ao WhatsApp.

Até aqui, suponho que talvez tudo esteja bem, contudo não me conformo apenas com o digital um tanto pragmático, recobro e recaio numa pungente necessidade de aproximações/distanciamentos com o patrono da educação brasileira. Não nos é estranho que para alçarmos em questões críticas, conclamem-se as palavras sábias de Paulo Freire (2017). Este que discorre a despeito de uma alfabetização (letramento), indisciplinando-a aos ritos tradicionais e apontando-a para um processo e não a um produto, nos induzindo a uma desconfiança epistêmica. Prossigo e reafirmo que o digital aventado por uma digitalidade (conectividade da rede por meio, no nosso caso, da Web 2.0), envolto e envolvendo a algoritmização da vida, induzindo ao uso/consumo e à proliferação de informações (múltiplas semioses), requer de seus usuários proatividade, não-alienante, não-ingênuas.

Ademais, Freire nos situa em um cronotopo puramente dialógico e exotópico, abrindo margem para uma construção do eu na coletividade; de outro modo, sem o social não há possibilidades de letramentos. Ainda, esse processo suscita um passado que ainda não se extinguiu, uma realidade que ainda está em formação e que já se vislumbra indícios do futuro (BAKHTIN, 2018, p.250).

Baseado nesse contexto, na seção posterior, veremos que para surdos se imbuírem de um letramento digital, carece-lhes entrevir de letramento(s) visual(ais) *surdos*, com incidência na visualidade surda. Para melhor compreensão desta última, não se deve demarcá-la a cadeias puramente sociointeracionista; ou ainda, não é apropriado limitar-se a sentidos e significados *micros*, tal como numa semântica cognitivista; mas ao permitir diálogos com o Discurso, alargam-se possibilidades de análises e (des) aprendizados.

2.2 Letramento visual surdo, com conversa, sem apoio do som

De pronto é sabido que a língua de sinais possui modalidade visuoespacial, mudando a rota e chegando no mesmo destino, a língua de sinais recorre ao corpo para produzir enunciados e os recebem (responsividade ativa) por meio da visualidade/sinalidade³⁴.

A visualidade surda não coincide apenas com a concepção fisiológica do ver, tendo os olhos como sensor receptivo que transporta estímulos até uma das partes do córtex cerebral. Sequer com a diferença da tripartite de ver-olhar-enxergar. Mas mantém uma estreita relação com a compreensão discursiva, à freiriana seria a maneira com que eu leio e escrevo o mundo que me cerca. Os sujeitos surdos com suas experiências visuais estarão mantendo uma relação dialógica, produzindo interlocuções, até mesmo no “silêncio”, bem como sendo insultados a desvelar suas respostas à paisagem linguística/semiótica (Azzari, 2018) que os cerca, possibilitando tecer das mais diversas compreensões e interpretações.

Se apenas 5% de surdos nascem em lares de pais surdos, o restante não recebe inputs na idade certa, isso é comprovado com as pesquisas de Neves e Quadros (2018, apud Quadros, 2019, localização Kindle 2700) onde surdos irão ter contato com a língua de sinais entre os 4-18 anos de idade e a maior parte terá seu primeiro contato com a Libras na escola. Retomando as ideias sobre a Educação bilíngue de surdos, é sabido que embora os empreendimentos que aqui se debatem recaiam sobre tecnogênero e suas repercussões; a escola comum inclusiva e bilíngue, enquanto agência, apresenta-se como um grande desafio no que tange a letramentos para surdos.

Possível até afirmar, a partir de uma sutil constatação, que surdos que não tiveram ainda contato com a Libras não são letrados? Achego-me a Paulo Freire para responder tal provocação “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 2017, p.09). Para surdos uma *palavramundo*³⁵ imbrica-se à sinalidade e nuances da linguagem (o Discurso à bakhtiniana), apesar de que a leitura que estes realizam no mundo que os cercam precedam à palavra.

As línguas de sinais por muito tempo não detiveram de um sistema gráfico de escrita, caracterizando-as como ágrafas, somado a isso a lei de Libras em seu parágrafo único lastreia que a Libras não poderá substituir a língua portuguesa na modalidade escrita.

³⁴ A oralidade sinalizada ocorre por meio de enunciados da língua de sinais.

³⁵ Uma ação dialética do ser humano com a linguagem, elevando essa para a dimensão transformadora do mundo: uma *palavramundo* não se abastecer de uma mera habilidade técnica, mas projeta os sujeitos para uma ação cultural de liberdade (FREIRE, 2013, p.36)

Por suposições, creio que não há/houve uma grande aceitação dos sistemas de escritas de língua de sinais (ELS) na Educação Brasileira por motivações políticas e implicações legais, *op, cit.* Tal assertiva é reforçada por Reichert (2022, p.172), em que as ELS não são de uso cotidiano de estudantes surdos, tampouco amplamente utilizado por pesquisadores. Às avessas, as políticas surdas reverberam na curricularização de escolas bilíngues, inserindo na matriz curricular o ensino de ELS, mesmo que timidamente – uma verdadeira resistência surda, considero, além claro da escrita que insurge agora no meio digital, stickers-Libras.

O que também é preponderante salientar, calha na relevância indispensável da escrita para a humanidade, um baluarte do “tecno”, não esqueçamos. Nesse bojo, e saltando para a escrita digital discorrida por Paveau (2021, p.186), há de se atentar para o seu formato compósito, além de ser indispensável um construto que possibilite sua análise, Análise do Discurso Digital, que segundo a autora análises pré-digitais não satisfazem e/ou não são capazes de estarem à cargo de uma profícua compreensão da escrita digital. E ainda, possui padronização, formatos e formas sendo restrita de duas ordens, macro e micro, à última é resguardada as formatações de cores, tamanhos etc., a exemplo seriam as API (Application Programming Interface)

Retornando à estrada e dialogando com letramento(s) visual(ais), a posteriori letramento visual surdo, que anseio debater se além ao ambiente digital e em especial na rede social WhatsApp. Ratifica-se que o letramento visual digital e crítico requer do (escri)leitor domínio da metalinguagem, não obstante as taxonomias de aquisição da língua(gem) encapsulados por competências e desempenhos não serão/seriam suficientes. Mais uma vez enfatizo que estamos diante de um processo e não de um produto, ou ainda carece-nos ser um constante sujeito inacabado (BAKHTIN 2011, p.11).

Contrariamente, se o revozear que surdos adquirem está para o dialogismo, evocando a alteridade; presume-se que desde a infância, a relação com sujeitos diversos, com tonalidades volitivas e emocionais,

o posicionamento dialógico tangencia as perspectivas sócio-pragmática e interacionista, as quais consideram o impacto do input e do discurso dirigido à criança como fatores principais no processo de aquisição. O diálogo com as crianças começa mesmo antes de suas primeiras palavras. Pais, primos, pesquisadores, etc. se dirigem à criança como seu interlocutor, atribuindo valores, **significados aos gestos ou quaisquer manifestações enunciativas** que são aparentemente incompletas, e com uma maneira particular de falar (simplificação sintática e semântica, mudanças prosódicas, etc.). Ao mesmo tempo, a palavra da criança é retomada dialogicamente pelos pais, como palavra alheia e inserida em outros contextos (cf. Abaurre; Fiad; Mayrink-Sabinson, 1997). Seja pela linguagem dirigida à criança, seja pela palavra entendida como alheia pelos pais, as crianças estão, desde o início, mergulhadas em diferentes modos de estar na linguagem, em movimentos dialógicos e em maneiras

particulares de encadear nossos enunciados ao nosso próprio discurso e aos enunciados do outro (FRANÇOIS, 2006, p.194, apud RÉ; ORVIG, 2021).

Um primeiro aspecto que desejo discorrer é sobre os gestos que estavam, até então, situados fora parte da Libras e que agora eclode nos Estudos surdos. Rimar Segala (surdo) embora recorra a sociolinguística, enriquece as discussões sobre os gestos (emblemas). O limiar que desejo me aproximar /distanciar, desdobra-se no instante em que o sociolinguista atesta que os gestos não são apenas elementos de comunicação como as expressões verbais, os pensamentos e sentimentos através do corpo, mas também são elementos da cultura (SEGALA, 2021, p.19).

O que corrobora com minhas desconfianças, ao me posicionar no campo da Análise do Discurso, algo além da situação inatista: que mesmo a criança não recebendo inputs em língua de sinais, a linguagem (discurso) serviria com um envoltório (adormecido?) ou em linguagem da biologia de um substrato aguardando o produto. Contudo, não estamos diante de um homem-máquina à cartesiana, sem o outro não haveria envoltório, sequer substrato, delego essas e me achego a uma cosmovisão dialética- dialógica- ideológica.

Outro fator relevante, reside no fato de haver um grande diferencial na escrita, até então de surdos, dado que os sujeitos devem falar em língua de sinais e escrever em sua segunda língua, a língua portuguesa. Pressinto que tal arquitetura relaciona-se à abordagem, proposta, ou ainda metodologia de ensino bilíngue de surdos calcadas na Educação Bilíngue. De antemão, devo ressaltar que não há posição contrária ou resistente ao fato de surdos falarem em sua primeira língua e escrever numa segunda, tanto é que nos dados analisados, no capítulo seis, veremos que ainda persiste uma interação bilíngue nas conversas ordinárias de WhatsApp, muito embora minhas inclinações não se atenham para este fator, meu objeto de estudo se perfila para/ por meio de stickers-Libras.

Convém, portanto, antes de retomar questões relacionadas às “escrileituras” de surdos, sublinhar o que seria Educação bilíngue de/para surdos. Em relação a esse contexto, Nascimento *et al.* (2021, p.12) versam que Educação Bilíngue de surdos atrela-se

“[...] a um ensino essencialmente VISUAL das línguas envolvidas e comporta dois aspectos fundamentais: (i) o ensino **EM** Libras, isto é, mediado PELA Libras, como língua de ensino, instrução, comunicação e interação e PELO português escrito, como língua de instrução, presente somente nos materiais didáticos, textos impressos e em suportes visuais; também (ii) o ensino **DE** duas línguas: da Língua de Sinais Brasileira - Libras ou LSB, em todas as suas formas de representação (articulada e escrita), e do português, na sua representação escrita. (Grifos dos autores)

Na arena acadêmica (escolar) a língua de sinais, Libras, obrigatoriamente deverá ser protagonista, ao passo que o português escrito estará sujeito ao plano complementar. Caso contrário, o fracasso escolar de surdos se perpetuará em larga escala, impactando diretamente os múltiplos letramentos de surdos. Essa situação alarmante foi explorada nas pesquisas da professora Patrícia Rezende, que além de vários trabalhos científicos que arrolam sobre a problemática, em sua entrevista³⁶ ao Jornal, cearense, O Povo, sendo traduzida para o português por mim, alertou que 80% dos alunos surdos não conseguem concluir o Ensino Médio, além de 40% desses alunos estarem na Educação de Jovens e Adulto (EJA). A pesquisa da professora surda se fundamenta nos dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), no censo escolar.

Com fins de esquadrihar os achados já existentes aos propósitos aqui aduzidos, e como já bem assinalado pela DIPEBS, o Brasil está aquém de uma verdadeira Educação bilíngue de surdos, os dados são alarmantes. O que me resta crer que além de políticas educacionais³⁷, atentando-se para as linguísticas, que o digital pode ser um dos recursos mitigadores de tais reveses, não induzindo a crer ingenuamente que se trata de um remédio com propriedades salvacionistas, mas como um catalisador. Saio na dianteira e infiro que os (tecno) gêneros discursivos podem e devem ser levados a cabo pelas instituições de ensino – diligenciando-se aos letramentos.

Entretanto, como resistir a um poderio que não se compreende? Por caminhos, segundo Foucault, à luz de análises jurídicas ou políticas? Não. De onde pode haver uma força-motriz que subsidie mudanças na Educação de Surdos, no tocante a Letramentos visuais e digitais? Uma alternativa seria pelos vieses não substancialistas, mas relacionais, já que o poder, *per si*, não é algo tangível, mas se manifesta, atua, funciona e se capilariza em práticas (VEIGA-NETO, 2003, p.147).

No resgate de práticas escritoras de surdos, tomadas como resistência e resiliência, conduzidas com a mudança drástica que o advento da web 2.0 propiciou, uma vez que surdos poderão escrever na sua própria língua, língua nativa ou L1; cismo que os processos de letramentos (digital, visual e correlatos) em que surdos de faixa-etária diversas – gênero, classes sociais e níveis acadêmicos – irão percorrer carecem de mais atenção, principalmente com os aportes da Linguística Aplicada.

³⁶ Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/reportagens-especiais/paginas-azuis/2023/04/29/patricia-rezende-80-dos-alunos-surdos-nao-conseguem-concluir-o-ensino-medio.html>. Acesso em: 29 maio de 2023.

³⁷ No trabalho das

Nessa perspectiva, períodos, estágios e subdivisões caem por terra, dado que letramento é um *continuum*, não uma etapa que todo sujeito deve passar e que está emoldurada por teorias *in vitro*. Vejam bem, se um surdo adquire a Libras com 15 anos de idade, isso o facultaria não ser um bom enunciador em sua língua³⁸? Na Associação que faço parte, não foi tão raro me deparar com sujeitos que passaram por privações linguísticas e com o tempo “superaram” o tão assombroso período crítico de aquisição e conseguiram não só usar a língua (gem) para fins de comunicação (um grande mito apregoado), mas para fins de palavramundo e palavra-viva; de outra forma, à bakhtiniana a palavra enquanto instrumento de poder e ideologia, e à freirianiana a palavra como forma de libertação e tomada de consciência (ASSUNÇÃO; SOUZA, 2019).

Seja o surdo letrado-alfabetizado (por oralidade, escrita e leitura) ou não, em ambos os casos, a visualidade é inerente a esses sujeitos. Não ouso, de alguma ou outra maneira, abrir precedente para interpretar que surdos não necessitam se apropriar de sua língua em tenra idade, não é disso que falo.

A língua como bem assegurado, situa-se no campo ora da decolonização, ora da subjetificação e é somente pela visualidade que o surdo poderá re(significar) o mundo em que vive, interpretando-o e desvelando seus valores por meio da língua(gem) na forma oral (sinalizada) ou escrita nos mais diversos registros.

Mas o que de tão diferencial há no letramento visual de/para surdos? Nascimento *et al.* (2021, p. 21) asseveram que implica registrar que a língua de ensino, o conteúdo, o texto, a leitura, a metodologia, o currículo passível de ser ministrado em língua de sinais para os estudantes essencialmente visuais, devem e precisam ser visuais. E ainda prosseguem, que as avaliações, as estratégias e atividades devem primar pela visualidade.

Macedo (2017, p. 28) por esse rizoma também agrega que quando falamos em letramento visual, não estamos pensando unicamente no uso de imagens ou só no uso da Libras, mas, em um conjunto de procedimentos e concepções importantes para o aprendizado de alunos surdos de maneira que tenham um aprendizado socialmente autônomo.

Como tentativa de arrematar as colocações articuladas até o momento, além de adiantar o que será melhor dilucidado nos capítulos e seções posteriores, pressuponho que realizar um fechamento, passível de novas aberturas, levando em conta o que acaba de sair do

³⁸ Não se deve olvidar que, surdos que nascem em lares de pais não surdos convencionam uma língua(gem) emergente, como bem assinalado por Quadros (2019, localização Kindle 1191), tal feito se configura como uma resposta às pressões de (não) aquisição. Ademais, a Libras não é a única língua de sinais do Brasil como será pontuado, os préstimos à Libras são devidos a sua proliferação e usabilidade no cenário brasileiro, sendo, portanto, a língua majoritária de sinais.

forno sobre Ensino de Libras como L1, primeira língua de surdos, seja salutar e enriqueça nossas atuais e futuras problematizações. Dito isso, elencarei alguns pontos da competência específica dois, do material Ensino de Libras como L1, volume 5, atentando-me a três habilidades, de cinco, seguindo as colocações de Stumpf e Linhares (2021 p.49):

Identificar os tipos de registro e os diversos gêneros de textos em Libras, sejam (corp)orais, em escrita de sinais ou em vídeos, incluindo as produções multissemióticas

Compreender e utilizar a Libras em sua forma (corp)orais de maneira adequada às situações comunicativas e aos contextos de produção.

Compreender e utilizar o sistema de escrita de línguas de sinais para registro, uso e difusão da Libras em suas diferentes formas de expressão, com implicações na alfabetização e no letramento de alunos surdos em língua de sinais.

Percebam que há prerrogativas de explorar diversos registros da Libras, além de compreender e utilizar, grifem a palavra (corp)orais, talvez em alusão a gêneros corporais-orais/sinalidade (a dita oralidade de/para surdos, até então discorrida). Levando em consideração a web 2.0, denominarei aqui de gênero com característica (tecno)corporeificação performática, isso será abordado no capítulo três desta dissertação.

Outra questão pungente, culmina nessa insistência de compreensão e utilização do sistema escrito que incide na alfabetização e letramento em Libras de surdos. Eu ousaria retificar para além de sistemas escritos, incluindo multissemioses, hibridismos e tecnologias. Porquanto que as “escrileituras” se concatenam diretamente com letramentos, receio da necessidade de reaver tais implicaturas e não enquadrar em sistemas de escritas, mas modulando para manifestações emergentes de escritas, ou ainda pretensos sistemas não?

Teço ainda mais provocações, será que as línguas de sinais geográficas, ou emergentes e /ou indígenas³⁹ já possuem um sistema de escrita rebuscado? Ou ainda prevalece a sinalidade? Para mais, seria um problema? Persisto, somos emoldurados por imposições elitistas de escrita e ignoramos as exigências sociais? Já não passamos por modificações bifurcadas sincrônicas/diacrônicas? Sou tomado por otimismo e crente que o digital poderá figurar como um catalisador de uma linguística popular, aquela que não despreza ou ignora as necessidades dos utentes (falantes), sequer preterindo muitos e selecionando alguns poucos, taxando-os enquanto enunciadores de referência⁴⁰.

Mas e agora com os stickers-Libras? Será perceptível que surdos, nesse instante, passam a registrar a Libras numa nova espécie de escrita, a escrita digital, ou como será posto

³⁹ Soares e Fargetti (2022) realizam uma cartografia de língua de sinais indígenas no cenário brasileiro. O trabalho pode ser consultado em: <https://x.gd/nTNp1> . Acesso em: 20 maio. 2023

⁴⁰ Para saber mais, consultar o *corpus* disponível em: <https://corpuslibras.ufsc.br/publicacoes>. Acesso em 23 maio. 2023.

adiante a tecnografia. Deixo mais um convite para percorrer nessa jornada, dado que a morte aqui não deverá ser a do gato, mas da sua curiosidade. De outra maneira, não aniquilo o transperiférico, o translocal; pelo contrário, o bizarro, o imoral, até mesmo o infame será digno de louvor. “Cisurar” contrapondo os discursos envolventes pela ótica dos EQLAI, torna-se inescusável e urgente, [...] uma vez que os textos (discurso) também carregam normatividades, ideologias e história de uso que envolve questões cruciais de poder (BAUMAN; BRIGGS, 1990, apud GUIMARÃES; LOPES, 2022, p.61)

Saliento e enfatizo, vamos cirandar sem matar gatos, mas a nossa curiosidade (epistêmica?).

2.3 Gêneros digitais ou gêneros discursivos digitais, similar ou genérico?

Não intento, por ora, a conjugar gênero textual barra discursivo – textual/discursivo. Salienta-se que este viés não anula, reduz, abdica ou causa cisura entre texto e discurso. Não se trata de uma escolha taxonômica, mas de uma condição epistemológica ofertada aos que imergem e se circunscrevem nos ideais do círculo bakhtiniano e na ADD. Os enunciados, tecnotextos, tomados aqui possuem materialidade discursiva. Outro fator incitante, são as de/limitações que uma possível linguística textual travaria perante as múltiplas semioses que podemos ora considerar como texto, ora como discurso.

Em suma, a multimodalidade palco para diversas deliberações de análises, aqui por si só não abasteceria a magnânima dimensão de gêneros circunscritos/conscritos em ambiência digital.

Veja, tal decisão é influenciada de leituras das obras do círculo, traduzidas para o português, além da colaboração de duas imperiosas mulheres que se prestam a imergir na cosmovisão do círculo; Penha Casado (professora que indicou excelentes referências) e outra que apenas me delicio com suas apreensões, Roxane Rojo. Esta última, insulta os inclinados pelos Estudos Bakhtinianos a saírem de cima do muro, de outro modo discorre da seguinte maneira.

O que interessa nessa abordagem são os **efeitos de sentido discursivos**, os **ecos ideológicos**, as **vozes** e as **apreciações de valor** que o sujeito do discurso faz por meio de enunciados/textos em certos gêneros que lhe viabilizam certas escolhas linguísticas. Por isso, os gêneros são estudados. Não importam tantas as formas linguísticas ou a dos textos em si, para relacioná-las aos contextos, mas o desenvolvimento do tema e da significação. Por isso, os bakhtinianos referem-se aos gêneros como **gêneros de discurso** e não como **gêneros de texto**. (ROJO; BARBOSA, 2015, grifo das autoras.)

No instante que a autora aponta para tema e significação, estão subjacentes questões de valoração e ideologia; para além disso, é situado no contexto heurístico do círculo que desejam pensar os processos e produtos culturais a partir de uma base materialista e histórico-social (FARACO, 2009.p 28). Aqui os gêneros incutem contextos situados sócio-histórico-culturais, implicando-se em ideologias, e pulverizados em esferas de comunicação humana, não se tratando, portanto, de exemplos hipotéticos, mas figura-se no real, no uso e na prática.

Apresentadas tais considerações, pretendo, a partir desse instante, realizar um breve “escalar mnemônico”, relatando um pouco de uma experiência cronotópica que deu sustentação ao que me propus investigar. Logo adiante, retomo as discussões sobre o objeto de estudo pretendido, stickers-Libras.

Para surpresa minha, estive atuando em uma qualificação de dissertação de uma amiga surda, no ano de 2022, enquanto tradutor, e após o término sua coorientadora estendeu um convite a mim e disse que queria que eu estivesse presente no lançamento de seu livro que seria a noite. Algo iria mudar a minha perspectiva em relação ao que estava me deleitando, mas aquele fantasma insistia em me assombrar— seria de fato sticker gênero?

Eu atuei naquela noite e interpretei a apresentação do professor surdo, que por coincidência também se alinha a Linguística Aplicada. Reichert (2022) ao me apresentar o capítulo do livro que ele tinha escrito, me deixou com curiosidade ouriçada. Então resolvi comprar um exemplar. Em determinado parágrafo, o autor recorria à sua tese de doutorado e afirmava que a tecnologia propiciava uma manifestação da escrita surda. De outro modo, as tecnologias de audiovisual, a exemplo o Youtube, permitem que surdos deixem registrado suas escrituras⁴¹.

Pensemos agora na plataforma WhatsApp, no primeiro momento supus que os stickers seriam apenas textos multimodais do gênero *chat*. Esse enquadramento, premissa, poderia ter suficiência nas escrituras de pessoas ouvintes (não surdas) que têm como língua materna (L1) a língua portuguesa, prospecto refutar essa possível ideia (adiante). Porém, ao refratarmos a compreensão de cultura surda, e claro na baliza dessa cultura está a língua de sinais e sendo esta a primeira língua, língua de interação sociocultural desse povo, os *stickers* para o povo surdo se vale de um novo tipo de escritura, as escrituras da Libras.

⁴¹ Seguindo o mesmo percurso do autor e salientando que há quatros sistemas de escritas de sinais no Brasil, sendo o mais conhecido o *SignWriting*, não será levado em consideração por não serem práticas usuais cotidianas, tampouco amplamente usadas por pesquisadores, além de haver resistência política que ocasiona um definir na curricularização.

E se estamos diante de escrituras, estamos diante de textos e logo de gênero; porquanto, fala-se e escreve-se sempre por gêneros e, portanto, aprender a falar e a escrever é, antes de mais nada, aprender gêneros (FIORIN, 2011, p.53).

É certo que o gênero discursivo possui 3 elementos constitutivos: tema, composição e estilo. Ao tema é dada a compressão do domínio de sentido que ocupa o gênero; já para a composição, o modo de organizar o texto, de estruturá-lo; quanto ao estilo, seleção de certos meios lexicais, fraseológicos e gramaticais em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado (FIORIN, 2011, p.49).

Ainda na tecitura do chat (bate-papo), evoco as considerações de Volóchinov (2019, p. 270-271) que levando em conta a questão de acabamento de gênero⁴² discorre sobre bate-papo de salões de festa, conversa de vizinhos, conversa entre marido e mulher, festas urbanas, conversas informais na hora do almoço, etc. O que me induz a inferir, além da identificação do campo cotidiano, que a comunicação verbal desse mesmo campo terá suas “idiossincrasias”, releituras e ressignificações; não sendo, portanto, um mesmo “balaio de gato”, igualando tudo e todos sem distinção, tampouco desconsiderando sua heterogeneidade.

Então, ao propor um olhar direcionado para os stickers enquanto gênero discursivo, tecnogêneros posteriormente, os propósitos se amplificam, rompendo com epistemes genuinamente centrípetas, passando a se direcionar à centrífugas (heterogeneidade). Reduzir stickers à quimera, seja lhes enquadrando apenas como memes ou os tratando como fenômenos, nos impossibilita de lançar mão de novos diálogos (éticos, estéticos e gnosiológicos). Estes por vezes, nem com concordância, nem com consenso, mas replico, com alteridade.

Retomando as discussões para os stickers nato-digitais e conduzido por fiações rizomáticas, não poderia deixar de registrar alguns tensionamentos. Isso posto, Araújo (2016, p.51) ao recorrer ao construto teórico do círculo bakhtiniano asserta que,

Tais expressões (gêneros digitais e esfera digital) não se sustentam como conceitos, sobretudo se a base epistemológica do analista do gênero for bakhtiniana. De acordo com Bakhtin (2000) gênero e esfera são conceitos que se interpenetram, porque os primeiros organizam as necessidades enunciativas dos sujeitos que participam de determinada esfera de atividade. Assim, o discurso jornalístico recebe este nome por ser uma prática instanciada por uma esfera de atividade humana cujos gêneros são postos em cena para atender às necessidades dos que atuam a partir desse lugar social.

⁴² Para Volóchinov, o acabamento de gênero corresponde às particularidades ocasionais e singulares das situações cotidianas (2019, p.270). Pensemos nesse acabamento inteirado ora como estilo, ora com o próprio gênero.

Em suma, para Júlio Araújo, as esferas da atividade humana estariam, em parte, bem representadas no diagrama abaixo:

Figura 03: Esferas da comunicação segundo Araújo



Fonte: retirada de Araujo (2016, p.52)

À vista disso, os motivos de retratar *gênero discursivo* digital e não *gênero digital*, a priori, em alguns momentos neste capítulo, resulta da abordagem facultada de Júlio Araújo aos trabalhos do círculo bakhtiniano. De outra forma, como a base teórica-metodológica advém do círculo, houve preferência em lidar com o termo discursivo (do discurso) não o sublimando, por ora. Mas ao adentrar na cosmovisão carnalizada, farei um decalque e manterei laços discursivos tanto com Bakhtin, como com Paveau, e nesse instante receio ter de travestir essa implicatura lançando mão de gênero digital e/ou tecnogênero.

Passada essas debutantes proposições, sinto-me no dever de “clique na tecla F5”, realizar uma atualização, na linguagem cibernética. Proponho-me a partir do capítulo quatro, adentrar em uma nova epistemologia, cunhada como pós-linguística e dotada de essência decolonial, dado que põe em xeque o conhecimento hegemônico, ou ainda um cosmopolitismo científico (PAVEAU, 2023, pp.10-17).

Essa faceta de resistência para o campo do Discurso, porventura, traz mecanismos de desopressão: colocando na arena discursiva práticas languageiras dantes preteridas ou “ilhadas”, restritas, ao sul global – ou ainda linhas abissais – no cerne epistêmico. Um novo *savoir-faire* eclode nos estudos da Análise do discurso (AD francesa): ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL (ADD) proposta por Marie-Anne Paveu. Como se trata de uma nova

abordagem científica, a intenção é realizar um coito entre AD francesa (ADD) e Estudos bakhtinianos, bem como um breve caso amoroso com os Estudos Queer em Linguística Aplicada Indisciplinar, aqui convencionados de EQLAI somente a título de agilidade no arrojo textual, frisando que em nenhum momento os expoentes Moita Lopes *et al* (2022), cunham ou se portam dessa forma.

Nas (re)tomadas do construto bakhtiano, geram possibilidades de subsidiar a compreensão de sticker enquanto gênero discursivo, além de propiciar categorizações de análises, esta última *per si* será posta no capítulo de análise de dados. É como se o círculo bakhtiniano me desse passagem até certo limite, e a partir desse platô necessito da colaboração de outras epistememes; assim sendo, a ADD e EQLAI veio a calhar não só na ratificação de stickers na qualidade de gênero, mas possibilitando novos olhares, novas apreciações.

Retomando o engate a despeito da ADD, convém salientar que a autora emprega o termo *discurso digital* (tecnodiscurso) para se referir aos discursos propalados na Web 2.0 e gêneros dispostos na WEB 2.0 como tecnogêneros. Isso posto, no próximo capítulo abordarei a questão dos stickers e sua amálgama com gêneros discursivos, além de sua coexistência com uma nova assunção, os stickers-Libras. Encalçados nos multidirecionamentos, quer seja da AD ou ADD, quer seja de epistemologia surda, a refração do meu olhar, enquanto ouvinte, compele-me a obrigação de recorrer à indisciplinaridade e transgressão, por isso talvez essa proposição de carnavalizar não só os dados, mas a escrita, em dadas circunstâncias, deste trabalho.

3 STICKERS, CARNAVAL E CARNAVALIZAÇÃO, UM BREVE DIÁLOGO

No presente capítulo, empenho-me a atestar, enviesado precipuamente pelo cabedal bakhtiniano, que os stickers sofreram digitalidade⁴³ e se perfazem, em tempos atuais, enquanto gêneros discursivos. Antes, caracterizavam-se como figuras coladas em ambientes urbanos, e num dado momento introjetam o seio digital, configurando-se por enunciados discursivos, que interconectam as mais diversas esferas da atividade de comunicação humana, dissipando-se, especialmente, por meio da multiplataforma WhatsApp.

De outra forma, nada foi criado ao acaso, foi necessário (co) existir um dado sticker urbano e que no decorrer do tempo sofreu/pôde sofrer alterações, escoando na esteira da digitalidade. Tal preceito indica que um dado gênero é/pode ser passível de ser acometido tanto por “intergenericidade” quanto “fase parasitária”. A intergenericidade diz respeito à tradição e inovação, num fluxo ativo e constante. Já a “fase parasitária”, uma fase antropofágica, extremamente ativa a criar um espaço paralelo, alternativo, envolvendo esforços de alteração ou de redefinição da esfera (campo) de produção. Tal façanha, por assim dizer, ratifica a digitalidade dos stickers, carregam lastros do passado, mas se imbuem de novas fazeduras.

Em face disso, os stickers-Libras emergem com reticularidade possibilitando, além de outros incrementos, novos registros da Libras. Perante as múltiplas facetas genéricas que estão inframencionadas, as que se sobressaltam aos nossos olhos são as que constatei: ressignificação e (tecno)carnavalização, isso será evidenciado nas seções deste capítulo e retomadas em capítulos posteriores.

O capítulo apresenta um estudo que não se en(cerra) de afirmações categóricas ou presumidamente finda em conclusões a respeito de gêneros discursivos digitais, posteriori, tecnogêneros. Mas, almeja-se pôr em debate questionamentos, dissensões epistêmicas, e claro, carnavalizar os (contras)sensos.

Por vias de realizar um levantamento bibliográfico sobre stickers de WhatsApp, para alguns o estado da arte, além de fazer razoáveis digressões a respeito dos stickers e carnaval; aproveitando também para explicitar brevemente sobre carnavalização consoante Bakhtin, e por conseguinte um recorte histórico do carnaval, conduzo os textos destas seções sobre três gradientes preponderantes e intercambiáveis: carnaval, carnavalização e stickers-Libras.

⁴³ Transposição do meio não digital para o digital.

As colocações aqui assentadas introjetam passagens de embarque contextual por via dos três elementos supracitados. Com ressalvas, estas não se esgotam, permitindo, assim, percorrer as possíveis, e incipientes, manifestações de carnavalização sinalizadas em Libras. Ademais, *sine qua non*, pretende intersecionar o tecno a carnavalização (“tecnocarnavalização”) e, *a posteriori*, desembarcar nos stickers-Libras apresentando algumas características desse tecnogênero.

Para efeitos de sanar quaisquer intenções de curiosidade epistêmica, revisitações, apreço ou ainda no interesse de realizar um *looping* reflexivo, abaixo sistematizo as principais ideias do pretense capítulo que servirá com um nortear/sulear para os leitores críticos.

Quadro 03: Ideias centrais do capítulo 03



Fonte: elaboração do autor (2023).

3.1 Stickers de WhatsApp, o que já temos ou sabemos?

Antes de iniciar as discussões em torno de stickers, considero indispensável dar subsídios para que nos situemos e entendamos em que pé estão os estudos sobre os stickers de WhatsApp no Brasil, aqueles tomados como objeto de estudo das mais variadas facetas da linguística.

Nesse sentido, torna-se primoroso através de uma revisão de literatura responder tais questionamentos: se há trabalhos publicados sobre o assunto, que aspectos já

foram abordados e quais são as lacunas existentes na literatura. Dito isso, ter um panorama do que já se tem desenhado nacionalmente em pesquisas permite abrir espaço e evidenciar que seu campo de conhecimento já está estabelecido, mas pode e deve receber novas pesquisas (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 79). Desta feita, notar-se-á que as pesquisas que abordam stickers de WhatsApp, até então, detêm-se a enquadrá-los na multimodalidade/multissemiotividade. Na mesma face da moeda, aqueles que os tomam como gênero textual, prestam suas atenções, por vezes, em características puramente linguísticas, com enfoque nas genéricas.

Este trabalho, por sua vez, entra no rol do pioneirismo ao conjugar aportes teóricos já consolidados em outras áreas, mas traz a diferença de pôr em evidência a Libras, com o reforço de dar importância aos atos de materialização da linguagem, valores axiológicos e tonalidades volitivas (Análise do Discurso).

Isso posto, realizei um cruzamento de informações por meio de uma busca exploratória com as seguintes palavras-chaves: stickers ou figurinhas de WhatsApp. Para efetivação dos meus intentos, recorri ao sítio de duas plataformas, Google Acadêmico e *Connectedpapers*, tomando o interstício 2020 a 2023. O período selecionado mantém relação direta com a ascensão desse tecnogênero, e não custa lembrar que estes emergiram no WhatsApp em 2018, tais detalhes serão melhores discutidos nas seções subsequentes.

A escolha por essas plataformas de busca se justifica por (1) ser um estudo incipiente e que ainda são escassas as publicações em estratificações de qualidade⁴⁴ e de excelência internacionais (Qualis A1, por exemplo), bem como (2) trata-se de plataformas mais palatáveis e que proporcionam uma varredura um tanto célere, (3) além do fator pessoal conveniência.

Referente aos critérios de categorização, três possibilitaram uma melhor compreensão das arquiteturas das pesquisas (concluídas ou em andamento) em que estas avistam nos stickers possibilidades de manifestação da língua/linguagem, além de propiciar avenças e desavenças com o escopo deste trabalho, stickers-Libras.

Assim sendo, delimiti-as em (i) AUTOR(ES) E TITULAÇÃO, justificando-se porque os pesquisadores com titulação de graduados (além dos graduandos) tiveram posicionamento dessemelhante aos autores mestres e doutores; (ii) TÍTULO DO

⁴⁴ Realizou-se uma busca em plataformas como Scientific Electronic Library *Online* (SciELO), Bibliotecas Virtuais, Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, dentre outras. Notou-se então que, nenhuma delas satisfizeram as necessidades, fazendo com que o olhar fosse direcionado para os sítios Google Acadêmico e/ou *Connectedpapers*. Desta feita, as duas últimas plataformas escolhidas possibilitaram subsidiar o estudo em questão.

TRABALHO/ ANO, fundamentando-se devido as delimitações dos temas pesquisados , assim dizendo, incitando afunilamento de assuntos verossímeis ao objeto de estudo pretendido e (iii) OBJETIVOS DO TRABALHO, isto é ,compreender sob quais intentos os autores se debruçaram em suas pesquisas.

Destarte, logo abaixo elaborei um quadro com os trabalhos publicados sobre stickers de WhatsApp desde o ano de 2020 até a conclusão desta dissertação. Será possível notar que todas as publicações são do gênero artigo científico. É interessante ressaltar ainda, que até o presente momento não me deparei com dissertações ou teses direcionadas para os estudos linguísticos formais, sequer para as práticas discursivas, no caso Análise do Discurso e suas ramificações.

Quadro 04: Panorama dos estudos sobre sticker de WhatsApp no Brasil (2020 a 2023).

AUTOR(ES) E (PRETENZA) TITULAÇÃO ACADÊMICA	TÍTULO DO TRABALHO/ANO DE PUBLICAÇÃO	OBJETIVOS DO TRABALHO
Cíntia Maria Barbosa de Sousa/ Graduanda	ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO: análise dos stickers nas interações de universitários no WhatsApp/ 2020	"[...] perceber de que maneira o gênero textual proposto pode abarcar as estratégias de referenciação.
Ana Cristina Carmelino e Lídia Kogawa (Doutora/graduanda)	A INTERTEXTUALIDADE COMO MARCA DOS STICKERS DO WHATSAPP /2020	[...] além de caracterizar o fenômeno, temos por objetivo mostrar como, muitas vezes, é preciso flagrar o diálogo entre os diferentes textos que os stickers mobilizam para se estabelecer a produção do sentido, tendencialmente de cunho humorístico.
Ana Cristina Carmelino e Lídia Kogawa (Doutora/graduanda)	STICKERS DO WHATSAPP: (nova) forma persuasiva de interação bem humorada/2020	"[...]mostrar que os stickers funcionam como expediente de adesão ou não ao que foi exposto/postado, buscando louvar ou criticar algo e, portanto, têm caráter epitídico."
Ana Cristina Carmelino e Lídia Kogawa (Doutora/graduanda)	O HUMOR NOS STICKERS DO WHATSAPP/2020	"[...]mostrar como se dá a produção do humor nos stickers do WhatsApp. Stickers ou figurinhas, formas como o fenômeno é nomeado,
Lídia Kogawa (Graduanda)	STICKERS DO WHATSAPP: caracterização pela interação/2020	"[...] compreender e caracterizar os stickers (ou figurinhas) do WhatsApp, um recurso da rede social que permite a interação dos usuários por meio de imagens bem-humoradas."
1.Roberta Shirleyjany de Araújo	DIZER COM IMAGENS	"[...] apresentar um olhar sobre a

(Mestra); 2. Larissa Vitória Oliveira Melo (Graduanda); 3. Maria Angélica Freire de Carvalho (doutora)	E PALAVRAS: um olhar sobre a leitura de figurinhas no WhatsApp e as estratégias de compreensão leitora para a geração de sentidos/2020	leitura de Figurinhas no WhatsApp e as estratégias de compreensão leitora presentes no processo de construção de sentidos delas e o seus contextos de circulação."
Sergio Roberto Trein (Doutor)	DA 'ZUEIRA' AO DISCURSO POLÍTICO: o caráter propagandístico dos stickers no WhatsApp/2021	"[...] é o de compreender os deslizamentos de sentido dos discursos políticos para os stickers. [...] analisando os modos descritivo e argumentativo "
Camilly Rodrigues Sodré (Graduanda)	A NOVA FORMA DE INTERAÇÃO ATRAVÉS DO STICKERS DO WHATSAPP/2022	"[...] além de caracterizar o fenômeno, temos por objetivo mostrar como, muitas vezes, é preciso flagrar o diálogo entre os diferentes textos que os stickers mobilizam para se estabelecer a produção do sentido, tendencialmente de cunho humorístico"
Francimeire Gomes Moura (Graduada)	LINGUAGEM DO MUNDO ONLINE um estudo sobre Gifs e Stickers utilizados no aplicativo WhatsApp/2023	"[...]de forma geral analisar os aspectos formais e funcionais dos gêneros gifs e stickers [...] que possamos resenhar características comuns atribuídas aos gêneros elencados com o objetivo de relacioná-los e elaborar uma taxonomia que os diferencie e caracterize enquanto gêneros digitais.
Kleissiely de CASTRO Guilherme MELO, Cecília MOREIRA. (Graduados)	DO WHATSAPP À SALA DE AULA: ampliando a habilidade leitora dos alunos por meio do gênero textual sticker/2023	"[...] explorar as distintas concepções de leitura (foco no autor, foco no texto, foco em autor-texto-leitor

Fonte: elaboração do autor (2023).

O que é caro discutir, reside na forma com que os pesquisadores graduandos e alguns conjuntamente com seus respectivos orientadores, levaram a cabo seus trabalhos sobre stickers. Estes poucos definiram stickers como gênero textual, sendo que o construto teórico em sua maior parte se ancora em Marcuschi enveredando pela multimodalidade e/ou multisemioses. Contudo, não arrobustaram suas teses e sequer aclararam os porquês de sticker ser um gênero textual ou discursivo, mas apenas arrolaram suas inferências e depreensões para o hibridismo envolvendo, como já pontuado, os aspectos multissemiótico e multimodal.

Talvez seja um tanto de ceticismo ou descrença em torno do apregoado por aqueles que escoam suas problematizações e se convertem às considerações marcuschianas. Convém, portanto, rememorar que as definições de gênero textual para o autor supracitado se enquadram em “propositalmente vaga” e estariam relacionados “à família de textos”. Logo,

teríamos duas instigantes indagações: gênero se limitaria à teoria? Receio ter de ser intransigente, mas são para além de materializações ou como diria Rojo e Barbosa (2015, p.27) são entidades da vida.

E ainda, gêneros apenas nomearia (serviriam para isso?) um conjunto de textos? Mas o que seriam, então, textos e gêneros? Tais assertivas abrem margem para mais dúvidas que definições ou compreensões. Em si, geram ruídos quanto a natureza de distinções induzindo a reducionismos, impossibilitando ampliar conceitualizações e aplicações na vida prática.

Desta forma, questiono-me se tais pesquisadores se abasteceram das tomadas de decisões deste autor ao lançar mão de suas teorizações em torno de um gênero emergente no seio digital, muito embora anos posteriores, este mesmo autor, tenha lapidado suas assertivas, porém mantendo o já sublinhado, “propositalmente vaga”.

Doutra pertinência que se sobressaiu e que carece de um olhar atento, se são gêneros textuais/discursivos qual seria então a estabilidade genérica? De outra maneira, o que faz com que sticker seja gênero e não um suporte de gênero? Também não foram trazidas à discussão. Ou ainda, não dicotomizaram ou como neste trabalho não romperam os dualismos. Com exceção, deixo a título de registro, de Carmelino e Kogawa que apontaram que stickers seriam suportes, ou nas palavras das autoras, os stickers se apoiaram para serem produzidos em variedades de situações e de gêneros (CARMELINO; KOGAWA 2020, p.168).

Algo notório é que os pesquisadores e professores com maior grau de titulação não se arriscaram a definir sticker enquanto gênero, como é o caso das expoentes Kogawa e Carmelino, mas apenas modularam suas proposições e refrearam em enunciados multimodais ou suporte de gênero ou ainda “não diríamos gênero”.

Um outro aspecto posto em evidência, é que em todos os trabalhos as expoentes Carmelino e Kogawa são citadas como referências, sem mencionar o fato que elas são pioneiras nos estudos linguísticos de stickers de WhatsApp no Brasil. Dada essa conjuntura, é que vez ou outra neste trabalho as duas pesquisadoras também serão evocadas, abalizando assim as discussões.

Não é escopo desta seção pormenorizar cada pesquisa elencada no quadro, mas há uma busca, além de uma movente pretensão, em sumarizar as colocações que servirão de base para dialogar com objeto de estudo aqui proposto, como já apresentado, stickers-Libras.

Em decorrência dessa realidade, por ora, detenho-me àqueles que se prestaram a analisar stickers enquanto gênero textual. Não foram raras as vezes que ao

corroborar com a ideia desse gênero como textual, as duas pioneiras estavam sendo citadas. Algo contraditório e que carece de revisão. Na contracorrente, este trabalho se posiciona de maneira astuta, sagaz até, não só por revisitar achados que estariam em desacordo ou veiculando equívocos, não é essa a promessa. Mas, propende a angariar através de pilares teóricos a possibilidade de se afastar de (in) conclusões, muito embora estimule mais problematizações.

O terreno movente que me situo, multissituado, não se enquadra em memes, pois ao fazer isso pairaria dúvidas ou imprecisões na possibilidade da genericidade dos stickers, logo dos stickers-Libras. Para isso, basta o leitor, mesmo que *en passant*, dar atenção às colocações de Lima-Neto (2021, p.2274) ao dizer “[...] que estamos diante de uma infinidade de gêneros que são reconhecidos socialmente sob uma mesma nomenclatura – a de meme. Abrindo válvulas de escape para meme ser um suporte ou, não tão longe, uma constelação de gêneros⁴⁵ (ARAÚJO, 2012, p.191).

Enquanto discursivista, retraio-me e sou crente que os bons ventos das constantes inquietudes atinjam outrem e alhures e que forneça pontos de vistas convergentes e divergentes. Anseio que os debates não cessem, mas que venham questionar e resistir ao poder incrustado nas supostas elites que dizem o que os “gêneros são e não são”. No campo transfronteiriço de gêneros discursivos em ambientes digitais, posteriormente tecnogêneros, não me resta dicotomizar, é lícito e me convém ser pós-dualista.

3.2 Stickers, das possíveis origens à digitalidade

Embora a pesquisadora Kogawa (2020) refute, a priori, a concepção de sticker gênero, trago à baila a origem do termo sticker além de sua significação. Quanto aos *stickers* (ou figurinhas), Carmelino (2020) faz um recorte histórico trazendo à memória o significado do termo, “pessoa que cola cartazes” e como que ganhou proporções desde seu uso na década de 1990 nos EUA como *sticker art*.

No intento de resgatar registros que indiquem se houve alguém responsável por disseminar os stickers, encontrei o texto de Arnold (29 abr. 2017), em que ele relata a respeito de Frank Shepard Fairey, sendo ele um dos precursores dos *stickers* como arte e manifestação. Ele é o criador do mundialmente famoso adesivo *André the Giant Has a Posse*,

⁴⁵ Segundo o autor, seria um agrupamento de situações comunicativas em torno das quais gravitam, diferentes graus:(a) características comuns ao ambiente ou à esfera de comunicação dos gêneros da constelação, (b) características de sua constituição genética e (c) propósitos comunicativos. Um bom exemplo seria o gênero carta: carta de apoio, carta de alforria, carta pessoal, carta de admissão, etc.

que deu origem a série *Obey the Giant*. Fairey também é o autor do famoso retrato de Obama, usado em sua campanha para a presidência em 2008.

Agreli (2013, p.02) afirma categoricamente que

o criador do sticker foi o americano Shepard Fairey, que, em 1989, quando ainda era estudante de design em Rhode Island, nordeste dos EUA, decidiu espalhar adesivos, pôsteres e cartazes pelos EUA, Europa e Ásia, sob forma de campanha publicitária, com o slogan “Obey” junto à foto preto e branco de um famoso campeão de luta livre da década de 1980, “André the Giant”.

Outro aspecto não menos relevante, situa-se na colaboração de Rodrigues (2010, p.38), em que, os stickers (enquanto *street art*) seria algo subversivo que tende a apropriar-se do espaço a fim de discutir e recriar a paisagem da metrópole. A sua inserção no contexto histórico acompanhou o movimento de contracultura⁴⁶, com ideais de rebeldia e protesto. A autora prossegue discorrendo a despeito das diversas composição histórico e culturais presente naqueles, como exemplo *graffiti*, pixação, lambe-lambe, cartaz, além de técnica de colagem.

Corroborando com o anteposto, Agreli (2013, p.03) assera que

considerado por alguns como sendo um desdobramento do grafite, o sticker vem sendo usado na contemporaneidade como um dos meios de maior possibilidade na abordagem das questões pertinentes à arte, design gráfico e tecnologia, pois coloca, num **único suporte**, não só características formais, mas também a maneira de como se dialogar visualmente com o espaço urbano. (grifos nosso)

O autor menciona a questão de suporte, entendido nesse contexto como algo material, que comporta, conduz e expõe algo. No intuito de beber diretamente da fonte, recorro à Santaella que alocada nessa assertiva contribui para o que irei discorrer na segunda seção, suporte de gênero. Salutar dizer que embora sejam elementos distintos, dialogam e enriquecem a discussão.

Como se pode ver, na era digital, tanto quanto em outras eras, os artistas (enunciadores/criadores para este trabalho) lançam-se à frente de seu tempo. Quando surgem **novos suportes e recursos técnicos**, são eles que sempre tomam a dianteira na exploração das possibilidades que se abrem para a criação. Desbravam esses territórios tendo em vista a regeneração da sensibilidade humana para a habitação e

⁴⁶ Se de fato quiséssemos digredir, segundo a mesma autora, teríamos que recuar algumas casinhas no tabuleiro da historiografia da escrita e de seus registros para localizar o surgimento dos stickers – realizando conjecturas por sinal. Todavia, ela toma como marco temporal a contracultura que surge em meados da década de 1960. Enveredo pelo mesmo caminho, buscando não fatigar a leitura.

trânsito dos nossos sentidos e da nossa inteligência em novos ambientes que, longe de serem meramente técnicos, são também vitais. São os artistas que sinalizam as rotas para a adaptação humana **as novas paisagens** a serem habitadas pela sensibilidade. Santaella (2005, p. 67, grifos nosso)

Por conseguinte, já podemos vislumbrar, não datar, a transição dos stickers do meio *offline* para *online* e de sua efervescência. Contudo, será possível inferir que a digitalidade a que Agreli se reporta, neste tempo-espaço (espaçotempo, nova grafia), nada tem a ver com a nato-digitalidade. Apenas há uma mobilidade por meio de fotografias, vídeos e correlatos de stickers oriundos do *street art* para o espaço digital. Em alusão ao discorrido,

A visualidade do sticker é baseada no universo da comunicação, publicidade, cinema, quadrinhos e videogame, realizando um diálogo constante com a cultura das mídias. Sua natureza efêmera o distancia do mercado de obras de arte, o **deixando livre para qualquer tipo de diálogo que o artista desejar**. Nesse sentido, o sticker pode atuar efetivamente, por meio das comunidades virtuais presentes no ciberespaço, do que Lemos (2010, p.137) aponta, no ambiente midiático, "uma efervescência micropolítica, diária, dirigida aos problemas do dia a dia", e do que Venturelli (2004, p.93) defende, de que o ciberespaço é um "meio ideal para a democratização do saber, uma ocasião para a participação cívica dos cidadãos". (AGRELI, 2013, p. 137, grifo nosso.)

Posto isso, mesmo que timidamente, evoco as concepções de Degenais (2009) em alusão à *Linguistic Landscape* (LL), as paisagens linguísticas, que seriam manifestações urbanas (conceito inicial) servindo-se ou sendo servidas da linguagem. Nas colocações de Azzari (2018, p.3), originalmente, o conceito de "mobilidade", abordados nos estudos da LL focalizam a movimentação humana por/através de diversos espaços urbanos e públicos, e agora em digitais, rastreando-a através dos registros da língua(gem).

Nesse gancho de mobilidade e linguagem, ressalto que os *stickers* são oriundos do meio *offline* e passam a integralizar, em determinadas circunstâncias, o ambiente *online*. Creio que já discorri, *en passant*, a respeito disso. Dentro desse mesmo quadro, exponho como necessário a observação de Sousa (8 jan. 2021) que "elas (stickers) são uma herança dos *winks*, lááá do tempo do MSN - Messenger, como os desenhos de beijos que saltavam da tela". É possível depreender que nuances de "colagem" virtual já era possível notar antes mesmo dos recursos do Telegram.

Mas, em que momento o WhatsApp oferta para seus usuários o recurso de stickers? Segundo Tempel (17 set. 2019), em 24/10/2018 o WhatsApp lançou as famigeradas figurinhas⁴⁷ (stickers) que conquistaram de imediato a maioria das pessoas. O que apetece

⁴⁷ Embora o estudo se direcione e se delimite ao WhatsApp, a plataforma de mensagens instantâneas (MI) pioneira no lançamento de stickers digitais foi Telegram. Para mais detalhes ver em: 11nk.dev/YO2Yj.

entender é que, nesse primeiro momento, as ditas figurinhas detinham de algumas características como, por exemplo, avatares realizando gestos e caretas, além de personificações (prosopopeia) de objetos, todos esses pré-formatados pela plataforma. Outro detalhe apontado pelo autor é que era bem fastidioso localizar de 30 a 300 figurinhas manualmente e encaixá-las no momento certo do diálogo virtual. A possibilidade de agrupamento, os pacotes, só viria ser disponibilizado posteriormente, bem como sua versão mais rebuscada – stickers animados.

Figura 04: Stickers de WhatsApp



Fonte: imagem retirada de Tempel (17 set. 2019).

Com relação aos stickers animados, segundo Blasi (23 jun. 2020) sua inserção remota junho de 2020, embora a multiplataforma WhatsApp tenha anunciado⁴⁸ oficialmente em sua conta no *Twitter* somente em 08 de julho de 2020. Notório dizer que essa reinvenção propiciará uma avalanche de escrituras do povo surdo, além de pôr em evidência a oralidade/escrita visual da Língua Brasileira de Sinais, Libras, na rede social WhatsApp. No tocante a essas e doutras questões, irei explorar nas análises de dados.

3.3 Sticker, um baita gênero digital

A partir desse recorte, e amparado, até aqui, pelo prisma do círculo bakhtiniano, problematizo o seguinte: os stickers de WhatsApp não teriam sido reelaborados

⁴⁸ Informação disponível em: <https://canaltech.com.br/apps/como-enviar-figurinhas-animadas-whatsapp/>. Acesso em 17 fev. de 2023.

(Araújo, 2016) do ambiente não-digital para o digital no decorrer do tempo? Não seriam aqueles stickers um tipo de gênero, adesivos colados na rua, tendo inúmeras possibilidades de manifestar resistência (contracultura) a um poder e ideologia opressores, tal como o grafite⁴⁹, lambe-lambe e congêneres?

Se sim, tacitamente, ao ser posto em ambiência *online*, tornando-se nato-digital⁵⁰, estaremos diante de um gênero discursivo digital, além de emergente, embora não inédito. Nessa arquitetônica digital, há ressalva para um detalhe: stickers de WhatsApp não teria sobrevivência sem a Web, logo sem o WhatsApp.

Há uma recorrência em mencionar gênero: gênero daqui gênero dali, gênero ou gêneros, ainda gêneros discursivos. Por que o cetro recai em gêneros? O que os torna tão imperiosos? Para tentar mitigar tais indagações, necessito trazer à baila o tão célebre vozear bakhtiniano, “evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos *relativamente estáveis* de enunciado, os quais denominados *gêneros discursivos*” (Bakhtin, 2016, p.12). Notório que enquanto Bakhtin assinala para estabilidade relativa de gêneros; no campo da ADD, tomamos como feixes de regularidades, ou ainda como práticas empíricas tanto para a produção, circulação e interpretação e como categorias reguladoras dos enunciados em discurso e práticas sociodiscursivas (ADAM, 2011, pp 93-94, apud PAVEAU, 2021, p. 324).

O homem desprovido do outro, (meio social), sem língua, seria incapaz de produzir enunciados concretos. A palavra viva está condicionada ao dialogismo, além do excedente de visão calcada, segundo Bakhtin e retomada por Garibaldi (2018), em três campos da atividade do homem – a ética, a estética e a cognição. A discussão se insere na premissa de que só haverá (re) vozeamentos em dado tempo e em dado espaço – exotopia, cronotopo⁵¹ –, condicionados a ecos ideológicos, refratados e refletidos nas esferas de atividade e comunicação humanas.

Os gêneros discursivos são entidades da vida, um enunciado serve para expressar, por meio da língua/linguagem, uma significação, uma apreciação a respeito do mundo, das coisas, dos outros ou de outros ditos (ROJO, 2015, p.28). Seria um escrutínio

⁴⁹ O grafite de rua possui alguns estudos que apontam para estes enquanto gênero textual (discursivo). Para maiores detalhes, ver o artigo de Santos e Leite (2019).

As proposituras que defendo aqui, sticker como gênero, estão na mesma esteira do grafite, muito embora o grafite digital seja veiculado em outras ambiências digitais, não o WhatsApp, por ora.

⁵⁰ O termo nato-digital como veremos na ADD não desconsidera a correlação *offline /online*.

⁵¹ Para o círculo de Bakhtin, cronotopo condiz, a grosso modo, com tempo-espaco, tal termo foi transposto da área de biologia. Em posfácio Paulo Bezerra assevera que: em sentido abrangente, situa-se no papel das fronteiras temporais na história e na cultura, especialmente da tese de que o passado ainda não se extinguiu, e de que a realidade está em formação e já se vislumbram indícios do futuro (Bakhtin 2018, p.250)

dizer que os gêneros é que dão forma ao texto, entretanto podemos afirmar que os gêneros dão forma, sim, a um discurso, a uma enunciação (*op. cit.*).

Se há uma correlação entre enunciado, discurso e gêneros, estes últimos possuem relevância, uma vez que estarão pulverizados socialmente e possuem papel salutar de elo dialógico entre Eu-outro, ou usando uma nova ancoragem bakhtiniana – elo entre compreendedores. Ainda nessa pertinência, Paulo Bezerra (tradutor) insere em anexo alguns rascunhos⁵² do próprio Bakhtin, que datam antes mesmo do famoso artigo de 1953. Mikhail Bakhtin faz seguinte a provocação, “através de que formas a linguagem se enriquece ao realizar-se no discurso? A resposta: através das formas da totalidade; o início absoluto, o fim, a conclusão” – enunciados (BAKHTIN, 2016, p.116).

Ainda nessa tônica, a língua se desenvolveu historicamente a serviço do pensamento participativo e dos atos efetivamente realizados (isto é, no mundo da vida) e só posteriormente passou também a servir o pensamento teórico (FARACO ,2009). São nessas coordenadas que me localizo, de uma palavra viva dotada de uma ética, além de responsividade⁵³/responsabilidade ativa.

De palavra viva aos stickers, na seção anterior, realizei um apanhado, até sutil, acerca da possível transição do sticker de rua para o virtual de WhatsApp. Contudo, submeto as palavras de Sobral (2009) à apreciação, uma vez que comungam com os propósitos deste trabalho.

“[...] a formação dos gêneros, embora ocorra o tempo inteiro, é melhor percebida no tempo longo: a irrupção, consolidação, morte etc. identificável de gênero seria assim o ponto culminante de um processo, não o próprio processo, que de certo modo é ‘invisível’.” (Sobral ,2009, p. 126).

Ao que parece, há uma irrupção com reelaboração, na era digital 2.0; já sua consolidação se insere no campo da investigação e análise. Nessa envergadura, veremos mais adiante um descolamento dialógico tensionado entre emergência e standardização e, logo após, lança-se um olhar sobre estes na qualidade de nato-digitais. Por ora, retomo as discussões que abarcam o sticker digital.

Tenho percorrido que as pesquisas até o presente não se atentaram a realizar um coito entre sticker e gênero. Nota-se que uma das pesquisadoras brasileiras que desponta sobre stickers, recorreu ao construto da sociorretórica e diante de uma metodologia *survey* não

⁵² Anexo exposto na Obra "Os gêneros do discurso" da Editora 34, ano de 2016.

⁵³ Sou levado pelas conduções de Faraco (2009, p.59), em que situa a responsividade bakhtiniana enquanto tomada de posição axiológica. E/ou ainda: uma resposta ao já dito, provocam continuamente as mais diversas respostas (adesões, recusas, aplausos incondicionais, críticas, ironias, concordâncias e dissonâncias, revalorizações etc. - "não há limites para o contexto dialógico")

expeliu uma afirmação, apenas modulou suas conjecturas para “os stickers constituem um fenômeno (não diríamos gênero)” (KOGAWA, 2020, p.50).

O que mais me instigou é que, mesmo estando atuando em outras produções com a professora Carmelino, as duas fazendo uma digressão das possíveis origens e/ou usabilidade do stickers em linhas temporais, não se atentaram que as atuais figurinhas, outrora eram “adesivos de ruas”, em outras palavras que o gênero sofreu transmutação inovadora (Araújo, 2016, p. 55).

Convém ainda acrescentar, nesse interim, sobre o que é gênero e o que é suporte de gênero. Ao mencionar sticker, em tempos remotos como adesivo colados nas ruas, poder-se-ia incorrer no equívoco ou redução de crer que o adesivo, por si só, seria um tipo de gênero. Atinente a essa insipiência, Bezerra (2022, p. 126), influenciado pelas considerações de Marcuschi, alerta para a característica do suporte, que por sua vez seria um artefato físico ou virtual, superfície ou objeto, que permite a “fixação” ou exibição do texto, este último vinculado a um gênero.

No que concerne ao gênero, o mesmo autor assevera que estes são entidades intangíveis, que não podem ser fotografadas, tocadas ou manuseadas. E ainda complementa que, o suporte está para o material, mesmo sendo virtual, enquanto gênero para artefato retórico, social, histórico e cultural.

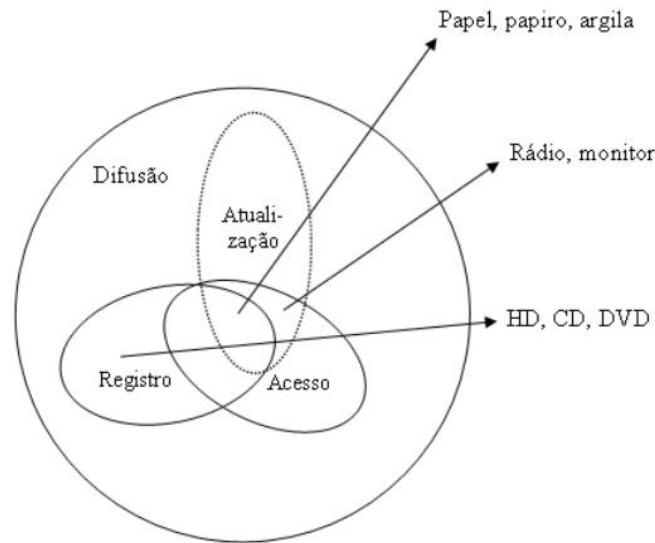
Outro teórico, Távora (2012), bakhtiniano, por sua vez, possibilita dar um novo tratamento às questões pertinentes ao suporte de gênero. Ao abraçar essa construção teórico-metodológica, toma o suporte como entidade de interação material. Nesse caso, o suporte possui três unidades basilares: a matéria, forma e interação.

Conquanto, a forma apontada por ele, consiste

“... não necessariamente ser o arranjo da matéria que constitui o suporte (fato verificável em MARCUSCHI, 2003), como no caso da celulose, que, prensada, cortada e encadernada, forma o livro; mas também se refere ao modo de existência que a linguagem assume devido ao material sociotécnico responsável por seu registro (inscrição) e, conseqüentemente, pelo acesso.

O que é caro depreender, que aqui o suporte ganha a mesma importância de gênero discursivo, ao mesmo tempo que passa a ser compreendido como categoria de ordem metodológica. Passemos a analisar o diagrama proposto por Távora.

Figura 05: suporte de gênero segundo Távora



Fonte: retirada de Távora (2012, p. 303).

De forma geral, a matéria do suporte pode abrigar, em alguns suportes, tanto o registro quanto o acesso, contudo é possível que estejam separados em outros. A difusão, nas palavras do autor, seria um procedimento pelo qual realiza-se a transmissão de um processo comunicativo que pode se efetivar graças às materialidades de registro (arquivamento) e de acesso em que se verifica a atualização de linguagem(ns). E difusão compreende transmissão e, nesse sentido, acesso não deve ser compreendido em termos de emissor e receptor do quadro da Teoria Matemática da Informação, mas em termos de interatividade, dialogismo.

Se fôssemos atualizar o diagrama do professor Távora, já que data de 2012, seria conveniente inserir os aparelhos portáteis de celular, popularmente conhecidos como *smartphones*, a um novo diagrama. E nesse dinamismo diagramático, o WhatsApp também seria alocado. Abrindo mesmo que rapidamente um parêntese, além da provocação inicial da orientadora, (stickers gênero?), havia uma problemática: o que WhatsApp representa se stickers são gêneros, a nível tipológico/categórico?

Por inferência, o smartphone (ou computador), o *WhatsApp* e por conseguinte os *stickers* estariam inseridos em um novo diagrama, considerando a Web 2.0. Não ousou, por enquanto, reescrevê-los realizando os ajustes necessários, visto que é imprescindível considerar os stickers-Libras, assunto dos próximos capítulos, bem como evidenciar suas especificidades (extra) linguísticas incidindo na modalidade visuoespacial.

Nesta seção, é posto em evidência as possíveis nuances de *stickers*, com um detalhe preponderante: esse cabedal suscita apenas uma ratificação dos stickers enquanto gêneros discursivos sob a égide dos Estudos Bakhtinianos. Como já bem pontuado, a partir desse trilhar almejo me chegar no gênero tido com tecnogênero. Por essa condução, o dualismo gênero e suporte de gênero não subsistirá.

Sumariamente, o que proponho analisar se aproxima das colocações de Fiorin,

Além disso, é preciso considerar que Bakhtin insiste no fato de que os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados. O acento deve incidir sobre o termo *relativamente*, pois ele implica que é preciso considerar a historicidade dos gêneros, isto é, sua mudança, o que quer dizer que não há nenhuma normatividade nesse conceito. Ademais, o vocábulo acentuado indica uma imprecisão das características e das fronteiras dos gêneros. (2005, p.50)

Acrescente-se que, Rojo (2015, p.27) ao problematizar gêneros discursivos, traz uma excelente analogia, “como diria uma amiga, gêneros são como cães, nos esbarramos com eles e o reconhecemos, embora por vezes não saibamos o nome de sua raça”.

3.4 Stickers-Libras, um gênero em ascensão

Mas *perai*, escreitor, qual a necessidade de compreender um gênero em ascensão em Libras? Mikhail Bakhtin me ajudará a desvelar essa inquietude,

Quanto mais dominamos os gêneros, maior é a desenvoltura com que os empregamos e mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação – em suma, tanto mais plena é a forma com que realizamos o nosso livre projeto de discurso. (BAKHTIN, 2016, p. 41)

“Sem delongas”, o mesmo autor discorre que ao dominar determinado gênero seremos capazes de empregá-lo livremente. Então, quando me desfaço de amarras redutoras, stickers como memes, não negando essa fatorialidade, ou sticker como fenômeno multimodal dentre outras, possibilita ao analista entrever condições genéricas multiformes, e não feixes de regularidades se do ponto de vista micro e meso linguístico⁵⁴: uma crítica, uma mensagem de amor, uma saudação, citação religiosa, manifestações humorísticas (sem ou com viralização), memes, exaltação a algo ou outrem, e uma infinidade de intergenericidades.

⁵⁴ Por essas vielas, há um trabalho hercúleo do professor Julio Araújo (2012, p.191; 2021, p.105) abordando a questão de “Constelação de Gêneros”, gêneros que se multiplicam como práticas sociais distintas, que não atendem a um único propósito comunicativo, mas que recebem a mesma denominação. Suponho que já tenha elucidado tal acontecimento.

O cume de regularidade genérica que advogo se orienta no plano macrolinguístico (Discursivo). Ora, críticas, mensagens de amor, citações e afins serão/poderão ser/ viriam a ser uma Resignificação, uma Entextualização, e/ou ainda como diria Sobral (2022) uma Carnavalização (sentidos expandidos), uma vez que segundo o autor até a regra figura-se como carnavalização, envolta em cosmovisão carnavalesca.

Indo avante, ao me portar, provisoriamente, sobre gêneros emergentes e gêneros estandardizados, as setas se direcionavam para gêneros materializados em ambiência digital. Dessa forma, quando Júlio Araújo se prontifica a intertextualizar outros pesquisadores, a emergência sinaliza para um maior grau de ineditismo, enquanto a estandardização para gêneros “pré-existentes” (fluxo do mundo *offline* para o *online*).

Há um *continuum* entre essas duas condições, e não necessariamente uma dicotomia. Seria como um arquétipo afirmar que stickers, com base nessas premissas, sofreram estandardização, entretanto ao considerar stickers que presentificam a linguagem através da Língua Brasileira de Sinais (Libras), stickers-Libras, há de se considerar pelo menos dois aspectos, a saber (01) modalidade linguística, (02) cultura surda.

No tocante à modalidade, Quadros (2019, p.17) testifica que a Libras é uma língua visual-espacial, e que sua exibição ocorre mediante o uso das mãos, corpo, espaços e visão (produção e percepção). Paddy Ladd surdo britânico, ao discorrer sobre cultura Surda, atenta-se para o modelo de Baker e Cokely (1980) em que há critérios preponderantes para se levar em consideração: audiológico, linguístico, social e político.

A definição mais difundida até o presente, não excluindo novas tessituras⁵⁵, com base ainda no autor surdo, *op. cit.*, reside em “um conjunto de comportamentos e percepções apreendidos que moldam os valores e normas das pessoas surdas com base em suas experiências compartilhadas ou comuns” (LADD, 2003.p.239).

O que é relevante, sem adentrar na seara socioantropológica, é que a Libras se manifesta com o uso da corporeidade. Isso fica mais evidente no V book Gramática da Libras⁵⁶ (Pizzio *et al.*, 2022), no capítulo 5.6 Literatura da Libras, no qual Sutton-Spence é categórica em dizer que a literatura (também seus gêneros) surda rompe com o paradigma de que literatura se detém ao que está escrito (ideogramas ou grafemas oriundos do sistema

⁵⁵ Ladd nessa mesma obra traz o conceito de Deafhood, em tradução para o português lusitano teria similaridade com “surdidade”. O autor decoloniza o termo surdo, em consequência deste mobilizar a condição dos sujeitos que não ouvem a uma categorização medicalizante. Aqui no Brasil é factual e recorrente o uso do CID H90 (perdas auditivas). De igual modo, poderíamos pensar nas questões raciais, como por exemplo o taxativo termo “mulato” usado pelo colonizador.

⁵⁶ Disponível em: <https://libras.ufsc.br/arquivos/vbooks/gramatica/>. Acesso em 17 fev. de 2023.

fonográfico, oralidade das línguas faladas, por exemplo), literatura surda se materializa com o uso do corpo.

A corporeidade performática que se transfigura neste específico tecnôgenero, os stickers-Libras, reflete e refrata o *zeitgeist* (espírito do tempo). Trata-se de um corpo enunciativo-discursivo que dialoga, que vocaliza para si, para o outro, para o mundo. Um corpo não unipresente, mas ubíquo, um *tecnocorpo*, um corpo pós-orgânico⁵⁷.

Alguns expoentes do campo dos Estudos Surdos, Custódio e Sutton-Spence (Pizzio *et al.*, 2022), ao retratar gêneros em Libras, ora esta envereda por gêneros literários, ora aquele por gêneros do campo acadêmico, detidamente resumo, resenha e prova. Ainda são tímidos os estudos que desvelam gêneros discursivos em Libras do âmbito cotidiano. Por se tratar de estudos linguísticos recentes, não desconsidero a importância dos gêneros circunscritos na esfera literária da Libras; conquanto, tal conjuntura, me incita a corroborar com estudos da Análise do Discurso descortinando o rasteiro e enaltecendo a *vox populi*.

Não obstante, creio que tal como ocorreu na era pós-medieval com gêneros(estilos) familiares e íntimos eclodindo, podemos dar a devida importância aos tecnôgeneros da Libras, ressignificados, carnavalizados e entextualizados (EQLAI) proporcionando acessar outras camadas da língua. Bakhtin, um indivíduo que julgo a frente do seu tempo, já sinalizava acerca do que prefiro chamar de insurgência.

Por isso, na época do Renascimento, os gêneros e estilos familiares puderam desempenhar um papel grande e positivo na causa da destruição do quadro oficial medieval do mundo; também em outros períodos em que se colocava a tarefa de destruir os estilos e concepções de mundo oficiais, que se haviam petrificado e tornado convencionais, os estilos familiares ganham uma grande importância na literatura. Além disso, a familiarização dos estilos abre acessos para a literatura a camadas da língua que até então estavam sobre a proibição do discurso. Até hoje a importância dos gêneros e estilos na história da literatura não foi suficientemente valorizada. (BAKHTIN, 2016, pp. 65-66)

Tal assertiva me deixa com os nervos à flor da pele, por colidir com algumas epistemes restritivas que afirmam que a Web por si só, não consiste em esfera de atividade humana. Não seria plausível, além de provocar exaustão, advogar em defesa da Web. Escacaviar nessas questões só me direcionam para a seguinte formulação :ora, se antes, não eram reconhecidos os enunciados que circulavam no languageiro cotidiano como gêneros, o

⁵⁷ Paula Sibilia na obra *O homem pós-orgânico* discute entre outras coisas a herança do dualismo cartesiano corpo-mente, e nessa empreitada sinaliza para um pós-dualismo. Num dado capítulo traz a seguinte provocação, *Virtualidade: para além do corpo humano*, dialogando, desta feita, com o rompimento de fronteiras e limites geográficos. Além do mais, a pós-organicidade, rompe com o analógico propiciando uma digitalidade do corpo, da vida.

que dizer se Bakhtin fosse vivo e deparasse com o boom de tecnôgenos e, além do mais, stickers-Libras?

Ou ainda,

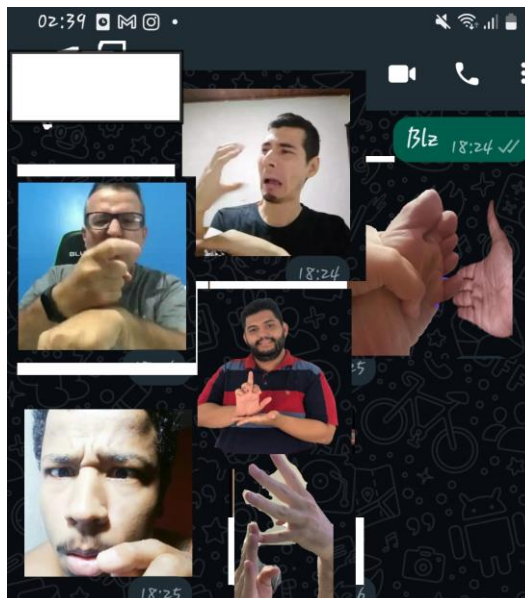
Mikhail Bakhtin comentou que “o riso na Idade Média permaneceu fora de todas as esferas oficiais de ideologia e fora de todas as formas estritas de relação social. O riso foi eliminado do culto religioso, dos cerimoniais feudais e estatais, da etiqueta e de todos os gêneros elevados de especulação”. (EAGLETON, 2020, p. 89)

Assim sendo, romper com dualismos, é ou não é, me impulsiona a enveredar por uma compreensão ecológica não-dualista, logo arrebatado os stickers-Libras para a Análise do Discurso Digital, cotejados pelos Estudos Queer em Linguística aplicada, sem, contudo, abandonar a cosmovisão carnavalesca e seus desdobramentos.

Atinente aos EQLAI e sua relação com o Ser surdo, uma dos motes que incrusta novas possibilidades e olhares aponta para tanto uma ruptura, quanto uma afirmação. Ruptura com a norma e afirmação da diferença do próprio sujeito, além claro de uma reapropriação de valores antes pejorativos, agora realocados no prisma da alteridade (LEOPOLDO, 2021, p.17)

Antes de avançar nessas novas falanges linguísticas, vem a calhar um outro aspecto muito salutar, quais características genéricas são, até o momento, possíveis de identificar nos stickers-Libras? Vejamos:

Figura 06: Exemplos de stickers-Libras



Fonte: retiradas da internet, grupos de WhatsApp (s/l).

Diante do gênero exposto, inicialmente, observa-se algumas peculiaridades:

- registro, difusão e acesso ocorrem no WhatsApp (plataforma de MI);
- emergência de neologismos (signos ideológicos);
- a criação (locus) deriva de outros aplicativos e são incorporados ao WhatsApp; embora em 2023 a plataforma tenha liberado a função para criação no próprio ecrã;
- uso recorrente do corpo, uma tecnocorporeificação performática (mãos, cabeça; torso e pés, fugindo às regras gramaticais da Libras, vide figura 15);
- enunciados, geralmente, contêm teor Humorístico Surdo (pilhéria, zombaria, rechaço, dentre outros, com elementos essencialmente visuais, como também culturais);
- predominância de carnavalização, sentido alargado (Bakhtin), dado que na arena da cosmovisão carnavalesca, aviltamentos (dessacralização) e uso do baixo corporal incidem na bivocalidade;
- ressignificações enunciativas (podendo ser salamândricas ou não);
- no corpus analisado, há recorrência do gênero masculino no autor/autoria (até o presente);
- suas análises, até o momento, ocorrem de maneira *top-down* (do macro ao micro)
- E como será apresentado posteriormente, há entextualidade (vieses da EQLAI) enérgica, dentre possivelmente outras.

3.5 Um pouco da história do carnaval, carnavalização e alguns gotejos sobre humor

Atinente ao que me debruço neste trabalho, considero a (tecno) carnavalização, recebendo *insights* lá do riso rabelaisiano, uma discussão guarda-chuva pois, por possuir não só um caráter de permitir uma cisura de vínculos tradicionais ou uma quebra de segmentos julgados como ideais, mas desvela a grosseria contiguidade imediata deles com aquilo que desune os homens através da mentira farisaica (BAKHTIN, 2019, p.123). De maneira concisa, seria ainda a bivocalidade; une os desunidos (popular) e desune os unidos (tradicional).

A língua de sinais só pelo fato de ser gestuovisual e usar o corpo, sem se dar conta, já é uma língua carnavalizada, carnavalesca e envolta nessa cosmovisão. Bakhtin na obra Teoria do Romance II discorre sobre o cronotopo rabelaisiano, e nessa jornada destaca a as partes do corpo de Gargântua e Pantagruel, trazendo à margem o grotesco mesclado com o

anatômico científico. Para mais, não se limita a isso, uma vez que elenca as peculiaridades artísticas de Rabelais: a. séries do corpo humano num corte físico e anatômico, b. séries do vestuário humano, c. séries de comida (glutonarias), d. séries de bebida e embriaguez, e. séries sexuais (cópula), f. séries da morte e g. séries dos excrementos.

Abordar questões que acostam em carnavalização, me induz a fazer um breve percurso histórico, sem exacerbar em digressões desnecessárias, sobre os festejos de carnaval. Contudo, antes de adentrar nessa e noutras questões, julgo necessário iniciar por baixo, muito embora um vai e vem discursivo me apeteça. Retomo, então, as palavras cronotópicas de Adail Sobral (2022) sobre os polos de significado do termo carnaval em língua portuguesa.

Como exemplo inicial, o autor nos agracia do seguinte modo: (1) Essa sessão da Câmara tá um maior carnaval! Englobando, assim, balburdia e/ou confusão. (2) Ele fez um carnaval quando perdeu as eleições! Para se referir ao sujeito que fez um escândalo. Ambos os exemplos acima dispõem de cunho negativo. Por outro lado, um carnaval oficial, tipo os de desfiles de Escola de samba ou de trios elétricos, é um tanto paradoxal, uma vez que enseja transgressão, podendo ser positivo-negativo (duplo). Essa configuração paradoxal faz referência à bivocalidade – ao que é permitido e proibido. Referente a esse último, Bakhtin (2008) ao se situar precisamente na Cultura popular da Idade Média e do Renascimento, asserta que o povo infringia as regras recorrendo ao riso, dando desta maneira outros sentidos e significados ao que era proibido.

Para aclarar essa questão, irei direto a fonte, “aqui a palavra tem duplo sentido, voltado para o objeto do discurso enquanto palavra comum e para um *outro discurso*, para o *discurso de um outro*” (BAKHTIN, 2013, p. 225). A palavra, o enunciado, bem como os gêneros decorrentes da carnavalização são ambivalentes biunívocos pois expressam o coroamento/destronamento, santo/profano, sério/cômico, e segundo o autor para haver carnavalização essa relação deve (co)existir.

Acrescenta-se ainda, “[...] o próprio riso carnavalesco é profundamente ambivalente. Em termos genéricos, ele está relacionado às formas mais antigas do riso ritual. Este estava voltado para o supremo: achincalhava-se, ridicularizava-se[...].” (Ibidem, p. 151).

Atualmente, essas questões de “às avessas” ou de liberdade que infringe os cânones, transgride elevando o baixo e etc., poderia induzir ao erro de que o carnaval é terra de ninguém. Gostaria de tensionar algumas variáveis, uma vez que não estamos na Idade Média, além do que aquela imagem similar ao circo dos horrores, que gerava o riso passa ao terreno do inconcebível e do inaceitável.

Ainda nessa lida, considerando que as discussões feministas buscam coibir o machismo, o falocentrismo e misoginia; a desobjetificação do corpo feminino entra nessa praça como mote de resistência, a título de exemplo se tem o Bloco do rebuceteio⁵⁸. Diante desse cozimento discursivo, o carnaval não se esculpe apenas paradoxal, como bem colocado por Sobral, mas também complexo.

Deixando de molho esses debates, por ora, mais adiante, será possível assimilar que as concepções de carnavalização, tratadas aqui, hibridizam-se com ressignificações digitais, propostas por Paveau. De antemão, ao me portar usando o adendo (tecno) carnavalização, tenho propósitos de estabelecer para além de um diálogo entre a ADD e Estudos Bakhtianos, uma fundamentação que possa subsidiar o escoamento de uma cosmovisão carnavalizada inserida em ambiência digital.

Já podemos inferir que o carnaval se trata de um mundo às avessas. Mas quais as suas possíveis origens? Em face disso, conclamo as palavras de Marlene Pinheiro (1996).

Segundo a autora, carnaval remonta a Grécia Antiga, quando Atenas foi tomada pelos Eupátrias e estabelecem a democracia com a Assembleia do Povo. É por essa conjuntura que o deus Dionísio (Baco) será celebrado em grandes festas, as Dionísicas Rurais, uma procissão com cantos e danças, com participantes mascarados ou disfarçados de animais, escoltando um grande falo. Nesses festejos, os participantes entoavam cânticos portando tochas e invocavam o deus Dionísio, além de orgias que regavam o ritual.

Outra celebração que durava em média seis dias (Dionísicas urbanas), tinham apresentações de dramas satíricos, concurso de coros ditirâmbicos com procissões e sacrifícios de animais, sem falar da Festa das primaveras em que eram abertos toneis de vinho e os celebrantes se embriagavam até ficarem semidesfalecidos

Dionísio como símbolo da libido, chefe dos sátiros, capaz de propiciar rupturas do alto e baixo concretizando fusões, será incorporado nas festas baco/dionísicas de Roma, em que grandes carros passeavam nos cortejos, carros similares as barcas navais, os *carrum navalis*, com exposição de homens e mulheres nus cantarolando canções obscenas, convidando a todos a cederem aos prazeres na carne – “festa da carne”. O detalhe recai no fato de que o comércio fechava, os exageros eram tolerados tanto que os escravos tinham liberdade de ridicularizar até mesmo seus senhores.

A figura do Momo, ainda segundo a autora, *op cit.*, ela é transposta do deus Dionísio que ao migrar para era cristã teria dado origem aos carnavais de Veneza e Turim, na

⁵⁸ Para mais detalhes, indico o texto de Cardoso e Alcântara (2020), Inoculando o corpo (ciber)feminista no carnaval: entre o real e o digital.

Itália. Aqui no Brasil o reinado de Momo data de meados de 1933 quando jornalistas do A Noite resolveram dar forma física ao boneco provido de coroa e fenótipo barrigudo.

Figura 07: Chegada do Rei Momo ao Brasil.



Fonte: retirada da Hemeroteca ⁵⁹, Jornal *A noite* 3ª Edição.

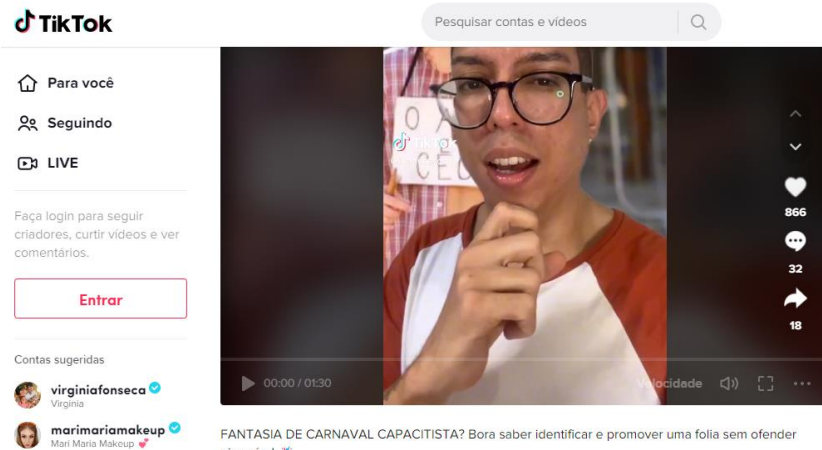
De bacanais à libertinagem, entrando na máquina do tempo e dirigindo-se para o futuro, o carnaval na Idade Média era envolto na Praça pública (*marketplace*). Nesse contexto a igreja católica bem como o próprio sistema feudal imputava dissabores restritivos; de maneira oposta, o carnaval possibilitava festejar de forma cômica, com linguajar chulo e palavras obscenas, era uma verdadeira esculhambação, em suma festejos de teor disruptivos.

Retomando as discussões que há pouco apontei, neste interim, o riso popular se expandia dos festejos de carnaval até os templos religiosos. Pinheiro (*Ibidem*) explica que além dos rituais inerentes à igreja, as chamadas “festas do Templo”, esse tempo-espaço se transformava num verdadeiro circo proporcionando desfiles de tipo cômico, i.e, exposições com bufões, bobos, corcundas, anões e afins.

Abrindo um breve parêntese, na historiografia das Pessoas com Deficiência, o circo dos horrores (*Freak show*) servia para ridicularizar as ditas aberrações. Este tipo de espetáculo famoso nos Estados Unidos já possuía raízes na Idade Média, como pode ser notado. O chamamento que faço é que o riso carnalizado enquanto ratificação de opressão não é mais tolerado. Vejam a forma com que Ivan Baron (2023), Pessoa com Deficiência conduz essa discussão hodiernamente,

⁵⁹ Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/348970/per348970_1933_07626.pdf . Acesso em 25 mar. 2023.

Figura 08: Sem capacitismo nas fantasias de carnaval.



Fonte: retirada da internet.

No imagem acima, com sua veiculação original em formato de vídeo, Baron traz reflexões-ações sobre o corpo objetificado das Pessoas com Deficiência e indexaliza (Lopes *et al.*, 2022) o enunciado “bora saber identificar e promover uma folia sem ofender”. Com isso ele consegue inocular uma resistência mais que necessária exemplificando que fantasias de cegos, cadeirantes e outros tipos de deficiências são inaceitáveis.

Avançando em questões do carnaval na Idade Média, Pinheiro (Ibidem) contribui da seguinte maneira,

Inserido nessa dualidade, o homem, percebendo quão mais prazerosas eram as manifestações da Praça, a elegiam como símbolo da liberdade. É, portanto, na Idade Média, que o carnaval se manifesta mais fortemente como celebração de renovação universal... o riso da Praça alimentava-se a priori do grotesco corporal, sempre ligado ao baixo, em oposição ao alto. A noção de baixo prendia-se ao conceito de pornografia associado a algumas partes e funções do corpo, como: ventre, órgãos, genitais e traseiro. Portanto, estas partes baixas, em oposição ao àquilo que seria alto (por exemplo, a cabeça), recebiam um tratamento jocoso, piadístico, de forma de exacerbar o riso até seu ponto máximo: a gargalhada. (p.70)

A gargalhada ou mesmo o riso também recebe traquejo nas considerações de Cellina Muniz (2013, pp. 13-21), no qual se perfaz como condição do animal humano. Então, nessa feitura⁶⁰, se é por intermédio do cômico que o riso é exposto; logo, o que precederia o cômico? Em outras palavras, o que motivaria o cômico? Não pretendo adentrar, contudo, no campo da psicologia, para esse propósito tanto Cellina Muniz quanto outros autores são recorrentes em seus textos.

⁶⁰ Não descarto as possíveis manifestações do humor sem predições do riso. Eagleton (2020, p.60) já insinuava que, na verdade, a maioria das formas de riso que ele listou tem pouca ou nenhuma relação com o humor. O riso pode ser um sinal de animação, e não diversão, embora seja mais provável que você ache as coisas engraçadas se já estiver se sentindo eufórico.

Em virtude disso, lanço um olhar sucinto sobre o humor(cômico) pelo prisma do campo discursivo. Logo, aproveito o ensejo para identificar denominadores comuns entre dois autores, uma que já está sinalizada e outro será Sírio Possenti. Apesar de tomarem a piada como mote de observações, anseio realizar, a partir disso, um triângulo dialogal (“trivocalidade”, eu-ela-ele) abrindo precedentes para analisar outras manifestações do humor e posteriormente as dos stickers-Libras carnavalizados.

Segundo Possenti (2002, p. 25) é proveitoso estudar as piadas para além do riso, uma vez que,

- (1) as piadas são interessantes para os estudiosos porque trazem sempre temas controversos, com diversas manifestações culturais e ideológicas, (2) operam fortemente com os estereótipos ora porque veiculam uma visão simplificada do problema, ora porque se tornam mais facilmente compreensíveis por interlocutores não especializados. (3) As piadas são interessantes porque são quase sempre veículo de um discurso proibido, subterrâneo, não oficial.

E ainda, será possível antever que os stickers-Libras se atentam para alguns fatores, tanto linguísticos quanto extralinguísticos, no caso a um denominador cultural,

Os textos humorísticos, como outros textos, exploram certos fatos e outros textos, próximos e distantes, e seguem outros procedimentos característicos desse gênero (criam surpresas, mudam de direção etc.) como o fazem também outros gêneros em relação a seus procedimentos característicos. O que nos faz pensar que o humor é cultural, ou mais dependente de fatores culturais do que outros fenômenos – textuais ou não... (POSSENTI, 2007, p.343)

Transpondo tais colocações, retomo a palavra, mas alinhada à visão carnavalizada do mundo. O humor e sua manifestação no riso, o carnavalizado, permite um libertar-se de esquemas autoritariamente fechados e absolutos (MUNIZ, 2013, p. 32). Prosseguindo, se a ambivalência do riso carnavalizado permite, ainda consoante a autora, um negar, ridicularizando certos poderes e um afirmar, vivenciando o jubilo de outras ordens de mundo possíveis, se torna inadmissível a inversão dessas ordens.

Não se pode negar a alteridade, tampouco jubilar a ordem ridícula de certos poderes, pior ainda criar uma espécie de “cultura de humor assecla acéfala”, é preciso resistir. Basta lembrar da fala, em Libras, da ex-primeira dama no dia 1º de janeiro de 2019. Para alguns, não muitos, seria a elevação do baixo, de povos subalternos e que poderiam autoafirmar sua condição de ser surdo, enquanto diferença naquele mandato. Contudo, a subalternidade fora camuflada com alguns surdos no segundo alto escalão do governo, enquanto que migalhas de acessibilidade foram doadas para os entes federativos. Essas questões serão retomadas na Análise de dados.

Por certo que o humor possui apreço em diversas áreas do saber alinhada ao risível ou não. Neste trabalho, como será possível observar, o humor estará “incrustado” nas manifestações do Discurso de tecotextos, de outro modo, aqui, o humor é encarado como uma inscrição na carnavalização e/ou ressignificação. Por essas vielas, Eagleton (2020, p.11) asserta que o humor também pode ser empregado para manipular ou convencer, agradar ou desarmar, quebrar o gelo, selar um contrato, aliviar ou infligir ferimentos. E ainda que a palavra “sarcasmo” vem de um antigo termo grego que significa destroçar a carne. Prosseguindo, o humor pode ser uma questão de defesa ou afirmação, subversão ou celebração, solidariedade ou crítica. Ele não é apenas uma fuga de tais questões utilitárias.

O humor presente nos stickers-Libras, passível de ser depreendido, dialoga com um humor genuinamente visual, sem apoio de uma cultura de matriz ouvinte. Ao me portar que o humor está incrustado na carnavalização, insulta dizer que o humor jaz nas ressignificações e/ou queerizações linguajeiras da Libras, trazendo “as malas”, viajando, de outros (con)textos verbal-visuais/visuogestuais.

Embora não seja o escopo deste trabalho explicitar de/sobre humor, inevitavelmente, seria uma falta de zelo não vos apresentar o *Humor Surdo* (iniciais maiúsculas). Sou daqueles que pecam pelo excesso, contudo hoje talvez pecarei pela sucintez, e de antemão rogo compreensão pois não darei conta de trazer à baila o espectro de pesquisas relacionadas ao tema acima citado.

Por conveniência, a referência mais atual advém de Carolina Hessel Silveira (2022, pp. 49-59), em artigo publicado no dossiê da Revista Espaço INES, de 2022 número 57. A pesquisadora surda relaciona Humor Surdo às tecnologias, realizando algumas colocações e apontando que, apenas com as novas possibilidades de registros eletrônicos é que o Humor Surdo passou a ser estudado, muito embora preexista e tenha resistido anterior aos meios eletrônicos. Ainda nesse ponto, algo atípico, porém enriquecedor é que os elementos do Humor Surdo nesse caso, não servem apenas para diversão, servem ao fortalecimento da Identidade Surda, nas palavras da autora.

Não poderia passar batido, vale ressaltar que os elementos discursivos que recaem ou se reconstroem no seio do povo surdo⁶¹ e por consequência na comunidade surda, sofrem

61 A doutora Karin Strobel escreveu a diferença básica entre povo e a comunidade surda em sua tese: “o povo surdo é grupo de sujeitos surdos que tem costumes, história, tradições em comuns e pertencentes às mesmas peculiaridades, ou seja, constrói sua concepção de mundo através da visão, isto é, usuários defensores do que se diz ser povo surdo, o mesmo seria o grupo de sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por um código de formação visual independentemente do nível linguístico.” Já a comunidade surda, envolve todos os simpatizantes e aliados de surdos: tradutores, familiares de surdos, professores etc. Disponível

ressignificações, quiçá afigurações ou transmutações. É fato que a autora envereda por analisar piadas surdas registradas em vídeos, contudo abre um largo caminho para beber de fontes até então não degustadas. Confesso que a cada passo que dou em direção ao tecnogênero da Libras, deste estudo, e ao realizar intersecções com humor por exemplo, percebo que minha “sede epistêmica” aumenta e possivelmente somente seja saciada com um formato de pesquisa que detenha de um tempo maior para aprofundamento, um doutoramento à vista.

Como desfecho para essa breve discussão, reato minhas palavras as de Hessel, no instante que diz que “[...] o estudo do Humor Surdo nos ajuda a entender a importância das Línguas de Sinais dentro das Culturas Surdas, uma vez que este humor é transmitido pelas Línguas de Sinais, mostrando a sua riqueza e suas possibilidades” (SILVEIRA, 2022, p.57). Considero, a partir das colocações de Carolina Hessel que o Humor Surdo será carnavalizado, sofrerá ressignificações, com “sobressaimentos” e sobrepujamentos de uma performance corporal encravada na queerização. E justifico o porquê, Arlene Batista da Silva (2018, pp .4003-4013) ao investigar os elementos que produzem o efeito cômico em piadas produzidas por surdos, atesta que estes lançam mão da performance, da paródia e da ironia para produzir o riso. Observem que na esteira dos elementos, a performance sai da dianteira.

Em razão dessa realidade, não enfadando com minhas desconfianças, mas com intuito de garimpar mais elementos intrínsecos e extrínsecos para enriquecer as mais diversas compreensões, repousa doutras peculiaridades de sobre Humor Surdo, nas quais me induzem a desembarcar, num “vapt-vupt” à Chico Anysio: Humor Surdo na atualidade é um humor hipermediático. Mas, o que seria ou significa então? Apreciemos.

Fratlicelli (2023, p.40) discorrendo sobre humor hipermediático põe em evidência não apenas a discursividade; nas palavras do autor, não se trata de uma periodização estilística, mas de um interesse por certas tendências gerais que fazem a maneira pela qual cenas enunciativas sejam modeladas e que nas trocas de comunicação possibilitem gerar discursividades. E que a depender de sua circulação, podem atingir repercussões equivalentes às dos meios de comunicação de massa, ou até maiores. Subjaz que o autor se refere à ubiquidade inerente ao humor hipermediático.

No tal humor, prevalecem algumas características que ressaltam a possibilidade massiva de sua propagação rompendo territórios e fronteiras, considero um tanto translocal, para ser preciso. A partir da hipermídia, no nosso caso a Web 2.0, surgem possibilidade/para

que haja (a) emergência da enunciação *amateur*, com (b) caráter participativo e colaborativo, e que no processo de criação, a figura do autor/criador/” compartilhador” se camufla ou se funde (c) gerando imprecisão na adjetivação de quem cumpre o que no exercício de suas funções.

Não fica difícil depreender que, ao remar nessas correntes discursivas do humor hipermediático, nosso objeto de estudo – stickers-Libras – mantém laços intrínsecos com a perspectiva do autor argentino. E que para além desses fatores, o prazer gerado pelo humor também recebe lauréis. Quão bom é rir, ser humorado ou apreciar um bom Humor.

Saindo desse acostamento e retornando para as vias carnavalescas, atinente a destroçar a carne, e ainda segundo o autor Eagleton, para F. H. Buckley, o humor conseguiu até mesmo envolver o carnaval, que viu como ostentação da vitalidade das massas adoradoras do prazer perante seus governantes emocionalmente anêmicos. Ademais, o carnaval afirma a absoluta igualdade de todas as coisas, mas, ao fazê-lo, aproxima-se perigosamente da visão excremental, reduzindo tudo à mesmice da merda (EAGLETON, 2020, p.66).

Revisitando mais uma vez os signos do carnaval sob a ótica bakhtiniana, o autor se ateu à Idade Média e Renascimento. Como já foi visto, teci um breve recorte da cosmovisão carnavalesca em período da Idade Média. Assim sendo, reabro os portais das palavras de Marlene Pinheiro a despeito do carnaval no período do Renascimento. Não julgo necessário abarcar todo arsenal da historiografia do Carnaval, para isso a autora já faz e com *areté*, excelência. Sintam-se convidados a beber dessa fonte inspiradora.

Após essas colocações e me situando no Renascimento, no século XV surge na Itália a *Commedia dell’Arte*, o mambembe, um tipo específico de teatro. Havia a presença de comediantes, que logo ganharam repercussão pela Europa com seus personagens de Enamorados e Enamoradas, vestindo indumentárias e fantasias além das máscaras. Os personagens deram vida a muitas outras figuras, embora hoje as mais populares sejam Pierrô, Colombina e Arlequim.

Enquanto que na Idade Média tínhamos um riso debochado, no Renascimento este se torna um grotesco carnavalesco para uso de um palco mais seletivo (Pinheiro, *idem*, p.77), numa espécie de transmutação da praça. O ator estava geralmente solitário e diante de uma plateia, seria o início do stand-up comedy? Retirada as presunções, o riso agora é manifestado pela ironia e sarcasmo.

Em relação ao uso da máscara e suas significâncias, três personas se sobressaem e integralizam esse período: para Pierrô, a máscara des/velava sua melancolia; para Arlequim, a máscara servia de ocultamento, o que lhe permitia procurar, sem ser visto, os olhares da

amada; e para Colombina, além de disfarçar seu flerte com Pierrô ou Arlequim, de acordo com o texto encenado (que ao fim sempre denotava “cômica” traição), lhe emprestava o fascínio adequado. (SOARES, 1996, p. 78)

Decerto que no século XVIII o mambembe perde forças, mas sua significância prevalece, tanto que os três personagens permanecem vivos até hoje, recebendo atribuições; a Pierrô, o sonho; a Arlequim, o desejo e a Colombina, a mulher.

Em termos afigurados, o carnaval é arrebatado para o gracejo de Bakhtin (2008) levando em conta as façanhas e peripécias de Gargântua e Pantagruel em que são narrados momentos atípicos. Até mesmo o gênero “limpa cu” (baixo corporal e material) é apresentado, descrevendo quais elementos que serviram para a assepsia de Gargântua. Havia também uma constante associação entre o sagrado ao profano, rebaixando numa sagacidade sem igual. Nem a arquitetura da época escapava, o formato um tanto fálico da abadia se tornava motivo de riso, um lugar onde freiras poderiam se achegar (Bakhtin, 1996).

Dessas e de outras formas é que uma festa popular adentra o campo literário e nos oportuniza co/relacionar a sua cosmovisão. Quando me deparei, em minhas tenras leituras, com a pluriestilística, além, claro de como as construções enunciativas (discursivas) incidem no linguageiro tecnológico, percebi quão oportuno seria apresentar mais uma faceta da cosmovisão carnalizada. Ei-la adiante.

3.6 Bricolagem discursiva e possíveis carnalizações na Libras

Em 2013 ao ingressar na Associação de Surdos Organizados de Fortaleza-ASOF, e no meu processo de aquisição da Libras, percebi que era recorrente atribuir algumas características grotescas-animalescas aos indivíduos. Tal como ocorre em língua portuguesa, a Libras dispõe do que eu prefiro analisar à luz da semântica do Discurso, para além de uma possível *prosopopeia-inversa* (atribuir o animalesco ao humano) ou campo semântico-pragmático, de uma carnalização em sinais.

Figura 09: carnavalizações em Libras



62 63 64

Fonte: elaboração do autor (2023).

Em conversas cotidianas, comumente alguém não corresponderá a alguma expectativa e poderá ser tachado de “cachorro” (Figura 13a e 13b), não o cachorro com conotação de safado, mas indicando que não se impôs a outrem, estava “domesticado”, “adestrado” e congêneres. O que me interessa converge com a polifonia⁶⁵ apontada por Bakhtin. Nesse instante o (re)vozear não incide no cômico, ou no riso em si, porque pode ocorrer, mas na valoração depreciativa. Na arena, ou Praça, no meu caso a Associação de Surdos, o destronamento é factível e o riso uma “temida” consequência.

Outro aspecto é se referir a alguém que “pega geral” ou que possui vários parceiros (as) como galinha. Isso também ocorre em língua de sinais, e um fato curioso é que com o estereótipo de galinha o mexerico é inevitável, e o sujeito corre riscos de cair nas graças da comunidade surda. A indexicalidade discursiva repousa talvez nesse

⁶²Disponível em: https://youtube.com/shorts/V_bk6nLaxVw

⁶³Disponível em: <https://youtube.com/shorts/npW7wV4WrgM>

⁶⁴Disponível em: https://youtube.com/shorts/HMudEFtPi_8

⁶⁵Polifonia não é, para Bakhtin um universo de muitas vozes, mas um universo em que todas as vozes são equipolentes (FARACO, 2009, p.78).

entrecruzamento de culturas, a transculturalidade, haja vista que o termo possui verossimilhanças nas duas culturas, ouvinte e surda.

E por último, não fim, o termo burro para se reportar ao ignorante, desprovido de inteligência ou astúcia, etc., e mais uma vez a plurivocalidade se torna premente. O que me faz crer que sim, estamos diante de uma carnavalização em que não se limita ao cômico, ao burlesco, mas na baixeza de atribuir características de animais aos humanos possuindo teor axiológico e evidentemente cultural. Em outras palavras “sublinhemos que o corpo do homem reúne em si todos os elementos e todos os reinos da natureza: animal, vegetal e propriamente humano. O homem não é algo fechado e acabado; ele é inacabado e aberto...” (BAKHTIN, 2011, p.320)

O que chama atenção consiste nas produções desses sinais (enunciados) que são realizadas na parte superior do corpo, nas diversas regiões da cabeça especificamente. Como há uma coerção gramatical que delimita o espaço de sinalização, as produções mesmo sendo carnavalizadas, se perfazem no alto. A exemplo podemos citar o sinal de pênis e vagina, com exceção do sinal (item lexical) ânus, muito embora haja uma gíria (de jovens surdos) na Libras de Fortaleza para cu que é realizada na parte frontal do rosto.

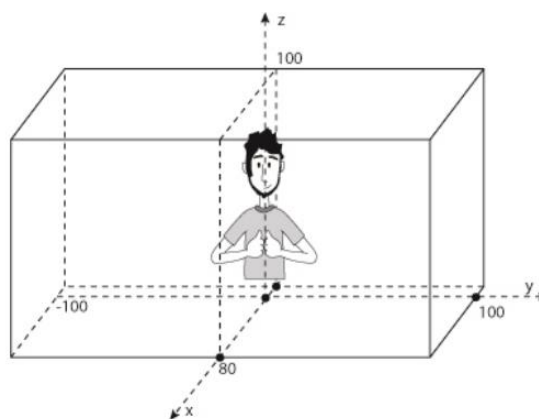
Figura 10: baixo corporal em Libras.



Fonte: elaboração do autor (2023).

Em relação ao espaço de sinalização da Libras, teremos uma produção tridimensional exemplificada na figura abaixo:

Figura 11: Espaço de sinalização da Libras.



Fonte: disponível em Pizzio *et al.* (2009, p. 1)

⁶⁶Fonte: <<https://x.gd/XIzCl>> Acesso em 20 mar.2023

⁶⁷ Fonte: <https://x.gd/XIzCl>>. Acesso em 20. Mar. 2023

⁶⁸ Fonte: <<https://x.gd/W84LU>> Acesso em 20. Mar. 2023

Também é usual em Libras dizer que “fulano usa máscaras”, para indicar falsidade, ao passo que o sinal, ressalvas para algumas variações regionais, também alude/para máscara de carnaval.

Figura 12: Sinal de carnaval.



Fonte: <<https://youtu.be/S4JnbNTTwSQ>>. Acesso em 23 mar. 2023.

É notória as nuances linguísticas que a Libras possibilita, e uma delas já tenho debatido que é a de um corpo performático, e até mesmo nos stickers-Libras, como veremos em breve, se presentificam em torno dessa arquitetura.

Nesse engate, Ponzio nos agraciando com a perspectiva de um texto artístico, performático, recai também em Bakhtin. E ao reportar as possíveis afigurações de um texto não literário para um literário, assevera que sai do contexto da representação e entra no contexto do discurso que o afigura na complexa construção verbal do texto artístico com as suas diversas modalidades de reportar o discurso do outro (PONZIO, 2022, p.45).

Para nós o sticker-Libras é um texto performático e afigurado que traz para o digital o languageiro considerado transperiférico que por vezes não é abraçado pela academia. E este trabalho científico, que o autor vos apresenta, afigura mais uma vez os stickers-Libras, dando os possíveis devidos préstimos.

Como forma de aperitivo, deixo ao apreço uma contiguidade carnavalizada em Libras tomando os excrementos, que também se situa na cosmovisão carnavalizada de Bakhtin (2008, p.326), como exemplo. No Ceará, o sinal-termo em Libras usado para se referir ao time de futebol Ceará Sporting Clube (CSC) se perfaz com a mão dominante, ipsilateral, tocando as pontas dos dedos no peitoral maior e fazendo movimentos para cima e para baixo, e com palma da mão virada para dentro,

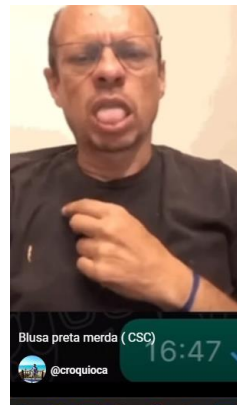
Figura 13: Sinal do Ceará Sporte Clube.



Fonte: extraído do Youtube⁶⁹.

Imbuídos dessas informações, passemos agora para um sticker-Libras animado que intertextualiza esse sinal (item lexical), porém com “retoques” carnalizados.

Figura 14: CSC carnalizado.



Fonte: retirado da internet.⁷⁰

A mensagem em forma de glosa seria *CAMISA PRETA LISTRAS MERDA* (último sinal sem expressões manuais, apenas com uso do *mouthing*). A partir disso, creio que um primeiro ponto a se mencionar seja: que as cores do time CSC além do uniforme são alvinegras. Para o escritor que desconhece a Libras ou que não se situa nesse cronotopo surdo e futebolístico cearense, sequer conseguirá extrair alguma inferência.

⁶⁹ Disponível em: <https://youtu.be/hLQIOR07UiI>. Acesso em: 02 abril. 2023.

⁷⁰ Disponível em: <https://youtu.be/nZxnRGLZO1w>. Acesso em: 02 abril. 2023

A tradução aproximada seria, *Que time alvinegro de merda!* Não nos limitemos a tradução, mas foquemos nas expressões corporificadas do “personagem”. Para haver um enunciado como esse, no mínimo podemos depreender que se trata de um torcedor do time rival, no caso seria o Fortaleza Esporte Clube (FEC). De fato, isso ocorreu, mas por falhas técnicas não se tem a inserção desse enunciado em contexto real. Mas isso não nos impossibilita de lançar um breve olhar crítico e analítico.

Percebam a criatividade, além da imprevisibilidade, ou ainda a reacentuação, que um sinal-termo gestuovisual possibilita, além de evocar a semântica do discurso. Ao proferir o sinal *merda*, o sujeito não se refere a qualquer excremento de fezes, ele especifica que se trata de uma “diarreia”, similar ao vulgo “se cagar todinho à cearense”. Além disso, o autor com intuito de provocar e zombar do time CSC que perdeu uma partida, lança esse tecnotexto ao derrisório, ao escárnio e/ou pilhéria. Ressaltando que as pistas fornecidas no tecnotexto, *footing*, também nos auxiliam a depreender as intencionalidades do enunciador.

Nota-se que o gênero sticker-Libras pode se revestir de entrecruzamentos de campos de atividade humana, possibilitando, assim, situar-se no campo do cotidiano e se amalgamar com o campo esportivo e humorístico, e sem perder de vista a cosmovisão que o retroalimenta.

Em síntese, o diagrama abaixo possibilitará ter um panorama geral da inserção dos stickers-Libras, bem como suas interseções, não abrigando todos os campos (esferas) de atividade de comunicação humana, congruência indispensável para os estudos dos gêneros do discurso à luz bakhtiana, em virtude de que todo trabalho de investigação de um material linguístico concreto...opera inevitavelmente com enunciados concretos (escritos ou orais) relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação (BAKHTIN ,2016, p.16) :

Figura 15: Campos de atividade e inserção dos gêneros.



Fonte: elaboração do autor (2023).

Observando o diagrama, didaticamente visualizamos que os stickers-Libras estão alocados no campo cotidiano, não o eximindo de interagir com outros campos de comunicação humana. Conjecturando, poderíamos presumir que os stickers-Libras dialogariam com o campo científico, como é o caso deste trabalho, *i.e.*, estão inseridos num texto científico mesmo que seja para análises e apreciações.

Como pudemos observar, os stickers-Libras se munem de (tecno) corporeificação performática e com recursos prosódicos marcam os enunciados e os afiguram em humor, carnavalização e permitem um ressignificar metadiscursivo. Passado esse aperitivo à cosmovisão carnavalesca, que se estocam de grotesco, aviltamento, baixo corporal dentre outras; vejamos os entremeios, ou ainda uma ecologia do Discurso que traz em seu bojo uma nova fiação linguística entre homem-máquina-linguagem à luz da ADD.

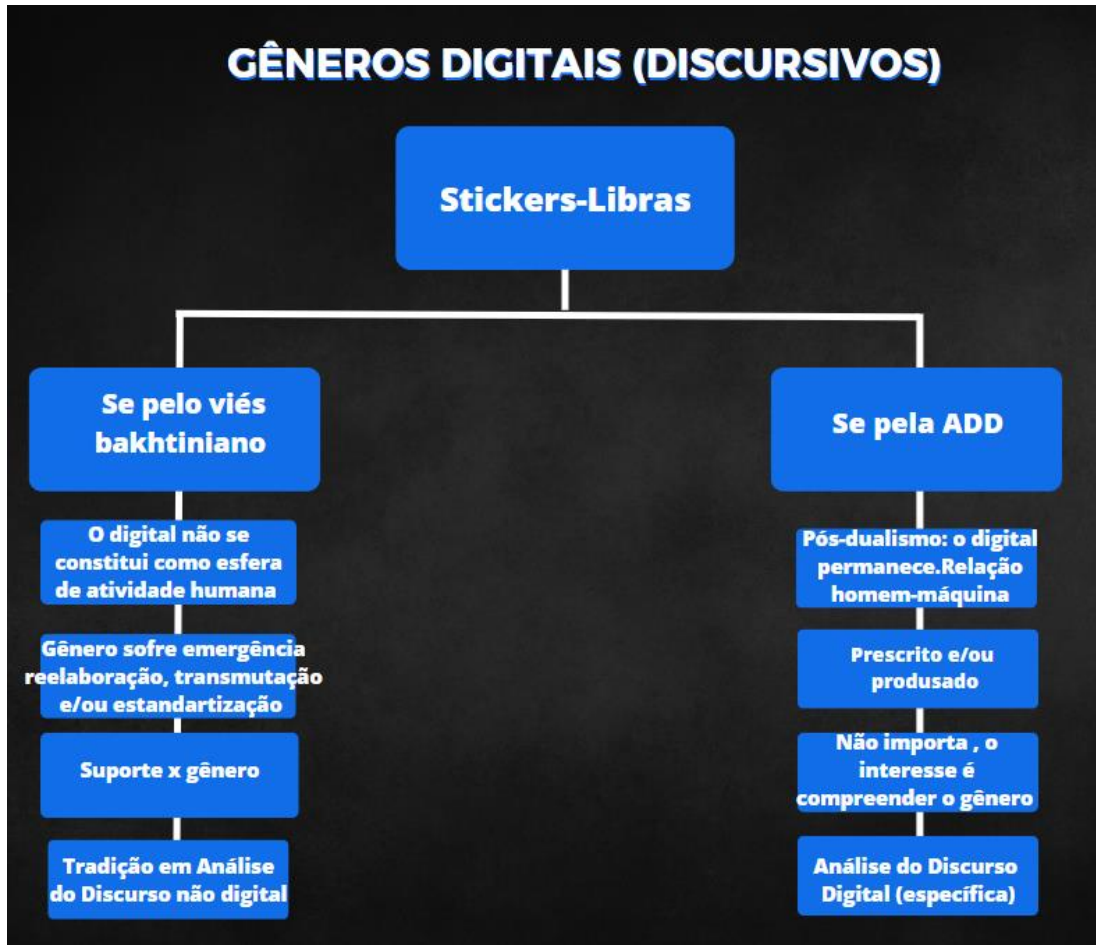
4 ANÁLISE DO DISCURSO E RESSIGNIFICAÇÕES DIGITAIS

Como se trata de um eixo linguístico ou uma nova falange linguística, e não sendo possível abarcar sua plenitude, reservei este capítulo, de forma concisa, sob três seções; a primeira, destino à realizar um apanhado da teorização proposta por Marie-Anne Paveau sobre Análise do Discurso Digital (ADD), além de enriquecer as discussões com exemplos de stickers-Libras; a segunda, colaborando sobre a escrita digital bem como os gêneros que ali permeiam; e por último, como desfecho do capítulo, retomo algumas concepções preponderantes sobre a Ressignificação Digital, que servirá como categorização de análise, malgrado está inteiramente conectada a ADD.

Como forma de sintetizar as proeminências do capítulo, mais uma vez elaboro um quadro cujo objetivo é de aproximar o leitor das minhas tomadas de posições. O intuito maior é de estabelecer um contraste entre o que já foi dado com o novo, *i.e.*, o que será apresentado. Creio que os des(encontros) entre os Estudos bakhtinianos e a Análise do Discurso Digital, aspergem nos gêneros digitais tanto de maneira convergente, quanto divergente.

Advirto que o quadro abaixo não abrange todos os assuntos como um todo, até porque o capítulo é atravessado por retomadas históricas, princípios, latitudes e longitudes teórica-analítica-metodológicas (embora Paveau sequer admita isso), características dos discursos digitais nativos, além de uma vertente da ADD, a Ressignificação digital. Precisamente, uma ecologia do discurso. Bom apetite, ou seria melhor dizer: boas leituras.

Quadro 05: Visão sobre gêneros digitais - ADD e Bakhtin.



Fonte: elaboração do autor (2023).

4.1 As facetas da Análise do Discurso Digital – ADD.

Não poderia deixar de registrar que meu primeiro mergulho nessa miscelânea tecnodiscursiva deriva de indicações de leituras da minha plebeia (nobre?) orientadora. Mal pude respirar os ares de terras natalenses, num êxodo provisório entre Fortaleza e Natal, e me foi dada uma chave para abrir os portais da bruxaria; isto é, do perigoso, do arriscado, do oculto (?), do estranho, do discordante e do insurgente. Por se tratar de um assunto profícuo, possuindo diversos tentáculos, mesmo sendo emergente, decidi tomar apenas alguns dos conceitos-chaves que permitem dialogar com os stickers-Libras, não entojando o percurso de leitura.

Historicamente, a Análise do Discurso Digital, ADD, brota das intervenções e projeções de Marie-Anne Paveau que em 2017 lança na França o dicionário *L'analyse du discours numérique: Dictionnaire des formes et des pratiques*. Aqui no Brasil o dicionário recebe tradução por um coro de discursivistas tradutores, e em 2021 é lançado pela editora

Pontes o *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Salienta-se, no entanto, que a pesquisadora já estava trilhando um caminho científico, anterior ao lançamento dessa obra marco-histórica. Para os otimistas, considera-se que a ADD não se enquadra nas ramificações já delineadas pela linguística. O professor Roberto Baronas (2021) sinaliza que presumivelmente estamos diante de uma Pós-linguística, algo similar com o que ocorreu entre Saussure e a Linguística, possibilitando o status de ciência.

Paveau indubitavelmente quebra paradigmas, retomando suas palavras, cisura uma perspectiva dualista que concebe a língua(gem) dicotomizando-a entre o linguístico-discursivo/extralinguístico-extradiscursivo. Insurge, portanto, uma outra falange linguística, preconizando uma ligação indissociável da matéria languageira e tecnológica, alocada no plano do *continuum*. Com o advento da web 2.0 e com as inúmeras tecnografias presentificadas nas redes sociais, os discursos digitais clamam por uma nova ancoragem. Ei-la aqui, ou ali? Veremos.

Em curso disponibilizado pela Associação Brasileira de Linguística (Abralin), a professora Eduarda Giering (2021) acresce que Paveau toma uma Linguística simétrica, no caso irá conferir a mesma importância ao que é languageiro e não-languageiro. Há de se notar que o compósito permeará o cerne das discussões em torno da ADD. A Linguística simétrica sinaliza para uma ecologia do Discurso, mas e o que seria essa ecologia?

Uma abordagem ecológica do discurso implica uma posição epistemológica que põe em causa a concepção dualista ainda dominante da relação entre a linguagem e o mundo e, conseqüentemente, a divisão entre a ordem do linguístico e a do extralinguístico que persiste, incluindo nas obras a mais multimodal e plurissemiótica. Os discursos nativamente digitais de fato empurram a linguística para suas trincheiras extralinguísticas: torna-se necessário repensar o chamado contexto “extralinguístico” como um ecossistema onde o discurso é desenvolvido e não mais como um pano de fundo determinante para o discurso. (PAVEAU, 2013, 2021, pp 159-161)

A teoria de Paveau abre um leque de discussões levando a cabo rompimentos epistemológicos, insinuando um *afair* com os Estudos Decoloniais. Não é mais aceitável no campo do Tecnodiscurso bifurcar languageiro e extralanguageiro (discurso), tanto máquina quanto linguagem são protagonistas e agenciam o discurso digital.

A tecnologia discursiva é capaz de realizar o que Paveau denomina de “enunciação ampliada”, aqui o sujeito pode simbioticamente ser o leitor e/ou escritor e vice-versa, ou podemos ter um coro de sujeitos lendo e escrevendo o mesmo texto de maneira ubíqua, o chamado *escrileitor*. Um documento no *Google docx*, por exemplo, sendo editado por diferentes pessoas ou um diálogo digital recebendo intervenções de diversos internautas e sendo retomados por diversos contextos, ou como diria Paveau, redocumentarizado.

Por outro lado, ainda segundo Giering (ibidem,) há de se considerar basicamente três elementos que podem caracterizar a ecologia do discurso; os (I) componentes tecnológicos, não encontramos mecanismos de análises para estes componentes na linguística tradicional; (II) gestos tecnoenunciativos (clicar, rolar, teclar) e (III) dimensão relacional, os enunciados se interligam a outros diversos em graus variados e em diversas configurações, de ligações técnicas para outros enunciados.

Outra questão pertinente para os estudos da ADD, são as ramificações do conceito digital pelos pressupostos de Paveau. Dessarte; há o texto digitalizado, que advém do meio não-digital e passa integralizar o digital, um exemplo seria a digitalização de algum documento ou texto físico passando a ser um PDF. O texto digital, aquele que pode ser produzido *offline* e repassado ao meio *online*, tipo os e-books. E por último os textos nativos digitais (co)produzidos em ambiência digital, um bom exemplo seria os textos das redes sociais – a Bio de Instagram.

Paveau discorre sobre a ADD por meio de 31 verbetes no dicionário supracitado, e há um verbete específico que abre uma espécie de mandala, interseccionando outras características tecnodiscursivas – a memória tecnodiscursiva. Na concepção do professor Roberto Baronas (2021), tal característica realça os três pilares paveutianos; a Linguística Folk, Pré-discursos e Linguística simétrica⁷¹. A memória tecnodiscursiva aponta para o signo-traço tecnodiscurso incidindo em sentido, (não)intencionalidade e rastro ou impressão digital, dotando esses elementos de identidade, nos quais eu considero no campo da ideologia.

As características dos Textos Digitais Nativos, para Paveau (ibidem), são seis: composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade. Neste trabalho serão tomadas apenas quatro das seis características que será possível relacionar ao escopo do pretenso estudo, os stickers-Libras, assim sendo: composição, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade.

A deslinearização recobre a hipertextualidade e disseminação, em stickers-Libras isso ocorre por meio de criação, arquivamentos (salvar em favoritos no ecrã do WhatsApp) e compartilhamentos. Há de entrever uma memória discursiva, uma vez que não se lançam dardos sem querer atingir alvos. O que pretendo dizer é que para ocorrer esse processo de

⁷¹ Tais conceitualizações e aplicabilidades estão dispostas nas obras traduzidas para o português brasileiro em (1) Linguística folk: uma introdução (2) Linguagem e moral: uma ética das virtudes discursivas e (3) Os pré-discursos - sentido, memória, cognição.

deslinearização os enunciadores precisam estar munidos, do que a autora denomina de pré-discursos: conhecimento de mundo, enciclopédico, compartilhado ou até mesmo “senso comum”.

Quanto à composição, a autora considera que os discursos são compósitos, ou seja, são constituídos de matéria mista que reúne indiscernivelmente o linguageiro e o tecnológico. O hibridismo semiótico é presença marcante, tanto que os tecnodiscursos podem ser plurisemióticos e mobilizar simultaneamente, e na mesma semiose, texto, imagem fixa ou animada e som. Na esteira do hibridismo, repensemos nos construtos bakhtinianos, lá os hibridismos ressoam para coligações entre gêneros e diversidades semióticas discursivos, aqui na ADD tal feito também ocorre; contudo, o que se protubera é o entremeio corpo-máquina em sentido tanto *lato* quanto *stricto sensu*.

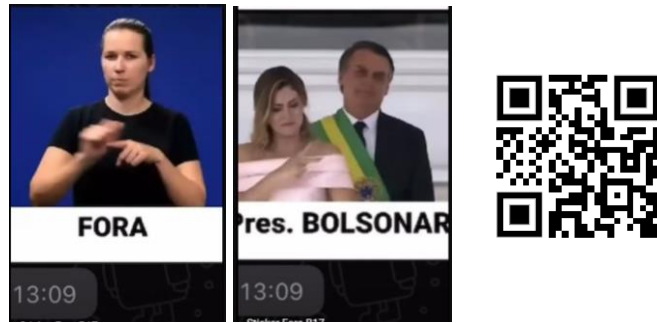
No que tange à relacionalidade, os discursos digitais nativos estão todos relacionados (algo/alguém) com outros discursos por causa da reticularidade da web; com os aparelhos por causa da sua natureza compósita que faz com que os enunciados sejam coproduzidos com a máquina; com os escritores e os escri(leitores), que passa pela subjetividade da configuração das interfaces de escrita e leitura.

Já a investigabilidade aponta para os discursos que se inscrevem num universo que deixa rastros, aquilo que é percorrido não é esquecido. São, portanto, investigáveis, ou seja, localizáveis e coletáveis para possíveis menções, utilizações, repetições, etc. Paveau atribui essa característica em decorrência dos metadados dos discursos digitais que estão inscritos no interior do código, diferentemente de discursos pré-digitais que lhes são exteriores.

Em relação à imprevisibilidade, isso ocorre pela produção que pode ser parcial ou não com formatação de programas e algoritmos, tornando-os imprevisíveis para os enunciadores humanos, tanto pela sua forma (possível que transite do pré-digital ao digital, mudando sua forma) quanto pelo seu conteúdo (algumas ferramentas, como os programas, redocumentam os discursos nativos dispersos, criando conteúdos originais).

Vejamos como isso ocorre num dado stickers-Libras animado:

Figura 16: Sticker-Libras Fora Bolsonaro.

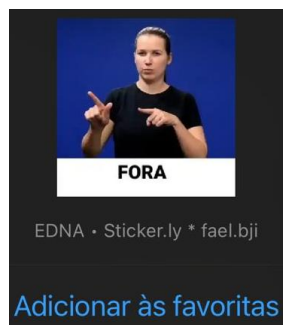


Fonte: extraído da internet.⁷²

O autor (segundo Paveau difícil de atribuir autoria nesse universo digital) precisaria antes de tudo, ter cacoete de conhecer a frase tanto em Libras quanto em português, manejar de edições de vídeo, saber onde coletar tanto o tecnotexto um, quanto o dois e por fim realizar a edição.

O sticker-Libras traz a célebre frase de resistência que ficou conhecida mundo a fora, sendo incorporada nas mais diversas manifestações de escritas digitais: fora Bolsonaro! O tecnogênero incrustado do tecnodiscurso político se perfaz como compósito, ora pela reunião de texto em língua portuguesa e em Libras, ora pela animação. A sua relacionalidade é marcada pela ubiquidade, rompendo com fronteiras espaciais e temporais, dois tecnotextos se fundindo para fazer sentido. A sua investigabilidade é detectada quanto se clica no sticker-Libras.

Figura 17: Sticker fora



Fonte: extraído da internet (s/l)

EDNA seria a pasta que agrega os stickers da/o usuária(o); *Sticker.ly*, o aplicativo onde se deu a criação do sticker e *fael.bji* o pseudônimo (*nickname*) da criadora (escreitora). Concernente à imprevisibilidade, infere-se que está ocorrendo devido a mestiçagem do tecnotexto 1 (*fora*) com o tecnotexto 2 (*pres. Bolsonaro*). Ambos os tecnotextos foram extraídos do seu habitat natural: tecnotexto 1 possivelmente se trata de um vídeo

⁷² Disponível em versão vídeo: <<https://youtu.be/5ro8FZij7Sc>>. Acesso em 20 mar. 2023

disponibilizado em glossários da Libras e se transformou em sticker; o tecnotexto 2 advém de vídeo da posse do Bolsonaro no dia primeiro de janeiro de 2019, onde sua esposa Michele fez um discurso em Libras. Eles isoladamente teriam suas propriedades mantidas, aqui ao serem compósitos evocam uma imprevisibilidade no campo da indignação, da ojeriza, do desprezo e do desejo de mudança de presidente no Brasil.

Outra questão pertinente é que Paveau tece ferrenhas críticas aos moldes Texto, Discurso e Interação (TDI), uma vez que os sujeitos do Discurso Digital são actantes e a relação que é mantida no Tecnodiscurso não se restringe ao “inter-humano”, mas mediada e distribuída, humano-máquina. Mais uma vez, ela evoca para o centro do debate o protagonismo da tecnologia e sua correlação com a linguagem e sociedade, em outras palavras se opõe ao logocentrismo ou *egocefalocentrismo*. A tecnologia propicia, assim, a pulverização e o elemento contexto amplia-se de sócio-histórico para sócio-histórico-tecnológico. Aqui os discursos são compósitos, *i.e.*, não se subsidiam na máquina, mas da máquina. Atenção também para o meio-ambiente digital, pois não se configura como um rele suporte ou ferramenta, mas como foi dito se presentifica como agente no processo do tecnodiscurso.

Ainda nesse campo transfronteiriço e abrindo um paralelo com os EQLAI, atentando-se para os índices que a meu ver estão “aclarados” nas cores do sticker, depreende-se que enquanto se nota uma ex-primeira dama, com *ethos* de sutileza e polidez, algo similar as donas de casa prendadas e/ou um tanto “princesa de películas da Disney”; a contragosto, surge uma figura, enunciando em Libras com expressões faciais pacatas, projetando um *footing* (em breve será debulhado) e expressando na mesma moeda, porém, como já sinalizado, uma contraposição.

Estou querendo induzir é que enquanto há uma resistência digital, pelos pressupostos paveutianos; nas teorias queer, detidamente nos EQLAI, há um contradiscurso que sedimenta a possibilidade de aceitar com parcimônia uma figura que nos holofotes esbanja brandura, mas nas suas práticas esbraveja ojeriza às minorias. O sticker-Libras, nessa zona, materializa os contradiscursos dos dissidentes – mesmo sendo surdos, não se deixam enganar como diria Patrícia Rezende, pela encantadora de serpentes⁷³.

⁷³ Informação verbal dada em entrevista ao Jornal O Povo. Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/jornal/opiniao/2023/01/08/a-educacao-bilíngue-de-surdos-na-nova-gestao-do-mec.html>. Acesso em: 20. maio. 2023.

4.2 Tecnografismo e tecnôgenos prescrito e/ou produzido

Primeiramente, devo reatar as discussões em torno do que seria dualismo digital, grosso modo seria aquilo que aponta, distintivamente, para o que é real e virtual. Na ADD caminha-se a um translocal, interessando saber o que ocorre nas fronteiras do que é real versus virtual considerando-as como complementares. Noutro capítulo foi posto em discussão, *en passant*, sobre o corpo pós-orgânico, de forma análoga aqui também teremos o apreço de reafirmar que a materialidade humana e claro, a linguística, não se restringe ao campo *offline*.

Se outrora, o dualismo digital implica um discurso sobre a ausência do corpo na comunicação *online* e seus efeitos negativos (tóxicos) sobre a qualidade das trocas e do discurso (Paveu, 2021, p.155), no bojo do pós-dualismo esse corpo transita entre o real e virtual (átomos-bits) consistindo em materialidade corporal e logo discursiva.

O corpo dos enunciadores de stickers-Libras aclaram essa discussão: quem posta um suposto sticker-Libras é um sujeito, mas aquele sticker-Libras, é o próprio sujeito na enunciação, de outra maneira, autor/criador/enunciador aqui estão deveras imbricados que fica difícil delimitá-los. Esse hibridismo implica uma exigência real-virtual, dado que sem o corpo pós-orgânico o tecnôgeno não subsiste, sem querer chover no molhado, estou me referindo a um *continuum*.

Outra questão que o digital da Web 2.0 oportuniza são os *affordances*, sumariamente seria o manuseio e navegação, em seu uso prático, de forma instintiva. Por exemplo, os internautas surdos passando pelo processo de letramento digital no WhatsApp saberão localizar no ecrã da plataforma onde que se localizam o “baú” dos stickers, ou ao clicar no sticker recebido, poderão compartilhar para outrem de forma desordenada.

Grosso modo, tecnografismo seria um tipo específico de escrita digital, que ocorre com maior frequência, a partir da gerência da web 2.0. Podendo seu modo de fabricação ser artesanal e artística *offline*, mas sempre fruto de ferramentas digitais nos universos conectados.

Contrastando com o espaço *offline*, cuja plurissemiotividade é sinônimo de transgressão da autonomia de códigos; nos espaços da web 2.0 torna-se uma regra, não a parte, mas premente. Para se ter uma compreensão até acurada, os iconotextos são exemplos bem didáticos uma vez que mescla grafia e imagem digitais. Outra boa indicação seria o que Paveau chama de “conversacionalização da imagem” ou uma imagem conversacional, em que a digitalidade (meio nato-digital) confere-lhe plasticidade e uma mobilidade novas. São

arquivos leves, fáceis de copiar ou de manipular tornando a imagem fluida (PAVEAU, 2021, p.335). A autora chega a citar André Gunther e seguindo pela compreensão desse autor considera que tal imagem não integra elementos linguageiros propriamente ditos, e elucida tomando o meme como exemplo.

Ainda nesse ritmo e realizando uma ponte com os stickers-Libras, no instante que optei por analisa-los à luz da tecnogenericidade e os preteri dos memes, os empecilhos foram superados já que, como veremos, uma vez que há um linguageiro ordinário corriqueiro nesse tipo de gênero digital, coisa que o meme não traz. A própria materialização do que é falado no linguageiro da Libras, os stickers-Libras ressoam e revozeam.

Até pouco tempo levei em consideração alguns teóricos que se embebessem de concepções, acepções e depreensões bakhtinianas (como diria uma certa professora, sequer posso passar um zap pro Bakhtin para sanar minha dúvida).

Ante ao exposto, poderia o/a apreciador(a) deste trabalho incorrer na seguinte indagação: como que o escrevente põe em evidência, de um lado um teórico que diz que não existe “gênero digital”, e de outro que há sim tecnogêneros⁷⁴? De pronto, necessito salientar que Marie-Anne Paveau (2021) recobre uma nova epistemontologia (Fabrício, 2017) concernente aos gêneros presentes em ambiência digital, e para além de um efeito morfológico e/ou tipológico cunha o termo tecnogênero.

O que me faz recair numa analogia um tanto vulgar, mas não menos epistêmica e gnosiológica. Essas questões que envolvem gêneros digitais, remete-me mnemonicamente ao filme Avatar 1, ano de 2009, e Avatar 2, ano de 2022. Ora, o protagonista, de início mantém uma relação com o país Pandora e para adentrar neste reino, vale-se de uma cápsula que interliga o corpo humano e o conecta ao corpo do avatar. No segundo episódio, Jake, já não mais necessita da cápsula, seu corpo humano se decompõe e sua vivência no reino avatar passa a ser nativa (nato-avatar).

Similarmente, ao me posicionar em torno da defesa de stickers-Libras enquanto gênero discursivo, a incidência recaía no construto do círculo bakhtiniano, superadas essas obumbrações, adentro na ecologia da Análise do Discurso Digital concatenada aos Estudos Queer em Linguística Aplicada (Moita Lopes *et al.*, 2022) para fins teórico-metodológicos.

⁷⁴ Não pretendo esgotar as discussões em torno de escolhas lexicais, considero sinônimos tanto gêneros discursivos digitais, quanto gêneros híbridos (SANTAELLA, 2014). No que diz respeito aos tecnogêneros, os encaro como uma virada visual e social. Para Paveau (2021, p.328) estes por sua vez seriam dotados de uma dimensão compósita, derivada de uma constituição do linguageiro e do tecnológico com propriedades particulares.

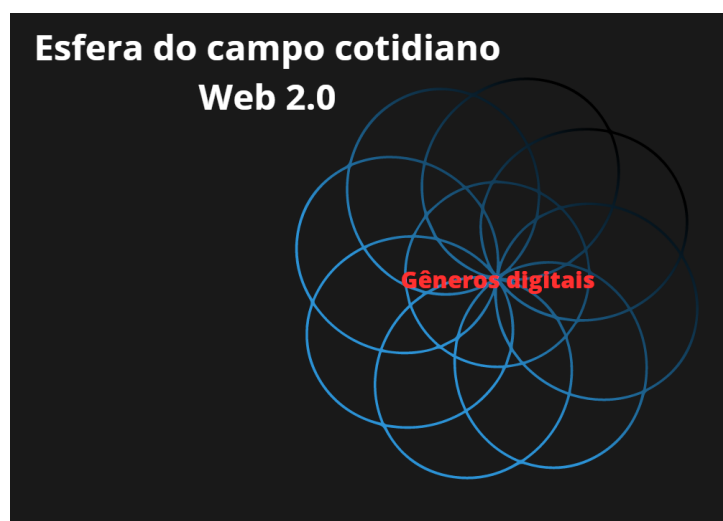
Nesse sentido, a tipologia tecnodiscursiva envolve três casos de tecnogêneros: prescritos, negociados e produsados. Como mote de discussões, me contentarei apenas com dois, prescritos e produsados. Aquele, não existe *offline* (mesmo que herde um passado pré-digital), depende, assim, inteiramente de ferramentas digitais e circula quase que exclusivamente *online* (Paveau, 2021, p.329)

Quanto aos produsados, segundo a autora (op.cit) seriam, qualquer elaboração a partir das possibilidades técnicas do ecossistema, a um gênero nativo da internet fora das restrições do tecnogênero prescrito. À exemplo, a autora cita um cartaz digital, ou um sujeito que faz selfie com um cartaz exibindo um slogan ou uma hashtag ou um enunciado reivindicatório.

No que tange aos stickers-Libras, há um incessante diálogo quanto as suas produções, se são produsados e prescritos ou um entremeio. Prefiro os situar no entremeio, já que herda um passado *offline*, mas não sobrevive sem o *online*, e produsado pois estão sendo continuamente elaborados no ecossistema e pode se caracterizar de nativo da internet.

A meu ver, os gêneros digitais, aqueles que circulam na Web 2.0, inter cruzam-se de maneira aligeirada, permitindo um compartilhamento colossal irrompendo barreiras geográficas e por vezes culturais. Com fins de transpor da semiose textual para imagética, suponho que a mandala se aproxima de uma representação mais ou menos fidedigna da avassaladora intersecção dos gêneros digitais (tecnogêneros).

Figura 18: Mandala Esfera do campo cotidiano



Fonte:elaboração do autor (2023).

4.3 Ressignificação Digital, contradiscurso à ciberviolência.

A resignificação, em sentidos paveutianos, trata-se de uma teorização ou procedimento léxico-discursivo que toma um determinado insulto e o reconstrói numa guinada ética do discurso. Ou ainda, seria uma entidade estigmatizada respondendo ao estigmatizante com o próprio estigmatismo. Além de na sua dimensão discursiva, consiste em retomar um elemento linguístico em sentido doloroso e/ou ofensivo e modificar seu valor axiológico negativo para transformá-lo em uma marca de identidade empoderadora (PAVEAU 2019).

Marie-Anne Paveau se inspira nas teorias de Judith Butler, Robin Brontsema e Stéphanie Kunert reatualizando assim para o meio digital. Traz no cume dessa teoria uma suposta ciberviolência que indivíduos sofrem e estes a partir dessa agressão virtual respondem resignificando a língua/linguagem desde o aspecto micro ao macro.

A resignificação discursiva, em tradução para o português brasileiro de Roberto Baronas, se divide em três categorias:

1. a recontextualização enunciativa, quando um enunciado insultante é retomado engendrando em seu lugar uma resignificação; 2. a publicação analógica, quando o enunciado insultante é retomado engendrando em seu lugar uma resignificação que passa a circular em contextos distintos dos quais inicialmente circulou e 3. a produção de um dispositivo cultural ou intelectual, quando o enunciado insultante é retomado engendrando em seu lugar uma resignificação que passa a circular em contextos distintos dos quais inicialmente circulou e essa resignificação se transforma num dispositivo cultural e intelectual de resistência. (BARONAS, 2021, p. 109)

Ainda nesse interim, a resignificação surge como prática que não se limita à negociação do sentido das palavras, mas se estende à construção social das categorias (PAVEAU; COSTA; BARONAS 2021, p. 30). O que os autores estão dizendo é que longe de se tornar apenas um jogo semântico, a proposta de teorização embebesse aos sedentos por práticas sóciodescursiva, militantistas, identidade *queer* e muitas outras numa dimensão política, histórica, econômica, cultural e de grupos marginalizados, dentre outros.

Em outras palavras, a resignificação, não é, portanto, apenas um processo semântico- pragmático, mas um dispositivo discursivo total que envolve formas discursivas variadas e plurissemióticas (ibidem), visto que se desvencilha de antigas abordagens que inculcem léxico ou categorias. Aqui, na resignificação paveutiana, o universo do discurso digital possibilita confluências das mais variadas semioses do Discurso: sons, imagens, signos, entonando a modalidade linguística visuoespacial.

A ressignificação por recontextualização enunciativa, segundo a autora, é mais desvelada no meio digital. Muito embora ao analisar os stickers-Libras, percebe-se uma abertura de possibilidades em que as três categorias podem estar em confluência. Justifica-se por uma vez que os stickers-Libras circulam por meio de plurissemioses, algo análoga as entextualizações; além disso, como se trata de uma cultura surda que incorpora subversão de estigma(s), o tecnogênero serve como mote de resistência. Essas peculiaridades serão aclaradas nas análises de dados.

Por ora, se há interesse em enveredar nessa jornada de ressignificação tecnodiscursiva, levando em conta as três categorias supra explanadas, é ainda preciso se abastecer de sete critérios linguístico-(tecno)discursivos propostos por Paveau, Costa e Baronas (2021, p. 39), na condição de processo discursivo, sob a forma de: (I) critério pragmático, tratando-se da existência de uma ferida linguageira provocada pelo insulto, estigmatização, ataque, etc., a respeito da identidade de uma pessoa ou grupo; (II) critério interacional, em que uma resposta ao enunciado ofensivo é produzida; (III) critério enunciativo, o sujeito agredido é a origem enunciativa da resposta, que ele retoma do enunciado ofensivo por conta própria como autocategorização, ou ele provoca uma simples recontextualização, veremos que nos stickers-Libras não será obrigatória uma ofensa direcionada a alguém, podendo ser ao coletivo.

Além dos três elementos elencados, atentemos ainda para o (IV) critério semântico-axiológico, em que o enunciado-resposta compreende uma inversão ou mudança semântica e/ou axiológica, analogamente teríamos uma aproximação com os insultos direcionados à comunidade LGBTQIAP+, como por exemplo a “bicha” no tom pejorativo oriundo da heteronormatividade que passa, num dado momento, a incorporar a fala dos gays afeminados agora com valor axiológico de empoderamento – ser a bicha como sinônimo de orgulho.

Quanto ao (V) critério discursivo, o enunciado-resposta é produzido em contexto diferente do enunciado ofensivo, que é recontextualizado pela "abertura a contextos desconhecidos", como expoente os autores citam Judith Butler, teórica dos Estudos queer. Diante disso, notória as similaridades com os EQLAI nos quesitos entextualidade e indexicalidade, por exemplo.

Atinente ao (VI) critério sóciossemântico, estaremos diante do uso recontextualizado do elemento linguageiro que ao ser julgado torna-se como aceitável e reconhecido como tal pelos sujeitos implicados, aqueles que formam um sujeito coletivo (comunidades, tribos, por exemplo). Para exemplificar, tomemos a “bicha” novamente, e

pensemos no nicho de gays afeminados que passa a validar a antiga provocação e ofensa como parte integrante das subjetividades. Algo mais palatável seria rememorar que no programa de tevê *Vai que cola*, tínhamos a personagem *Bicha Bichérrima* protagonizada pelo ator Paulo Gustavo. Humoristicamente, em algumas cenas a personagem ao ser supostamente ofendida como “*Vai pra lá seu gay!*”, perfila risos e rebate, uma ofensa seria “sai pra lá, seu hétero!”

Com relação ao critério (VII) pragmático-político, sem delongas consiste num enunciado ressignificado que é revolucionário, pois produz uma reparação e uma resistência, ampliando a coesão do sujeito militante. Seria aquele enunciado que emerge de uma esfera comunicativa, podendo transitar em outras, tornando-se uma ação política, não deixando de ser discursiva tampouco ideológica. Um clássico exemplo disso, foi o ocorrido no campo da comunidade surda com a campanha “*Legenda para quem não ouve, mas se emociona!*”⁷⁵ conduzida pelo Surdo Marcelo Pedrosa, que brota em 2004 em Recife-PE, tornando-se uma Lei estadual 12.310/2002, mas que logo ganhou proporções nacionais ao ponto de se tornar um Projeto de Lei nº256/2007.

Sumariamente, assentados nesses critérios, os autores asseguram que é possível definir a ressignificação como uma prática linguageira, linguística e material de resposta (II) a um enunciado ofensivo (I), efetuada pelo sujeito agredido pela autocategorização ou recontextualização simples (III), que estabelece um retorno do enunciado ofensivo (IV) num contexto alternativo (V), o novo uso sendo aceito coletivamente (VI) e produzindo uma reparação e uma resistência (VII).

Ademais, em alusão ao critério segundo é reafirmado que se trata de linguageiro por estar levando em consideração o uso das palavras; linguístico se justifica pela existência de uma dimensão metadiscursiva e material pois a ressignificação é passível de ser publicada em mídias e serem compartilhadas.

Em 2021, em artigo intitulado *Ressignificação discursiva em diferentes contextos: linguística popular e ludolinguistas*⁷⁶, o professor Roberto Baronas problematiza uma quarta categoria/tipologia, a ressignificação humorística que se diferencia das três propostas por

⁷⁵ Mais informações disponíveis em: [https://journal48.com/pessoas-com-deficiencia/acessibilidade-os-desafios-de-consumir-conteudos-audiovisuais/](https://journal48.com/pessoas-com-deficiencia/ acessibilidade-os-desafios-de-consumir-conteudos-audiovisuais/). Acesso em 20 abril de 2023.

⁷⁶ Ludolinguistas ou “não linguistas” é descrito por Paveau como aqueles que produzem enunciados sobre língua e discurso a partir de posições não acadêmicas e subjetivas (Baronas, 2021, p.120); grosso modo são apontamentos enviesados pela Linguística *Folk*. No caso da Libras não é tão raro se deparar com tais sujeitos, muito embora gere dissenso com os canônicos linguistas da Libras. Num exemplo mais recente tivemos as discussões em torno do termo autismo em Libras, reparem em: <https://www.instagram.com/reel/CpTPsDoDvK5/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D>. Acesso 03 abril. 2023.

Paveau, já que não parte de um insulto, por exemplo, para transformá-lo numa luta singular e/ou coletiva de determinado grupo social.

Outro aspecto a ser mencionado, está na condição dos tipos de *corpora* que a teorização reflete. Não se presta a analisar *corpora* verbais tal como ocorre em análises de discursos pré-digitais, toma-se, desta feita, *pequenos corpora*. A resposta para essa escolha é dada por meio da provocação de outro autor, Danino, que interpela: seria necessário estudar três maçãs para pensar em gravidade?

Na obra em questão, Resignificação em contexto digital, os autores discorrem em analisar um único tecnotexto, a hashtag #elenão, e a trata na qualidade de hashtag salamandra, justificando pela capacidade desse animal se regenerar. Similarmente, ocorre com os argumentos que erigem numa espécie de contradiscurso, resistindo as mais diversas ofensas na web 2.0 e possibilitando regeneração e/ou mutações argumentativas.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

Destino este capítulo inicialmente, na primeira seção, a discorrer sobre o pano de fundo que envolveu minha pesquisa. Como estive imerso em ambiência *online*, a etnografia digital foi condizente com a necessidade ou exigência social que me fora requerida. Na seção seguinte, proponho-me a pormenorizar como que foram escolhidos os grupos de WhatsApp, locus de criação de dados. Reitera-se que nenhum grupo ou participante foi identificado, prezando, dessa forma, pela ética de pesquisa. O que será analisado se além a textos digitais cuja circulação ocorreu na rede social WhatsApp de maneira reticular. Isso posto, não se sabe a origem, tampouco o locus de criação nem a autoria textual. De outro modo, sequer se sabe de qual smartphone ou qual ID partiram a criação, e posterior pulverizações, por exemplo.

Tais grupos se tornaram terreno fértil na seleção de enunciados tecnodiscursivos presentificados no tecnogênero stickers-Libras. Para mais, intento justificar a escolha do método *screenshots* ou *printscreen* (captura de tela) que auxiliará nas análises dos tecnotextos.

Os propósitos de análises deste trabalho, amparados pelo percurso metodológico, atentam-se para responder as inquietudes iniciais: lançar um novo olhar para o digital/digitalidade da Libras, sob a ótica da Análise do Discurso, e especificamente prestar-se a analisar a produção, circulação e interpretação de stickers-Libras. E tangenciando aos propósitos, não seria viável abrir mão de compreender as características genéricas e se há uma cosmovisão que os “envelopam”. Ademais, diante dessa contextura, será cabível sanar minhas desconfianças: se o tecnogênero possibilita o advento de uma tecnografia (uma escrita digital), e ainda uma nova escrita da Libras.

5.1 Etnografia Digital, um pano de fundo mais que necessário

As trilhas metodológicas, que me foram convincentes, ocorreram pelas vias da etnografia digital, possibilitando subsidiar as análises das manifestações da linguagem presente nos stickers-Libras. De pronto, é oportuno relatar os desafios que se apresentaram no decorrer de geração de dados ou como diria Hine (2016, p.17) entre os prazeres e frustrações das experiências *online*.

Os dados iniciais foram perdidos parcialmente, por conta de uma atualização no aparelho *smartphone*. Posteriormente, consegui recuperar alguns dados e selecionei apenas aqueles que julguei indispensáveis para a análise. Ademais, como cada enunciado se inter cruzava com situações contextualizadas, tive que recorrer para o plano bê em virtude

dessas perdas. Para isso, estive interagindo e registrando enunciados tecnodiscursos em 3(três) grupos de WhatsApp, tais detalhes serão explicitados na próxima seção.

Devo salientar que eu não impus uma escolha sob a metodologia, ela que se apresentou a mim no decorrer da jornada acadêmica. Ou ainda, aproveitando o ensejo carnavalizado, “eu não a escolhi, foi ela que me escolheu”. Para tanto, tive que realizar uma topografia de campo, definindo qual área eu poderia desenvolver e corroborar para um construto teórico-metodológico. Dada essa conjuntura, o WhatsApp veio a calhar.

Ao optar pela Etnografia digital, logo me proponho a ser um explorador, antes mesmo de ser um pretense discursivista ou linguista. Tal metodologia possui peculiaridade de ser multissituada, em face disso os tecnotextos viajam numa velocidade vertiginosa e para análises carecemos conhecer seu trajeto.

Outra questão associada a etnografia digital se insere na *Big Data*, as grandes mídias sociais, cujos dados não são possíveis de se “coletar”. Não se trata aqui de um pomar que na estação certa estarão disponíveis e os colocarei em minha cestinha. Por essa via metodológica, o pesquisador com seu olhar científico produz dados. Ademais, no campo digital, a imprevisibilidade é garantida (Vallada *et al.*, p.54), tanto que meus dados (corpus) foram modificados.

Pensar em etnografia, atrai quase que de imediato a ideia de um observador passivo, portando seus estratagemas, alocado num determinado espaçotempo e possuindo interesse de desbravar algo novo, desconhecido até, e que ainda não fora estudado. Contudo, os interesses de uma etnografia virtual (digital) irrompe com determinadas “pré-construções” de sentido rumando a (trans) locais similares a areia movediça. Tais premissas, podem ser retextualizadas da seguinte maneira,

O crescimento das interações mediatizadas nos convida a reconsiderar a ideia de uma etnografia vinculada a um lugar específico ou, ainda, a múltiplos espaços ao mesmo tempo. Estudar a modelagem e reconfiguração do espaço por meio de interações mediadas representa em si uma grande oportunidade/para a perspectiva etnográfica. Em vez de multissituada, podemos convenientemente pensar na etnografia da interação mediada como fluida, dinâmica e móvel. (HINE, 2004, p.81)

Convém, entretanto, dizer que alguns (des) encostos entre uma etnografia *offline* e *online* são prementes. Um deles se insere no quadrante de conduzir as pesquisas a uma formatação *insider*⁷⁷, a interação é similar tanto em uma quanto em outra. Nessa direção, a pesquisadora Hine (2016) atesta que devemos buscar um equilíbrio nas atividades observáveis

⁷⁷ Pesquisador-insider, segundo Paul Hodkinson (2002, apud Hine, 2016, p.26), designa o grau de proximidade inicial entre o pesquisador e o grupo social participante da pesquisa.

e atividades evidentes. Logo, o etnógrafo virtual não é um sujeito passivo, já que lhe é incumbido tanto observar quanto evidenciar um fato, um fenômeno, um acontecimento, etc.

A etnografia digital é preñhada de uma força potente, pois se propõe a estudar o que ocorre no campo, no contexto e momento em que a mídia é produzida e consumida (Ibidem). Veremos que os stickers-Libras estão inseridos nesse matiz heterogêneo, híbrido, compósito por sua natureza, e multissituado.

O que me insultou a alicerçar este trabalho nas teorizações de Christine Hine, como pano de fundo, resulta das (des) conexões existentes entre estas e os demais construtos percorridos, tanto bakhtinianos quanto paveutianos. Sumariamente, no que tange ao objeto de análise, para o etnógrafo o significado não reside no texto propriamente dito, mas em uma gama de relações sociais que antecedem e ao mesmo tempo resultam daqueles momentos de engajamento com o texto (HINE, 2016, p.12).

5.2 O “vamuê”, passo a passo, na prática

Seguindo o rito metodológico em seu objetivo geral, esta pesquisa se insere enquanto exploratória com enfoque qualitativo, uma vez que os significados são extraídos dos dados, além de desenvolver perguntas e hipóteses antes, depois e durante a análise de dados (SAMPIERE, COLLADO, LUCIO, 2013, p. 33).

Para tanto, três grupos de WhatsApp, onde eu estava inserido, serviram para a criação de dados: (1) um grupo onde a maioria são sujeitos surdos e LGBTQIAP+, (2) um grupo de profissionais da Educação de diversos estados brasileiros e por último (3) um grupo de simpatizantes pelas políticas da Esquerda brasileira. Há algum ponto em comum que os (des) unem? Sim, são profissionais educadores, surdos, intérpretes e demais profissionais de Educação que atuam (in) diretamente com a Libras.

Também cabe salientar que alguns dados não estão inseridos em troca de mensagens instantâneas, e que foram perdidos por conta de atualizações no Android do smartphone, porém ao serem recuperados recorri mnemonicamente ao que Paveau chama de pré-discurso⁷⁸, às minhas lembranças ou ainda aos meus conhecimentos adquiridos nas interações em grupo.

Como forma de registro dos stickers-Libras, recorri a duas alternativas, a primeira aos *screenshots*, capturas de tela na qualidade de documento de pesquisa (Sylker; Camila,

⁷⁸ Conhecimentos prévios, compartilhados, de mundo, grosso modo refere-se à doxa.

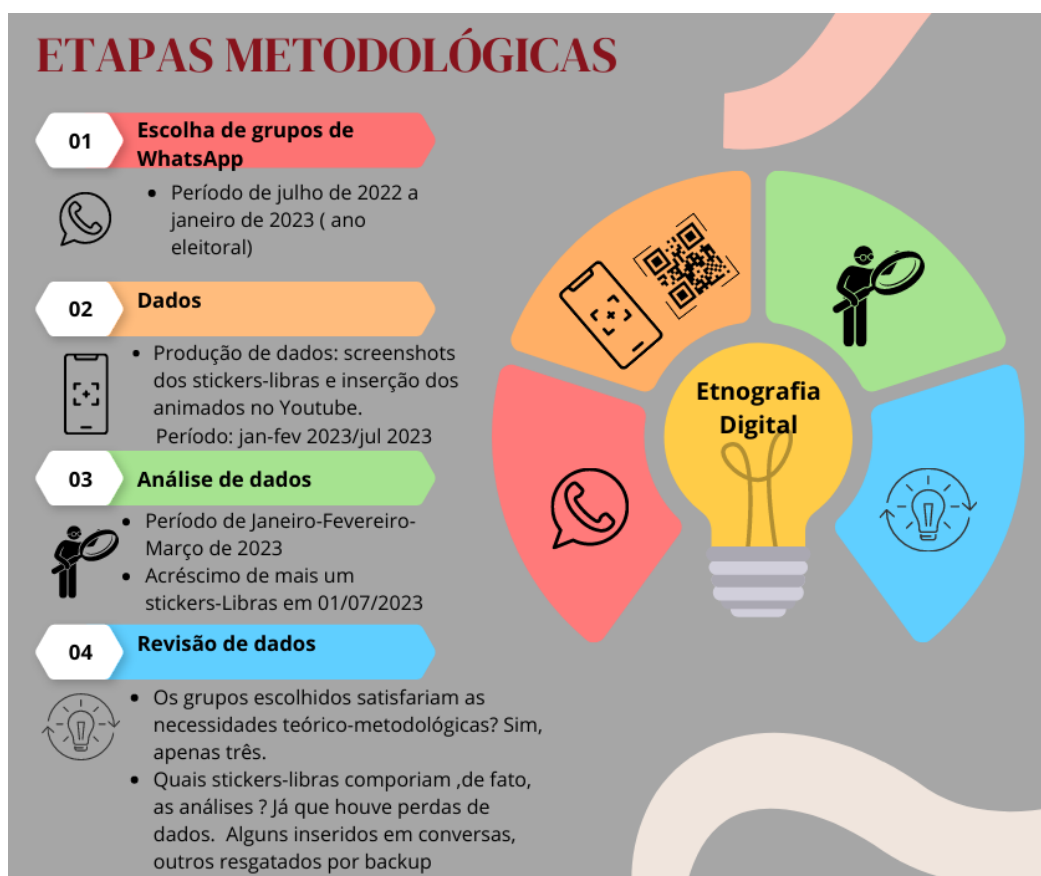
2009, p.72); segundo, gravação de stickers animados e disponibilização na plataforma Youtube. Apensei a alguns stickers-Libras, animados, um hipertexto QR *Code* (Código QR) redirecionando-os para o vídeo no Youtube correspondente.

Tanto os stickers-Libras comuns quanto os animados estão disponíveis via captura de tela; no que concerne especificamente aos animados, a captura de tela se mostrou insuficiente quanto ao registro de nuances existentes nos enunciados, algo similar a uma transcrição de uma palestra, onde não só se modifica a modalidade de registro, mas são perdidos elementos (extra) linguísticos imperiosos, os prosódicos por exemplo. Por essa razão é que recorri à gravação em formato de *short vídeos* de Youtube para tentar mitigar esse entrave.

O último passo, concretizou-se com revisão e confronto de dados. Para tanto, era necessário saber se: (1) os grupos escolhidos, efetivamente, satisfariam as necessidades teórico-metodológicas e (2) quais stickers-Libras comporiam, de fato, as análises, já que houve perdas de dados. Dada essa situação, foram tomados quatro grupos, de início, mas apenas os três grupos, supracitados, satisfizeram as necessidades pretendidas. E como objeto de estudo foram selecionados alguns stickers-Libras (enunciados) inseridos em conversas, outros foram resgatados por backup.

Por ora, abaixo apresento o quadro-resumo das etapas metodológicas, revisando e parametrizando o que foi explicitado até o presente momento:

Quadro 06: Etapas metodológicas



Fonte: elaboração do autor (2023).

6 ANÁLISE DE DADOS

A ideia de apresentar os dados com suas respectivas análises culmina com este capítulo que no decorrer da pesquisa detinha-se à (tecno) carnavalização e/ou ressignificação digital. A inclinação por outra área científica, vem a calhar no instante que ao me situar na compreensão de um corpo surdo pós-orgânico, em que lhe é exigido sua amostra para efetuar as interlocuções digitais, as teorias *queer* se dirigiam ao seu encontro por abarcar não só gênero e sexualidade, mas o que é diferente, o não-padrão. Diferentemente de sujeitos não surdos que podem camuflar suas identidades ou permanecerem no anonimato com os recursos (extra)linguísticos que lhes aprouver; no limiar do *offline /online* é possível camuflar a surdez, mas não a Libras.

Intencionalmente, com o arranjo do quadro abaixo, proponho uma melhor apreensão a respeito das escolhas de teorizações e categorizações que compuseram as análises de dados. Ressalta-se que, os enunciados dos stickers-Libras não receberam tratamento sob a égide das três teorizações de forma concomitante, mas foram assentados naquela(s) que melhor correspondeu/corresponderam às necessidades.

Quadro 07: Quadro-síntese de teorias

QUADRO DE TEORIAS

Teorização	Categorizações
Tecno(carnavalização) Bakhtin (2008)	Aviltamentos, uso do baixo corporal (excrementos) e grotesco.
Ressignificação Digital Paveau (2021)	Sete critérios de Marie-Anne Paveau 1. critério pragmático: 2. critério interacional: 3. critério enunciativo: 4. critério semântico-axiológico 5. critério discursivo: 6. critério sóciossemântico: 7. critério pragmático-político e 8. critério humorístico, de Sérgio Baronas
Estudos Queer e LA indisciplinar (Lopes et al, 2022)	(1) entextualidade, (2) indexicalidade (3) performatividade e (4) escalas.

Fonte: Elaboração do autor (2023).

Por essas considerações pertinentes, reservo a primeira seção deste capítulo para situar o escritor quanto as reparações da EQLAI e sua ressonância para a surdez e Libras. Já para a próxima, adentro nas análises de dados propriamente ditas recorrendo à (tecno) carnavalização, ressignificação digital e EQLAI. De antemão, reafirmo o compromisso de abrir caminhos para outras apreciações, intervenções e projeções, bem como outros tecnôgenos que poderão surgir no porvir com as inúmeras efervescências que a web 2.0 favorece.

6.1 Situando os Estudos Queer e Linguística Aplicada Indisciplinar

Como já delineado no percurso deste trabalho, passemos ao consagrado momento de análises de dados, mas antes careço ter mesmo que *en passant* discorrer sobre umas das categorizações que cotejam as minhas análises: Estudos Queer em Linguística Aplicada Indisciplinar (EQLAI).

Os EQLAI me causaram estranhamento e claro me instigaram a correlacionar com o escopo do meu trabalho que conjuga ressignificação digital e (tecno) carnavalização. Pensar numa linguagem digital tendo protagonismo de uma língua estranha/estrangeira mesmo sendo brasileira, meio que me induziu a ceder a uma fração do campo de estudo dessa ótica científica.

Porque como já bem debatido, aqui o corpo pós-orgânico, carrega estigmas e caricaturas, ou mesmo indexaliza uma performance puramente gestuovisual. Presume-se que aquilo que é estranho causa estranhamento, e é nessa guinada da estranheza que alguns dos stickers-Libras podem e devem ser analisados, mesmo que timidamente, à luz dos EQLAI.

São numerosos os interessados pelas teorizações queer e que colaboram na compreensão de uma pragmática cotidiana na contemporaneidade. E então, o que viria a ser o saber queer? Consoante a isso, Bourcier e Preciado (2001: s.p, apud Lopes *et al.*, 2022) asseveram ser uma metodologia de análise que é também uma intervenção política e cultural em resposta às práticas institucionais que privilegiam os saberes heterocentrados, saberes esses que não afetam meramente o campo da sexualidade ou dos “homossexuais”.

Não carece, a meu ver, definir o que seria Linguística Aplicada, ou melhor a que ela se propõe, a julgar por inúmeros consensos e dissensos que a interpela, sem falar em expoentes da área que já discorrem melhor que eu. Dou preferência a questionar o porquê de ela ser indisciplinar, nesse quesito Moita Lopes (2008) mais uma vez pode me auxiliar. Isso posto, o autor atesta que calcar-se em indisciplinaridade é pôr em xeque os limites disciplinares, com visões objetivas, descorporificada, sem compreensão da heterogeneidade.

Seria então, colocar no centro das atenções vidas marginalizadas com seus atravessamentos identitários, sexuais, de raça e afins, por exemplo (LOPES ,2008, p.27.)

EQLAI se apresenta como um campo interseccional que concatena gênero e sexualidade com atravessamentos do corpo levando em consideração classe social, raça, religião, idade, nacionalidade, etnia e acresço de deficiência. E no caso de Surdos, nós não vemos a surdez, mas sim a língua de sinais. Apetece-me escoar essa teorização para aqueles que por séculos foram considerados anormais, e essa anormalidade é res/sentida nos discursos voláteis que impregnam a web 2.0.

Quanto a esse viés, a título de análise, ao apreciar os enunciados presentes em stickers-Libras, poderá ser levado em consideração quatro premissas (1) a entextualidade, (2) indexicalidade e (3) performatividade e (4) escalas. Entextualidade refere-se ao texto remodelado, renarrado, reenquadrado e, seria a própria viagem textual. Já a indexicalidade seria a interpretação de significados culturalmente contextualizados envoltos em diversas semioses e que podem ser recuperáveis. A performatividade implica numa auto/reafirmação identitária no tempo, no espaço e translocal (web 2.0), podendo ser materializada em gêneros (sexuais, discursivos), Discurso/ideologia e, claro, num corpo. Quanto as escalas, incidem num processo que tem a ver com as ações semióticas e as dimensões de sentidos projetadas (LOPES, 2022).

Na próxima seção, além da descrita acima, tomo como escopo outra ancoragem teórico-metodológica selecionada que é a carnavalização, como já debulhado temos em questão o aviltamento, o grotesco (jocoso), baixo material, corporal e anatomia carnavalesca. Ademais, no que tange a ADD será atendido alguns dos critérios propostos por Paveu e Baronas. Em suma, os tecnodiscursos é que indicarão qual/quais entidades de análises serão condizentes para um melhor entendimento.

6.2 O que os dados nos dizem

De antemão, para melhor situar o leitor, elenco previamente quais os dados que serão analisados, digo, quais stickers-Libras foram apreciados e compuseram a pesquisa. Por ora, nove enunciados satisfizeram as necessidades do escopo do trabalho. Por este recurso, a intenção é ofertar uma visão panorâmica do objeto de estudo, além claro, de oportunizar revisitações quantas vezes forem necessárias.

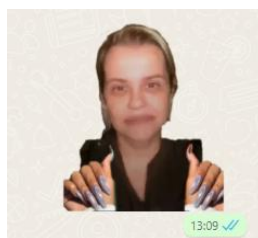
Quadro 08: Quadro-resumo de dados.



Fonte: elaboração do autor (2023).

Passemos para as análises, propriamente ditas. E já introduzo com um dos enunciados polêmicos do ano de 2022, a nível nacional, e que obteve um *boom* de discussões nas mais variadas redes sociais e evidente também no WhatsApp.

Figura 19: Sticker-Libras surdos de capa preta.



Fonte: retirado da internet (s/l).

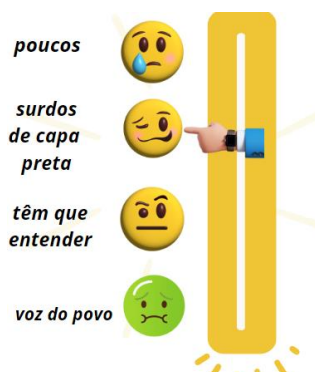
Aos não imersos na comunidade surda brasileira, paira uma certa curiosidade ao tentar desvendar o que está subjacente nesse sticker produzido com a imagem da ex-secretária nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Diante das possíveis indagações, urge a necessidade de rememorar uma fala do então, ex-presidente da República em convenção

partidária no ano de 2022, “...*estes poucos surdos de capa preta têm que entender o que é a voz do povo...*”⁷⁹ .,

Mas por que *poucos surdos*? Poucos em relação a serem minorias? Minorias que precisam se curvar a uma suposta vontade soberana – *entender o que é voz do povo*? A relação da Suprema Corte com surdos de capa preta indexaliza um suposto poder que emana no povo sob os caprichos de um chefe de Estado.

Outrossim, ser surdo é sinônimo de não ouvir (entender)? Não se completa apenas por serem surdos, eles não ouvem, logo são incapazes. Se enquadra no que Moita Lopes *et al.* (2022, p.38) teorizam de Escalas, não de medir ou avaliar, mas de analisar a elaboração semiótica nas interações discursivas.

Figura 20: Escalar discursivo – surdos de capa preta.



Fonte: elaboração do autor (2023).

No caso do sticker-Libras, a ressignificação escalar à ciberviolência ocorre da seguinte forma: a. poucos (presença de apenas uma apoiadora direitista), b. surdos de capa preta (a escolha nada aleatória da ex-secretária das Pessoas com Deficiência, que é surda e trajando uma suposta roupa preta) e c. tem que entender a voz do povo (alusão ao sinal em Libras denotando curvatura, sujeição, subserviência e congêneres).

Ao passo que temos um escalar discursivo, constata-se uma verdadeira (tecno) ressignificação, além claro, de uma cosmovisão carnalizada rebaixando o alto, não qualquer alto, mas o segundo escalão do Governo.

Surdos de oposição questionaram-na, naquele instante em sua rede social, se aquela metonímia não teria conotação discursiva capacitista. Dado que, as Pessoas com Deficiência sempre sofreram com tais reveses. Os corpos anômalos em Foucault, o circo dos

⁷⁹ Recorte da fala do ex-Primeiro chefe de Estado disponível em: <<https://youtu.be/oB6qt701IRU>>. Acesso em 10 de jan. 2023.

horrores, onde corcundas e anões era postos do formato de espetáculos (Sá, 2006, p.71), e a biomedicalização da surdez reverbera até os dias atuais. Ainda nessa direção, a bivocalidade atestada por Bakhtin foi presente, logo surdos de oposição insurgiram e começaram a turbinar o WhatsApp com o sticker-Libras acima.

Se pela cosmovisão carnavalesca temos, além de outras características, um exemplo de aviltamento, pelo processo de ressignificação discursiva (Paveau; Costa; Baronas, 2021, p.38), é possível abrir um leque de correspondência nos critérios propostos pelos autores (idem). Vejamos:

- Critério pragmático: ataque aos surdos camuflando um capacitismo – poucos surdos tem que entender;
- Critério interacional: a resposta veio com a disposição (questões linguísticas e extra linguísticas) do sticker-Libras;
- Critério enunciativo: utiliza-se de um sujeito surdo (influyente), de direita, recontextualizando a ferida languageira, será que ela (surda) também não entende?
- Critério semântico-axiológico: e agora como resposta temos exemplo de uma ex-secretária do segundo alto escalão do Governo Federal que defende ferrenhamente toda e qualquer prática bolsonarista se tornando o estandarte do contradiscurso.
- Critério discursivo: o contexto de produção e circulação da resposta já não se situa no Youtube ou na modalidade oral, mas agora asperge outros gêneros e modalidades;
- Critério sóciossemântico: a recontextualização é compreensível, aceitável e passa a circular de maneira espontânea, o sticker-Libras pulveriza diversos contextos e situações nas conversas de WhatsApp;
- Critério pragmático-político: o enunciado é revolucionário, produz uma reparação, um tanto salamândrica, e amplia a coesão de surdos militantes que não se calam diante da atrocidade;
- Critério humorístico: a montagem, o enunciado, a escolha da personagem, as matizes de cores e possibilidade de interpretação suscitam humor (Humor Surdo).

Observa-se, além do supraexplorado, o fato de que ser surda não a exime de se posicionar desvelando suas ideologias político-partidárias um tanto contraditórias – ser

oprimida e exaltar o opressor – além de haver retrocessos em linhas abissais por parte do seu governo. Isso conjuraria quais relações de poder? Lembram daquele adágio popular? “O que é pra Chico NÃO É pra Francisco” (modificado). Enquanto que a ex-secretária dispunha de Tradutores intérpretes de Libras (TILSP) , o país passava por uma fase minguante, os TILSP na esfera federal desvaneciam com o Decreto Lei de nº 10.185, de 20 de dezembro de 2019.

Aqueles que estavam lotados permaneciam, contudo se houvesse necessidade de abertura de novos concursos, o dito decreto os impedia. Surdos sequer usufruíram da garantia de acessibilidade tão preconizada pelo então ex- governo. Sou levado a crer que se tratava de uma prática de pão e circo do primeiro damismo.

O sticker-Libras também traz elementos de um corpo-morto, convalido, por sua tonalidade de pele e coloração de lábios. Outro detalhe não menos importantes é que as mãos foram sobrepostas (incrustadas) por edição de imagens, uma das características dos tecnôgenos, no outro exemplo irei me deter um pouco mais a esse respeito.

Insistindo ainda nas possíveis significâncias das mãos sobrepostas, o professor Isaack Saymon, em sua dissertação sobre gírias e expressões idiomáticas da Libras, contribui para o registro e discussão em torno de alguns léxicos que desaguam na pragmática da Libras. Ao entrever o enunciado acima, quase que de imediato me veio a lembrança de alguém que de forma mesmo inerte, dissimuladamente mantém um ethos de proatividade. Evidente que o gracejo um tanto forçado induz a crer que de fato, uma das intenções era de achincalhar a ex-primeira secretária.

Retomando com as colocações do professor Isaack Saymon, lixar ou fazer as unhas em Libras indica alguém que está folgado, sem nada para fazer, ocioso. No caso do sticker-Libras acima, há uma ênfase dada nas unhas com coloração azulada⁸⁰.

⁸⁰ Não é possível afirmar categoricamente, mas suspeito que a coloração remeta ao movimento Setembro azul em alusão a resignificação do que aconteceu na II Guerra Mundial, em que faixas azuis eram postas nos braços das Pessoas com deficiência. Aqui, possivelmente um escárnio (*footing*) a uma pessoa Surda apoiadora e passando panos quentes, tentando justificar, o injustificável, de um *neogenocida*.

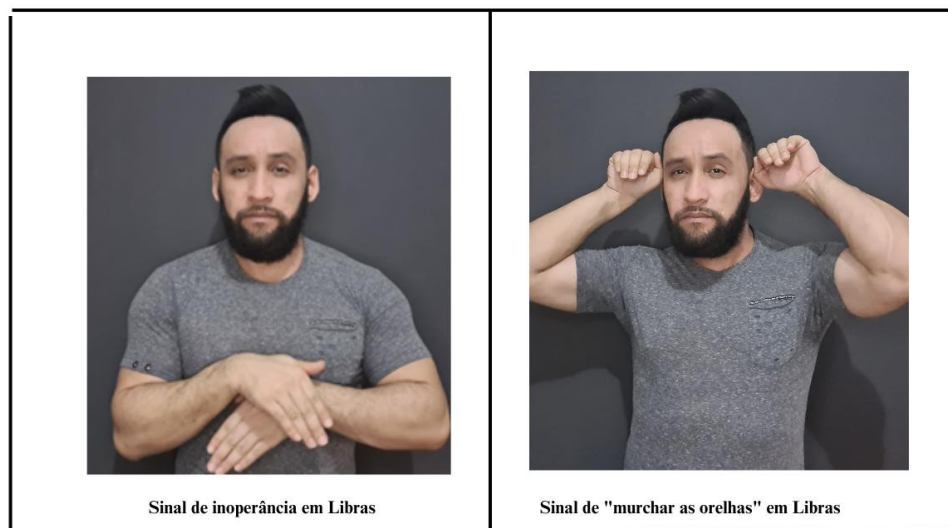
Figura 21: Fazer as unhas em Libras.



Fonte: Silva (2015, p.97).

Além dessas ponderações, é sabido que para os discursivistas o que interessa é quais são os efeitos de sentido, valorativos, presentes nesse enunciado no qual é materializado com a disposição dessas mãos. Possível depreender que as intencionalidades do autor-criador desse sticker-Libras são oriundas de um campo semântico-discursivo de destronamento, e que aludem a formações discursivas de impotência, inoperância, subserviência, “orelhas baixas de animal” na Libras, esta última levado em consideração como também possível carnavalização incorporando características animais ao humano. Ver figuras abaixo:

Figura 22: carnavalização animal-homem em Libras



Fonte: elaboração do autor (2023) ⁸¹

⁸¹ Disponível em vídeo Libras: <<https://youtube.com/shorts/cLv7ZVEdE-k?feature=share>> .

Outro tecnotexto de sticker-Libras, traz o que Paveau denomina de iconotexto digital, um tipo de tecnografismo que hibridiza imagem-escrita e que ambas separadas não (res)significam um enunciado, tampouco enunciam. Faço a seguinte colocação, Paveau sequer observou e incluiu na lista tipográfica dos iconotextos os stickers, todavia faço questão de tratar esse tipo de tecnotexto com iconotexto, pois conflui em algumas especificidades.

Figura 23: sticker-Libras pix dente.



Fonte: retirado da internet (s/l).

Veamos que houve uma edição de imagem e pintaram um dos dentes do indivíduo surdo e acrescentaram o texto em língua portuguesa com traços interlinguísticos, português como segunda língua para surdos, da seguinte forma: “pix *dente*”. Seria presumível, de antemão, questionar onde a Libras estaria alocada nesse sticker. Primeiro que há um corpo (tecn) performático surdo, segundo que os elementos não-manuais (boca, nesse caso) também compõem a Libras e estão inseridos nesse sticker (Libras) – dente banguela –, além de haver indícios de uma escrita, L2, de língua portuguesa, ressaltando, assim, os mecanismos (meta)discursivos de surdos.

Indo adiante, Paveau (2021, p. 360) também acresce que alguns dos tipos de tecnografismos são as *incrustações textuais e reconfiguração por filtro*. Quanto a esse composto, ao primeiro ocorre pela disposição de um texto junto da imagem (incrustar), ao segundo entende-se como uma edição capaz de sobrepor imagens. Nesse caso específico, a sobreposição ocorreu com a edição de imagem, alterando a imagem original, uma imagem preta inserida no dente do indivíduo.

Como este sticker-Libras circulou em grupo desportivo de surdos, além de possuir rubrica com elementos da escrita de surdo, configura-se como ressignificação digital, uma ressignificação humorística sem sequer receber insultos ou ter sofrido alguma ciberviolência.

Outro aspecto preponderante é que foi compartilhado em cronotopo esportivo de surdos fortalezenses.

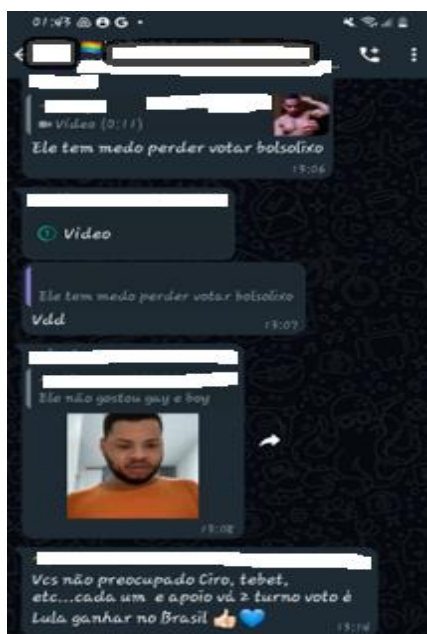
Poderíamos lançar algumas hipóteses de aplicações contextuais, (1) o sujeito está banguelo e precisa de uma vaquinha (arrecadar verba por meio do pix) para pagar o procedimento odontológico. Ou (2) algo habitual entre jogadores de futebol que é achincalhar os colegas, a prática (essas provocações) por muitos é vulgarmente chamada de “resenha”, a pilhéria.

À vista da cosmovisão carnavalesca, teremos a desgraça da feiura realçada pelo banguela, contrariando as normas que induzem a todos ter um sorriso, como diríamos por metonímia, sorriso Colgate, possuir todos os dentes e com aparência embranquecida. Bakhtin ao analisar alguns traços de carnavalização na obra de Dostoiévski, precisamente na cena do escândalo e do destronamento do príncipe, e ao citar as interlocuções dos personagens traz o que ele chama de “anatomia carnavalesca” (Bakhtin, 2013, p.186) e uma das cenas é justamente esta:

- *Quem, eu aleijado?*
- *Isso mesmo, aleijado, e ainda por cima banguelo, é assim que você é!*

Passemos a outro exemplo com suas respectivas análises.

Figura 24: sticker-Libras se fudeu (foda-se).



Fonte: acervo do autor (2023).⁸²

⁸² Disponível em: https://www.youtube.com/shorts/2J_Eqnaxm-w

Num dado grupo LGBTQIAP+, identificado apenas pela bandeira da diversidade, onde a maioria é surda, um sujeito X reencaminha um vídeo em Libras com uma mensagem relatando que se Lula fosse eleito, os presidiários seriam soltos, e iriam causar uma anarquia⁸³. Além da interação por meio de postagens de vídeos recorrendo à sinalidade (oralidade da LS), há um sticker-Libras, animado, respondendo a postagem inicial com a seguinte informação: *foda-se, se fudeu, ou tomar no cu!* Para além de um desdém, reverbera uma resistência às diversas *fake news* que também foram pulverizadas no seio da comunidade surda brasileira, em período eleitoral.

No bojo das Teorias queer, sirvo-me do enunciado do seguinte membro que também colabora para analisar o sticker-Libras, *Ele não gostou gay e boy*. Nota-se que se trata da escrita de um surdo em língua portuguesa com traços de interlíngua, a conjugação do verbo, e também a estruturação do enunciado se fastia de uma escrita de um nativo, um ouvinte. O que nos é caro incide sobre a intolerância que é indexalizada, *i.e.*, à dependência contextual pervasiva do enunciado (Lopes, 2022, p.37) disponível em “não gostou” seria, não gosta, não aceita, não tolera e afins, o quê? Gays e boys, este último indicando ser os supostos simpatizantes ou até mesmo aqueles que não se reafirmam enquanto gays, mas que com estes se relacionam.

Nesse caso a ciberviolência ocorre pela produção e disseminação em larga escala de inverdades com intuito de depreciar o ethos do candidato de oposição, no caso Lula, e apregoar um pânico de cunho tribalista (presidiários versus cidadãos de bem) e forçar os eleitores a optarem por um suposto salvador (mito) que não dá mole para bandido, já que para o jargão da extrema-direita *bandido bom, é bandido morto*.

O sticker-Libras erige uma reação, performando uma identidade, rechaçando as inverdades e trazendo à cena um gesto, como também um léxico envolto numa carnavalização e tomando o baixo corporal para pôr em xeque toda e qualquer ameaça coercitiva, *ipisis litteris*, com o que se entende de “tomar no cu”. Vejamos outro exemplo.

⁸³ Tradução minha.

Figura 25: sticker-Libras bom senso.



Fonte: acervo do autor (2023)⁸⁴.

Noutra ocasião, alguém (a) posta no grupo um sticker com um paraquedista nu. Com a ação da gravidade o pênis ficava à mostra e realizava movimentos aleatórios. Outro sujeito surdo (b) responde com um sticker transmitindo espanto e feições de alguém escandalizado. Não se contentando, o primeiro sujeito (a) retruca com um sticker-Libras com a seguinte mensagem: *(Risos, mão na boca) ...Ah, vamos ter maturidade (bom senso), deixar de ser quadrado (besta, idiota), pow (porra)!*

Conjugando etnografia digital e entextualizações (EQLAI), o sujeito (b) indexaliza uma visão do corpo nu como algo vergonhoso, à moda antiga seria mostrar as vergonhas. Nesse exemplo, a resposta do sujeito (a) figura como recepção do texto ao enunciado anterior (signo ideológico), dado que a refutação fica evidente. A recepção de texto no campo da etnografia também é atestada por Guimarães e Lopes (2022, p.62),

A observação etnográfica de como os textos são recebidos, incorporados, refutados, mantidos e alterados por sujeitos com expectativas interpretativas distintas e repertórios linguísticos/discursivos específicos é fundamental no estudo da relação entre entextualizações e atribuição de sentidos.

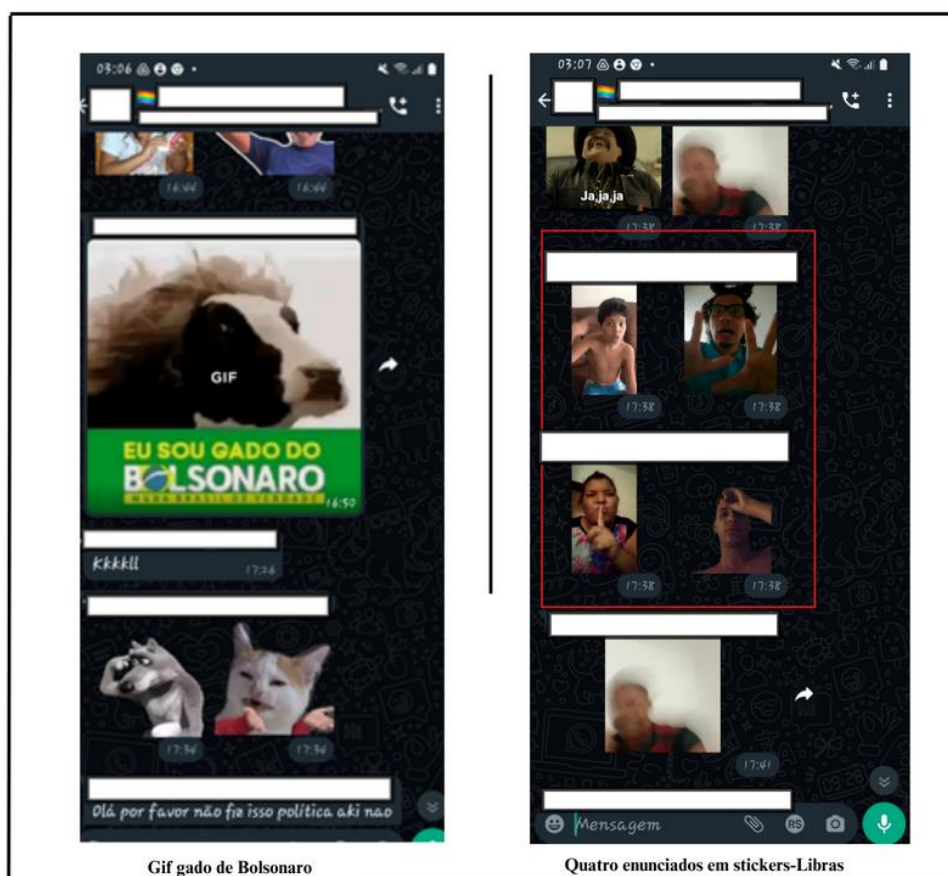
Suscintamente, essa viagem textual incorporada, ressignificada, alterada e refutada, nada mais é do que uma leitura ativa desmistificadora que compreende uma normatização, uma relação de (bio)poder. No mais, são estigmas que recaem sobre a genitália

⁸⁴ Disponível em: <https://youtu.be/g4NdyDDOsBU>. Acesso em 20 mar. 2023.

masculina enquanto digna de vergonha, ainda mais exposta às claras. Logo, a recepção (leitura) manifesta um *footing*⁸⁵ humorístico, embora irônico. Outro aspecto deveras importante, engloba a estilização do texto: a mão sobre a boca, não mais denotando vergonha, mas desprestigiando os índices expressos no enunciado anterior (b); as expressões faciais de teor zombeteiro insinuando “se oriente, largue de ser idiota” e correlatos, além do fato do autor-enunciador se portar sem camisa, não seria uma seminudez? Deixo como provocação.

Por outro lado, nesse caso, há uma performatividade de reafirmação de um corpo nu com pênis à mostra. Há uma voz enunciativa (sinais em Libras) que indexaliza um pedido, de forma humorada, para que naturalizem o corpo do homem nu, especificamente o pênis. Vejamos outros exemplos.

Figura 26: rechaço político.



Fonte: arquivos do autor (2023)

85 Segundo Paiva e Junior (2004, pp 3-4) , “[...] noutras palavras, footing seria uma outra maneira de expressar a relação entre linguagem em uso (discurso) e indexação, ou seja, o processo através do qual relacionamos os enunciados a momentos, lugares e sujeitos sociais particulares, incluindo, neste sistema, nosso próprio eu e suas múltiplas formas de expressão em interação (e.g., sentimentos de emoção, distância afetiva, crença, ceticismo, sinceridade, ironia, dentre outros).

Nessa conversa, não se sabe ao certo as reais intenções, um surdo postou um *gif* se autodenominando “Eu sou gado de Bolsonaro”. O que está em mãos e é passível de análise recobre aqui uma linguagem fascista. Já na introdução, mesmo que de forma tênue, conduzirei as problematizações por essa vereda.

Piovezani e Gentile (2020) ao traçar comparações entre o *Führer*, Duce e o Mito, asseguram que os dois primeiros mantinham um comando vertical; à medida que o último, um comando horizontal (uma tramada de proximidade com as classes populares). O que nos é lícito e conveniente brotam de algumas das características do fascismo, domesticação das massas e busca pelo controle das populações e uma das maneiras de se fazer isso é através da tecnologia.

Quando o sujeito se intitula *eu sou gado de Bolsonaro* há a presença marcante de um ethos invertido de autenticidade, i.e, ter coragem de confessar algo horrendo sem medo de sofrer sanções. Contrariamente ocorreria com “eu sou pró-Lula”, diante das investidas ameaças e subversões da extrema direita que a todo custo alienou e afixou o que o fascismo adora: ser contra a inteligência (consciência crítica) e unificar o coro de vozes, padronizar uma linguagem – petista ladrão.

Enfim, entre gargalhadas e reprovações, o moderador, com resquícios interlinguísticos de português como segunda língua, chama atenção para que não trouxesse à tona no grupo questões partidárias (políticas). Não me compete conjecturar as intenções do autor do post, tampouco me prestar a discorrer sobre os stickers que não se enquadram na condição de stickers-Libras.

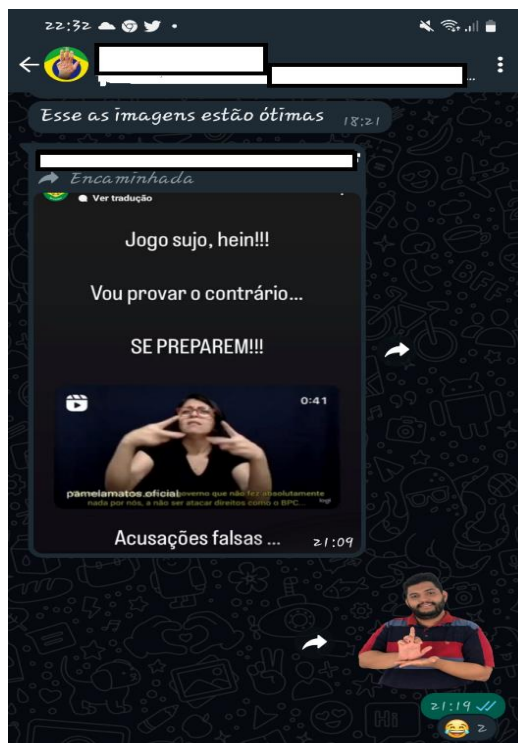
Percebam que a conversa prossegue em torno do “gado de Bolsonaro” e são lançados stickers-Libras mesclados com gestos icônicos, por um mesmo enunciador (escreitor) com os seguintes enunciados: “(1) Tu é doido”, “(2) Peraí ou Para! Dá um tempo”, “(3) Bye, tchau, caladinho aí!” e “(4) sabe de nada (ignorante)!”. Todos os stickers-Libras tem intuito de retrucar, caçoando e recorrendo ao escárnio e derrisório (carnavalização). Aproximando-se de uma tradução em língua portuguesa, e levando em consideração os regionalismos, seria algo similar: “Tá maluco? Dá um tempo, cara! Pegue o beco, vaza e se despeça miudinho, ignorante!”

Muito mais além do que a reprovação exposta no enunciado, e da coloquialidade, bem como sua plurivocalidade, os *ethé* (as imagens de si) de cada sticker-Libras traz uma baixeza com vertigens humorísticas. O corpo que fala, a língua(gem) visuoespacial capaz de ensejar essa cosmovisão carnalizada. Além de se realizar um escalar enunciativo: doido, dá

um tempo; xiu xiu, caladinho; burro, ignorante. Talvez se mudassem a ordem dos enunciados, os efeitos de sentido seriam diferentes.

Passemos a mais um exemplo:

Figura 27: sticker-Libras falo voluntário.



Fonte: retirado da internet (s/l).

Em grupo de simpatizantes pelas políticas da Esquerda brasileira, identificado apenas por uma mão sobre a bandeira do Brasil, um membro postou um print de vídeo em Libras, o vídeo original já havia circulado por várias redes sociais em caráter público. O teor da mensagem servia como um alerta sobre a PEC 32/2020, em que esta discorria sobre a reforma administrativa, e que gravemente afetaria as Pessoas com Deficiência. Um dos pontos mais nefastos atesta que “só será efetivado no cargo quem, depois de aprovado no concurso, alcançar resultados em avaliações de desempenho e de aptidão durante período de experiência obrigatório como fase final do certame” (Agência Câmara de Notícias, 2020).

A autora do vídeo prossegue dizendo que as Pessoas com Deficiência se concorressem com pessoas sem deficiência e ao passarem por esse estágio de avaliação probatório, seriam penalizadas severamente, ficando a critério das chefias pontuar melhor os candidatos. E ainda, que era presumível o cenário, já que historicamente é sabido quem que sempre fica/esteve à margem. E continua, que se votassem em 22 (candidato da extrema direita) estariam “cometendo suicídio”.

Se déssemos mais uma boa observada, há um enunciado acima e outro abaixo do vídeo “Jogo sujo, hein!!! Vou provar o contrário... SE PREPAREM!!! Acusações falsas ...”. Trata-se da ex-secretária nacional das Pessoas com Deficiência que como já apontado em outra análise é surda e diretista. Como de praxe ela tentou bajular seu candidato e eufemizar os supostos impactos que a PEC 32/2020 acarretaria.

Em se tratando de stickers-Libras, nota-se um enunciado que se assemelha ao “dar o dedo” ou dar cotoco, tendo representação em diversas culturas, e claro a brasileira. É preciso considerar também as reações aclaradas em emojis de gargalhadas que se figuram como recepção (leitura) do enunciado proferido em sinais. Urdundo pelo emaranhado paveutiano, temos um exemplo de comentário relacional, especificamente na tipologia enunciados de gestos, “[...] são manifestações fáticas, expressando a emoção ou significando aprovação ou numerosos significados.” (PAVEAU, 2021, p.107)

Retornando ao sinal supra exposto, em linhas gerais quais os significados/sentidos que são evocados?

"É um dos gestos de insulto mais conhecidos", diz o antropólogo Desmond Morris.
"O dedo médio é o pênis, e os dedos recolhidos ao lado são os testículos. Ao se fazer o movimento, você está oferecendo um gesto fálico a alguém. É como dizer: 'este é o falo' que você está oferecendo aos outros, que é uma exibição bastante primitiva"
(NASAW, 2012)

Seguindo essas pistas, precocemente poderíamos incorrer no erro de que se trata apenas de um gesto insultante, que de fato o é. Entretanto, ao nos situarmos em cronotopo da comunidade surda brasileira, precisamente na gestão de Bolsonaro, o primeiro damismo esteve às claras impondo um pseudo trabalho “hercúleo”, sempre na subordinação falocêntrica. Um desses trabalhos, concretizou-se com o chamado Pátria voluntária, que em Libras possui este item lexical:

Figura 28: pátria voluntária.



Fonte: retirado da internet.⁸⁶

Lançando mão de algumas inferências, é possível depreender que o sticker-Libras revela traços carnavalizados ao subverter o sinal do projeto em questão, provocando o riso ou a gargalhada, basta observar a reação por emoji. Enquanto que a ex-primeira dama concretiza em suas práticas um falocentrismo, o falo é então usado como mote de destronamento e as leva para o rechaço, ao ridículo e jocoso, com teor humorístico deveras. Ao passo que servidores públicos, estavam mingando por não receber aumento salarial, com o piso salarial congelado, e enfoque nos TILSP que não tiveram mais possibilidade de prestar concurso, terceirizando, desta feita, o serviço que deveria ser público, a primeira dama estava levando a frente um trabalho esdrúxulo, levantando uma bandeira de “benevolência”: o voluntariado.

De alguma forma a língua de sinais ganha, além de piadas; mas via tecnogênero, nota-se a emergência de neologismos e/ou ressignificações de formações discursivas, um tipo de “falo voluntário”. Ao me propor levar em consideração os sete critérios paveutianos, além do oitavo proposto por Baronas, a ciberviolência encontrada nas ressignificações dos sticker-Libras não está à mostra, necessário acessar outras camadas tecnodiscursivas ou seguir o caminho de discursos e contradiscursos; de outra maneira, a investigabilidade requer uma memória discursiva ou discursos procedurais, seguir as pistas deixadas nos caminhos digitais.

Por meio de um exercício escalar, mobilizando os EQLAI, podemos nos ater a três elementos constitutivos no enunciado: *iconização*, *apagamento* e *recursividade fractal*. Quanto ao primeiro, consiste numa correlação associando a imagem social a determinadas características linguísticas. Já o segundo, são eliminação de traços ou matizes capazes de constituir uma ameaça à ideologia que se pretende instaurar ou preservar. O último, por sua

⁸⁶ Disponível em: <https://twitter.com/patriavolunt> . Acesso em 20 mar.2023.

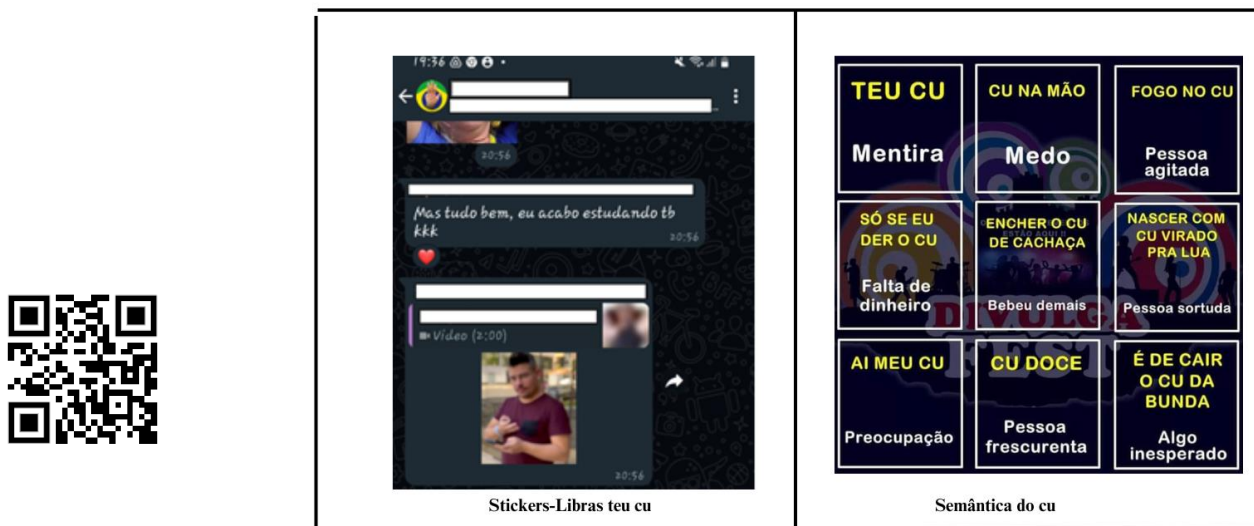
vez, seriam projeções dicotômicas, em por uns a outros, beneficiando uma das partes (GONZALEZ; LOPES, 2022, p.237).

Houve uma tentativa de atrair para si uma imagem de primeira dama esforçada, que ao lado do marido não mediria esforços para o sucesso do país, um suposto patriotismo materializado no *slogan* da gestão “Pátria, amada, Brasil”, *per si*, a iconização do ideal. Nos feixes de apagamentos, despontam de uma propaganda que preconiza o voluntariado, atividade a ser louvada já que mobiliza a caridade, o amor a benevolência – princípios cristãos que não podem/devem ser questionados. No que tange à recursividade fractal, camufladamente, haverá os que são “pró-Cristo” e “contra Cristo”, ou ainda “quem não é por mim é contra mim”.

Quem ousaria se opor a uma ideologização cristã num país onde 87% da população se denomina cristã⁸⁷? Contudo, ressurgem a carnavalização para bivocalizar profanando aquilo que deveria ser sagrado. E o melhor, ressignificando e entextualizando enunciados com índices metadiscursivos da Língua Brasileira de Sinais, Libras.

Vejamos outros exemplos:

Figura 29: Sticker-Libras e semântica do cu



Fonte: retirado da internet.⁸⁸⁸⁹

⁸⁷Informações segundo dados do IBGE. Fonte:

<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2022/06/09/senado-aprova-criacao-do-dia-nacional-do-cristao#:~:text=Segundo%20o%20IBGE%2C%2087%25%20dos%20brasileiros%20se%20identificam%20como%20crist%C3%A3os>. Acesso em: 24, maio.2023.

⁸⁸ Fonte: < <https://x.gd/GzgmB>>. Acesso em 23 mar. 2023.

⁸⁹ Registro em forma de vídeo: <https://youtu.be/WWICoiJSJEU>.

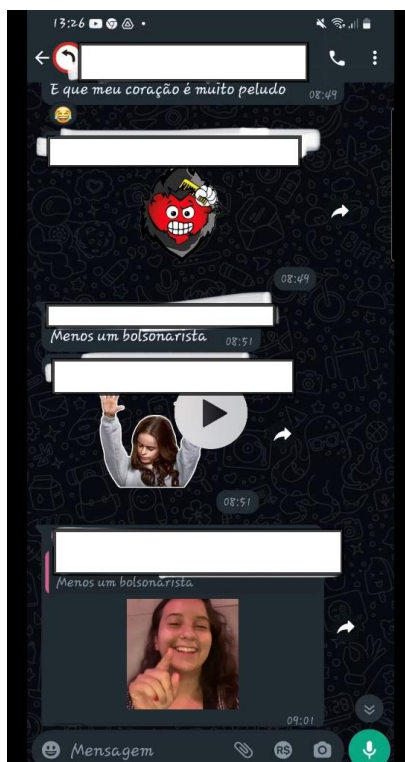
Nessa passagem, um dos membros do grupo compartilha um vídeo em Libras, contendo *fake news*, afirmando que em São Paulo algumas urnas tinham sido fraudadas. Outra pessoa surda titubeia e fica duvidando se aquilo de fato tinha ocorrido ou se era factóide. Durante as discussões, a mesma surda se convence de que era necessário estudar (pesquisar a fonte), “*mas tudo bem, eu acabo estudando tb kkk*”. Um outro participante, natural de São Paulo, ao se deparar com o tecnotexto em vídeo, retoma (o responder mensagem do WhatsApp) com um sticker-Libras gestual-icônico, cujo sentido se assimila ao “teu cu!” para os ouvintes.

Aqui depreende-se que não envolve apenas o campo semântico-pragmático, aponta para uma relação tecnodiscursiva e/ou para a cena da enunciação ou especificamente a cenografia digital (Maingueneau 2020, p.156): (1) o sujeito retruca por meio de carnavalização, elevando o baixo corporal, (2) há uma ciberviolência, posto que ao atacar a democracia e o Estado Democrático de Direito, colocaram em xeque a lisura do processo eleitoral, (3) com o sticker-Libras “teu cu!”, há uma resignificação “salamândrica”, *i.e.*, o sujeito ofendido produz reparação, desvela uma insurgência e amplia a coesão enquanto sujeito militante (PAVEU.; COSTA; BARONAS 2021).

Seria possível até avançar em questões ludolinguísticas, a linguística popular, em que os *cyborgs* trouxeram à tona uma cadeia de sentidos e significados para o uso linguageiro, isso se torna mais compreensível na imagem sobreposta retirada da internet. Em miúdos, como diria minha tia, a ludonlinguista aqui de casa “*teu cu é pra dizer que é mentira*”, sentido que é ratificado na figura 35.

Analisemos mais um exemplo, de outro grupo de profissionais de educação, identificado apenas por uma seta, também retratando o baixo corporal:

Figura 30: Sticker-Libras você é fdp.



Fonte: retirada da internet (s/l).⁹⁰

Para situar o escreiteiro, nesse meio-tempo, uma componente do grupo posta um hiperlink de cunho noticiário. A matéria jornalística discorria sobre a morte de Guilherme de Pádua⁹¹, assassino confesso de Daniela Perez, filha da escritora de telenovela Glória Perez. Antes de realizar uma análise, propriamente dita, do tecnotexto de sticker-Libras, creio que mais que oportuno caracterizar o finado numa dimensão axiológica: (a) assassino confesso, (b) intitulara-se pastor evangélico e (c) apoiador fiel de Jair Bolsonaro.

Atenção para o enunciado “Menos um bolsonarista”. Dada essa dimensão axiológica, seria palatável inferir as possíveis motivações da autora do enunciado supracitado em língua portuguesa. Não me compele, portanto, analisá-las, tampouco conduzi-las a exaustão. Meu interesse inclina-se para a resposta fornecida de outra componente, que se vale de um sticker-Libras que diz “*you are a very naughty girl!*”. Outra questão instigante, além do gesto-icônico de ânus que a interlocutora do conteúdo produz, não a produção da escreiteira em seu ato de compartilhamento de tecnotexto, de outro modo, nos

⁹⁰ Disponível em: < <https://x.gd/JdRsw>>.

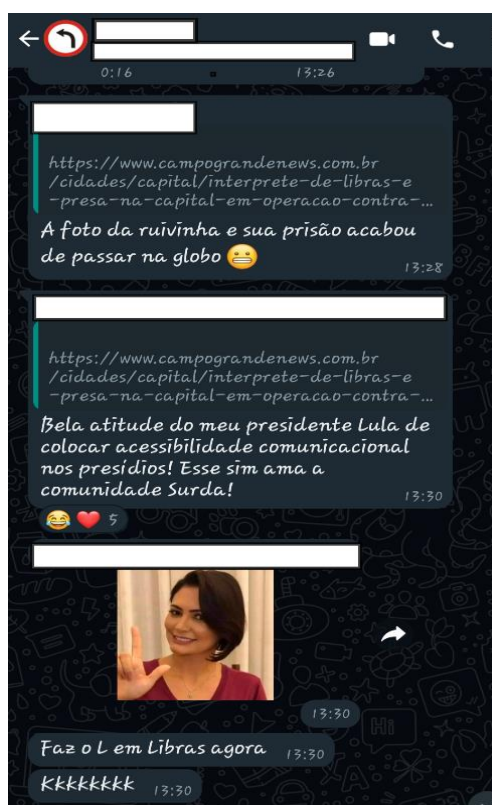
⁹¹ Notícia disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/morre-guilherme-de-padua-aos-53-anos-em-belo-horizonte/>. Acesso em 20 mar de 2023.

achados Bakhtianos uma bivocalidade por meio de refração⁹², é que há recorrência de um artifício linguístico da Libras, o *mouthing*. De acordo com Sutton-Spence (2007, apud Pagy, 2021, p. 171), o *mouthing* é a articulação da palavra da língua oral, sem o som, junto com a sinalização.

Retomando às discussões, o enunciado poderia ser compreendido como uma ofensa, mas neste caso apenas reforça por meio do que Baronas (2021) acresce nos critérios de resignificação de Paveau, um oitavo critério – resignificação humorística. Não houve um ataque ou ofensa, mas apenas com fins de responder humoristicamente e provocar o riso, foi lançado o stickers-Libras, com uma cosmovisão positiva, anuindo o enunciado anteposto “menos um bolsonarista”. O engraçado é que a locutora adjetiva a outra de *filha da puta* e sequer agride, mas demonstra uma camaradagem e claro uma intimidade.

Passemos para mais uma análise,

Figura 31: sticker-Libras faz o L.



Fonte: retirado da internet (s/l).

Nos atos antidemocráticos ocorridos em 08 de janeiro de 2023, o mundo assistia a um atentado terrorista contra o Estado Democrático de Direito brasileiro. Entra em cena mais

⁹² Em nova tradução da obra Problemas da obra de Dostoiévski (POD), 2022, Sheila Grilo e Ekaterina Américo criam um glossário no final da obra e discutem as possíveis aplicabilidades do termo. Em uma delas, as tradutoras discorrem que “também aparece..para indicar a projeção das intenções do autor nas palavras do narrador ou dos personagens” (2022, p.372).

uma vez, a famigerada família do ex-presidente Bolsonaro. Voltemos a contextualização, no dia 20 de janeiro do mesmo ano, a Polícia Federal (PF) deflagrou a operação Lesa Pátria que mirava em financiadores e participantes daqueles atos terroristas ocorridos em Brasília, em 8 de janeiro.

Uma das participantes era uma intérprete de Libras, que já atuava pró-Bolsonaro e que segundo o portal G1⁹³ já traduzia para um deputado estadual de Mato Grosso do Sul. Para mais, durante os acampamentos nos Quartéis do exército, ela estava assiduamente participando.

Uma das integrantes do grupo a chama de ruivinha e responde ao primeiro enunciado dizendo que fora transmitido na tevê Globo “*A foto da ruivinha e sua prisão acabou de passar na Globo* (emoji de tenso). No segundo comentário, irônico por sinal, e que gera diversas reações diz “*Bela atitude do meu presidente Lula de colocar acessibilidade comunicacional nos presídios! Esse sim ama a comunidade surda!*”

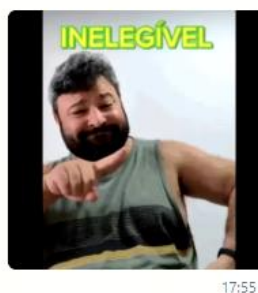
A conversa prossegue e alguém publica um sticker-Libras, passado por processo de editação, trazendo ao enunciado uma ressignificação do terceiro tipo, ou seja: produção de um dispositivo cultural ou intelectual (sinal *I love You*), quando o enunciado insultante é retomado engendrando em seu lugar uma ressignificação(editado e fazendo apologia a LULA , não só pelo sinal , mas pela cor de blusa que alude ao Partido dos Trabalhadores -PT) que passa a circular em contextos distintos dos quais inicialmente circulou (circula agora em grupos de esquerda) e essa ressignificação se transforma num dispositivo cultural e intelectual de resistência (fazer o ele-L).

Em linhas gerais houve um aviltamento, um dessacralizar de poder posto na imagem da ex-primeira dama sinalizando um L, e isso por si só sinalizaria um derrisório. Além do duplo; velho-novo (entextualização), um enunciado em Libras que viajou de um contexto alhures e passa por uma (re)elaboração improvisada, resultando num texto parodístico (verbo visual).

Por último, e mais recente, emergiu no WhatsApp o sticker-Libras inelegível, passemos para suas análises.

⁹³ Disponível em: <https://x.gd/npmYB> . Acesso em 20 Mar. 2023

Figura 32: Sticker-Libras inelegível.



Fonte: retirada da internet (s/l) ⁹⁴.

Para situar e compreender o cronotopo que esse tecnotexto circulou, é convidativo realizar uma contextualização das possibilidades de sua criação e difusão. No dia 30 de junho de 2023, por maioria de votos (5 a 2), o Plenário do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) declarou a inelegibilidade do ex-presidente da República Jair Bolsonaro por oito anos, contados a partir das Eleições 2022. Ficou reconhecida a prática de abuso de poder político e uso indevido dos meios de comunicação durante reunião realizada no Palácio da Alvorada com embaixadores estrangeiros no dia 18 de julho do ano passado (Tribunal Superior Eleitoral, 2023).

Num arremate geral, os motivos para a tomada de decisão do TSE se embasaram na comprovação de mentiras e desinformação propaladas pelo ex-presidente, além de constantes ameaças à democracia. À medida que foi proferida a “sentença condenatória”, as redes sociais efervesceram de memes, gifs, stickers e, claro, stickers-Libras. Consoante Cellina Muniz (2023), tal “happy day”, dia de celebração, calhou com o que a autora denomina de *Inelegível e o riso de triunfo*, as inúmeras expressões atravessadas pelo humor.

Era até de esperar que no decorrer da conclusão da minha pesquisa, algum novo sticker-Libras pudesse ser criado e pulverizado na rede. Assim sucedeu, no momento que antecedia minha defesa de dissertação, me deparei com o sticker-Libras “inelegível”. Contudo necessário frisar que o tecnotexto original (formato) fora criado em outra plataforma, o Instagram. Embora, ao viajar para o formato de stickers, tenha perdido o que denomino de “jogos prosódicos da Libras” além de nuances estilísticas, pois naquela plataforma o criador faz jogos com a letra “i”, em português, da seguinte forma: “*imbrochável* (sic), *imorrível* e *inelegível*”.

⁹⁴ Registro em formato de vídeo: <https://youtu.be/WGAC6tXoKbE>.

Ao passo que em português os jogos prosódicos, estilísticos e estéticos atraem a letra “i”; em Libras, os jogos estilísticos, e até poéticos também ocorrem, dado que estes últimos evocam o que Sutton-Spence (2021, pp.58-161) preceitua de simetria poética, *i.e.*, mesmas configurações de mãos, com uma relação estética e metafórica. E ainda, o exemplo acima se enquadra no tipo de simetria mais conhecido, e o que normalmente encontramos, é o “reflexo”, que é a simetria como num espelho. Muitos poemas usam as duas mãos com a mesma configuração de mão, localizadas no mesmo espaço. Vejamos.

Figura 33: Configuração de mão para inelegível.



Fonte: <https://glossario.libras.ufsc.br/glossario/letras-libras/>.⁹⁵

Para a Análise do Discurso Digital em parceria com os EQLAI teremos mais um exemplo de escalas performáticas, é como se houvessem gradientes no enunciado que culminam com o “clímax” da produção enunciativa – inelegível. Atentemos para a primeira observação. Em forma de glosa o sinal de inelegível em Libras se perfaz com a junção de três léxicos/termos: *proibido- eleição-candidato*.

Todavia, como os gradientes escalares traziam conotações fálicas, por exemplo, imbrochável (em Libras: *pênis-cair-levantar*), imorrível (em Libras: *morte-cair-levantar*) e inelegível (em Libras: *proibido- eleição-candidato*); é perceptível que há outras nuances que atravessam os léxicos. Primeiramente a simbiose *cair-levantar* repassa significação de resistência, ao mesmo instante que o termo “proibido⁹⁶” em Libras faz par mínimo, nesta produção,⁹⁷ com outro sinal, o imoral, a imoralidade, a pornografia⁹⁸.

O que traz uma riqueza de análise para nós discursivistas é quando vislumbramos a materialização do Discurso no léxico (top-down) e até mesmo na fonética-fonologia

⁹⁵ Acesso em: 02 jul.2023.

⁹⁶ Sinal (item lexical) relacionado, disponível em: <https://youtu.be/tq6A894mWSo>. Acesso em: 02 jul.2023.

⁹⁷ Segundo Quadros (2019, localização kindle 967), pares mínimos seriam as formas fonológicas das palavras que são idênticas, exceto em uma das unidades específicas. No nosso caso, a unidade que permite distinguir o que é pornografia e proibido é o movimento do sinal.

⁹⁸ Sinal em Libras de pornografia, disponível em: https://www.ines.gov.br/dicionario-delibras/public/media/palavras/videos/pornografiaSm_Prog001.mp4. Acesso em: 02 jul.2023

(lexema) da Libras. Ademais, a (tecno) carnavalização mais uma vez se presentifica remontando o baixo corporal, o tal “pau duro” (Viagra ambulante) agora broxou e ruiu por oito anos. O destronamento, o aviltamento, parece que perdura quando há uma co(relação) com resistência política e autoafirmação enquanto minoria. Encerro por aqui as minhas análises, crente que há mais no povir.

Desta feita, passemos a prospectar e também refletir sobre o que analisamos, até aqui, nesta seção. Imergir na seara digital é se confrontar entre encruzilhadas e para estabelecer conexões/desconexões exige do analista do discurso traquejo em confluir ideias e acontecimentos, e no caso da Libras traquejo bilíngue e bicultural.

6.3 O que os dados puderam nos dizer? E no devir, o que podemos esperar?

As análises serviram com uma “prova dos nove”, corroborando com os objetivos propostos desde as discussões iniciais. Lançar um olhar (novo), aproximando-se/distanciando-se de elementos puramente linguísticos, e adentrando o digital da Libras, deu-me uma ação de recorrer as lentes da Análise do Discurso (prismas bakhtiniano, ADD e EQLAI) e despontar que os stickers-Libras são preenchidos de um cabedal discursivo, de valores axiológicos e ecos ideológicos.

Além das características genéricas ⁹⁹dos stickers-Libras que puderam ser notadas, o corpo pós-orgânico protagonizou como já denominei de tecnocorporeificação performática. Tal idiossincrasia alinha-se ao duplo bakhtiniano; embora atual, carrega estigmas do velho e se projeta enquanto novo no povir. O que proponho a dizer mantém laços de coexistência com a já performance encenada (presentificada) nas línguas de sinais, nesse espectro a Libras.

E ainda em relação a essa situação, vale mencionar que é nas “[...] produções literárias, até então, [...] sinalizadas, o corpo do artista, ou sinalizador, torna-se de fato o próprio texto [...]” (BARTOLOMEI, 2021, p.58). Ademais, no campo da tradução interpretação da Libras é possível apreender que a performatividade, vívida em gêneros artísticos, como *mise-en-scène*/cenaização, de outro modo a *performance interpreting*

⁹⁹ Recapitulando: registro, difusão e acesso ocorrem no WhatsApp (plataforma de MI); emergência de neologismos (signos ideológicos); a criação (locus) deriva de outros aplicativos e são incorporados ao WhatsApp; embora em 2023 a plataforma tenha liberado a função para criação no próprio ecrã; uso recorrente do corpo, uma tecnocorporeificação performática (mãos, cabeça; torso e pés, fugindo às regras gramaticais da Libras, vide figura 15; enunciados, geralmente, contêm teor Humorístico Surdo; predominância de carnavalização (Bakhtin); ressignificações enunciativas; e há recorrência do gênero masculino na autoria (no corpus analisado); suas análises, até o momento, ocorrem de maneira top-down (do macro ao micro) e há uma entextualidade (vieses da EQLAI) enérgica.

(interpretação na esfera artística), ratifica e enaltece mais uma vez a performance corpórea (FOMIM; SANTIAGO, 2021, p.157).

Nesta ocasião, implica dizer que aqui também nos stickers-Libras o corpo é o próprio texto (enunciado); e para além, há um fosso entre línguas orais faladas e Libras, nosso escopo, pois a recepção de múltiplos entendimentos acerca de performance recobram a compreensão de enunciados concretos na materialização performática (trans/local) corpórea, uma vez que o digital se situa no entremeio átomos-bits.

Ao considerar os referidos aspectos é importante ressaltar que pairava uma desconfiança concatenada a supraexplorada, a respeito da cosmovisão carnavalesca, indicando que essa circunscrevia ou encapsulava o tecnogênero estudado, isso desde a submissão do meu projeto de pesquisa ao Programa de Pós-graduação, como já mencionado no prólogo deste trabalho.

Contudo, novos adendos enriqueceram as tensões que envolviam a (tecno) genericidade dos stickers-Libras: além da (tecno)carnavalização, acentuada por/de humor, e tecno corporeificação performática; teríamos a ressignificação digital, alinhada a entextualidade, indexicalidade com implicaturas, possivelmente, de serem salamândricas (reparação de ferida tecnolinguageira e outras). Desta feita, ratifica-se que stickers-Libras vão muito mais além de um fenômeno multimodal – desconfianças também iniciais –, mas se embrenham na perspectiva de gênero discursivo, ou melhor, tecnogênero discursivo.

Outrossim, sopesa uma marcante e inovadora *artimanha de resistência e autoafirmação queer*, cunhada neste instante para fazer alusão a uma tecnografia surda que é criada e passa a circular levando em consideração, por ora, registro, acesso, atualização e difusão em espaçotempo digital, nos fazendo questionar daquilo que já entendemos de escrita surda¹⁰⁰, recobrando, sem esquecer, a Libras.

Chegar até essa conjuntura foi desafiador, pois conjugar a tríade teórica Estudos bakhtinianos, ADD e EQLAI incidindo em um novo objeto de estudo, ousar dizer pioneiro, implica numa responsividade responsável, além claro, de um dialogismo-dialético, ser decolonial e pós-dualista; além do mais, incita a questionar significados constitutivos cristalizados e normativos ou como diria Lopes *et al.* (2022, p.31) a comoditização da vida. Este último, os EQLAI, mesmo que apresentado timidamente, abrem margem para pesquisas

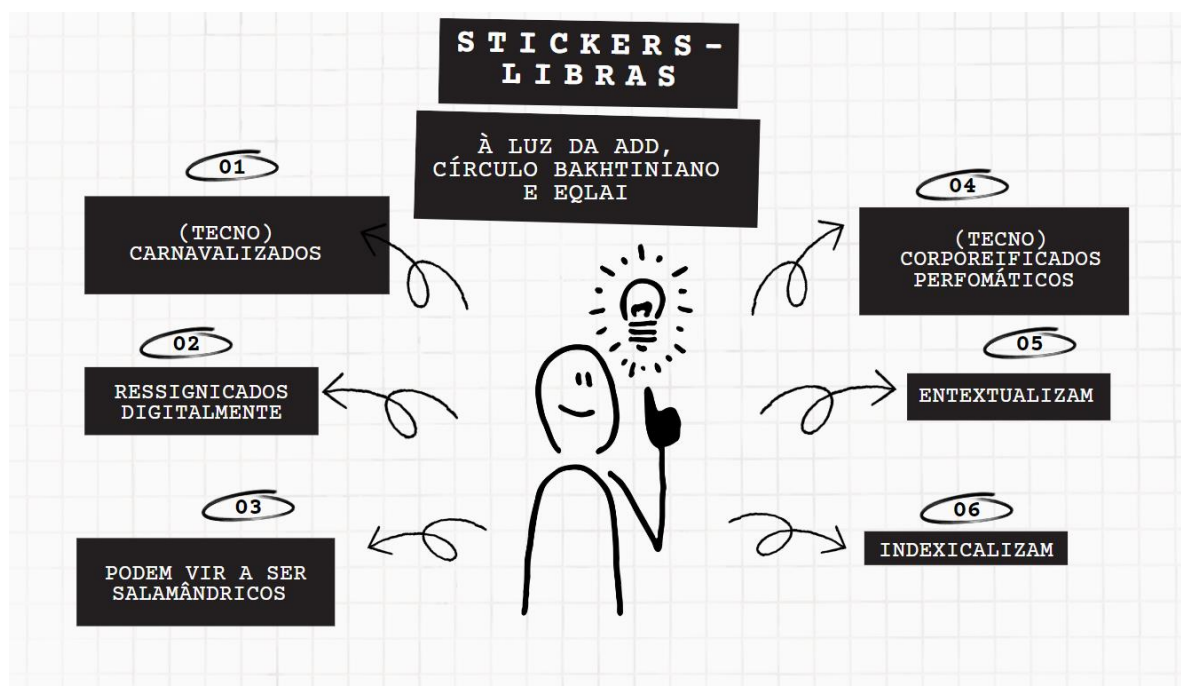
¹⁰⁰ Mesmo sendo uma tecnografia surda, não impede de não surdos, os ouvintes, de usarem. O fato é que porque dela, por ela e para ela a condição de ser Surdo é exposta. Não tão longe já tinha sinalizado que podemos até camuflar a surdez, mas não a Libras e por conseguinte a condição de ser Surdo.

vindouras que tomam ainda a emergência de tecnôgêneros da Libras, dado que o “anormal” ou o poder normatizador estarão em constante colisão.

O fato é que nesses stickers-Libras há uma micropolítica de resistência surda, aquela capaz de arranhar e até mesmo causar fissuras na paisagem linguística digital. Ora, a presença fincada da tecnocorporeificação performática, dissidente, no WhatsApp desestabiliza o imperialismo de matriz ouvintista. Não ousou dizer ouvinte dado que não estamos falando de farinha do mesmo saco, *i.e.*, nem todo ouvinte, embora privilegiado em relação ao surdo, se enquadra no ouvintismo.

Recorrendo a metalinguagem esportiva, na prorrogação dos 45 minutos do segundo tempo, ou melhor já quase findando minhas contribuições; em linhas gerais, o quadro abaixo converte de maneira sintética as fiações re(debatidas) até o momento em semiose imagética. Nessa feitura, podemos vislumbrar os alinhamentos que stickers-Libras expandem quando tomados pelo prisma do Discurso:

Quadro 09: stickers-Libras e fiações no Discurso



Fonte: elaboração do autor (2023).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o prólogo deste trabalho, a busca por respostas que me inquietavam como por exemplo, se stickers seriam gêneros e ainda, qual(is) característica(s) de um gênero multimodal, tecnogênero, – stickers-Libras – poderíamos observar, foram ganhando forma de uma maneira inesperada. Enquanto que o meu olhar antes de ser ingresso no PPGEL se detinha à cosmovisão carnavalesca; no percurso acadêmico, as concepções foram se ampliando, ao passo que mais intrigas foram surgindo.

À medida que uma tecnografia eclode, no campo cotidiano, sem ainda ter uma sistematização de escrita tal como ocorre em sistemas fonogramefêmicos/grafofonêmicos (será necessário?), ratifica-se uma grafia popular que ganha envergadura no instante que amplo meu olhar, por lentes macrolinguísticas, sem desprezar a meso, tampouco a micro. Sem tal ousadia, poderíamos estar reféns de cerceamentos inclinados ao meme, ao fenômeno, ou ainda batermos na mesma tecla da multimodalidade. Decerto que os impactos socioculturais e correlatos, bem como a recepção (leitura) que os enunciados dispostos nos stickers-Libras poderão ocasionar ainda carecem de um mergulho investigativo. Por questões de limitações de tempo, além da estrutura que erige neste trabalho, tais inquietudes não puderam ser sanadas, abrindo espaço para ensejar em novas jornadas de pesquisas. Sem titubear, sinto-me atraído a prosseguir ao doutoramento.

Ciente que são manifestos com corpo(reificação), no caso o corpo pós-orgânico, aquele que mescla homem e máquina. Que são de cunho cotidiano, é certo, e que se bem observado no fundo de cada stickers-Libras, o local de produção, ocorre em ambiente caseiro e sua circulação é reiterada na multiplataforma WhatsApp, que por sinal é bem popular. Outra característica que pode ser acrescida, é que podem tanto trazer léxicos da Libras, quanto gestos (não se sabe se são oriundos de ouvintes ou de surdos) ou ainda possibilitar neologismos. Há uma predominância de teor humorístico, mas um humor carnavalesco, direcionado à ressignificação digital, incluindo a salamândrica, e com entextualidade pungente,

Se à vista bakhtiniana tínhamos enunciados multimodais (texto e discurso), que circulavam no meio digital “cronotopicamente” e que ressurgiram ou sofreram reelaboração, pois dantes no meio *offline* tais manifestações da linguagem situavam-se no urbano e carregavam ideologias desvelando valores axiológicos, e que no estágio atual pulveriza a Web 2.0 em especial o WhatsApp, por que não poderíamos apontar, embasados nesses indicativos, que se trataria de um gênero digital hodiernamente? Se a resposta batesse na tecla da

imprevisibilidade, isso não seria excludente, mas apenas ratificaria mais uma manifestação genérica digital.

E se as desconfianças pairassem sobre a cultura? Os stickers-Libras, sim, são culturais e tal como ocorre nos gêneros humorísticos. Prova é que sem uma análise profícua de dados, as significações dispostas nos enunciados passariam despercebido por não surdos, quiçá por outros surdos.

No que tange ao humor presente nesse tecnogênero, diria que por através da carnavalização e da ressignificação digital, além dos elementos dos EQLAI, os efeitos do humor podem recair no riso, quanto a isso nem me atrevi a comentar sobre, tanto um quanto outro – humor e riso –, é bem certo, pairam nos fatores cultural e discursivo. Confesso que nem eram os efeitos humorísticos que me assolavam nas fazeduras iniciais deste trabalho, fiquei mesmo instigado a mitigar as dúvidas com relação à genericidade dos stickers (de WhatsApp), e claro dos stickers-Libras.

Foi perceptível, que talvez por indução, dicotomizei tecnogênero e o apontei levantando a bandeira do gênero discursivo digital até certo ponto, ciente que o círculo bakhtiniano favoreceu essa oportunidade. Com fronteiras ainda estabelecidas e alinhadas com tais dicotomizações, ao que parece bisonho no primeiro momento, mobilizou possivelmente uma contraposição àqueles que por insegurança ou por construtos e vieses teóricos se colocaram na tentativa de uma parcimônia epistêmica.

Contudo, a partir de Paveau e EQLAI, as tentativas de transparências começaram a ruir e, a partir de então, não me interessava mais me alocar em dualismos, de outra maneira, já não me interessava no que é ou não é, mas no que poderá significar em termos discursivos e, sem dúvidas, ideológicos.

De certo modo, estive meio que remando contra a maré, eu estava diante de enunciados, isso é notório, diante de texto e diante de discurso, nem ousei fugir deles. Por que meio que na contramão? Brait (2012, p.09) atesta que texto e discurso possuem papel central na perspectiva do círculo bakhtiniano, mas ainda são escassos os estudos que os prestigiam e fazem com que os pesquisadores escoem seus olhares para similitudes ou para gêneros, não excluindo esses últimos.

Já era salutar a condição de texto e discurso, mas restava-me apenas dúvida quanto a genericidade, por isso recorri aos Estudos bakhtianos dada essa plasticidade de compreensão de gêneros discursivos. Era imprescindível lançar um novo olhar para os stickers enquanto gênero digital discursivo, posteriormente tecnogênero, e retomando as cláusulas pétreas dos gêneros discursivos: são enunciados reais, delimitando alternância de

sujeitos do discurso (*dixi*, até mesmo no silêncio), que gera atitudes responsivas (responsáveis), possível de endereçamento e direcionamento, além de concretos, inseridos em campos da comunicação humana e são relativamente estáveis. Aí poderia indagar, mas e o texto? Mikhail responde, o texto como enunciado são determinados pela sua ideia (intenção) e a realização dessa intenção (BAKHTIN, 2016, p.73).

Após essas inquietudes, fui atraído a alinhar o gênero que estava em vigência a outros questionamentos e tensões que se concentravam para além da cosmovisão carnalizada. Pairava o seguinte, quais as intenções dos escritores quando se prestam a utilizar os stickers-Libras? Primeiramente, ao analisar o perfil de usuários, os escritores não se restringiam a serem apenas sujeitos surdos, mas eram compostos pela comunidade surda, sendo ouvintes simpatizantes, intérpretes, professores e CODA (filhos/filhas ouvintes que tem pais surdos e que tem sua L1 a Libras).

Acrescente-se a isso que a ressignificação digital, na qual Paveau sai na dianteira, possibilitou usar lentes da decolonialidade, ou ainda de resistência aos diversos insultos, não necessariamente direcionado a alguém em específico, mas bastava dispor de um discurso de pró morte (necropolítica), neofascista, neoliberal e claro opressor e colonial.

Ao interseccionar as falanges linguísticas, passou-me uma a sensação de se colocar novos acessórios a uma vestimenta indispensável ao uso. A ressignificação inteirada com a (tecno) carnalização e com a EQLAI, possibilitou que uma conjuntura se estabelecesse, ao mesmo tempo que me induziu a evitar grandes *corpora*.

Sem ousar recorrer a várias maçãs para comprovar a ação da gravidade, experienciei que stickers-Libras podem agregar diversos assuntos e se entrecruzar com um emaranhado de outros gêneros, mas há de se convir que a ideologia política se sobressaiu nos dados analisados, talvez por serem produzidos em ano de eleições presidenciais. E mesmo aqueles que ousassem reduzir os stickers e logo stickers-Libras a mero suportes, surgia a “relativa estabilidade” ou nas considerações de Adam (2011, apud Paveau, 2021, p.324), categorias prototípicas-estereotípicas, ou ainda feixes de regularidades: além de outras desconfio, ressignificação, (tecno)corporeificação performática, carnalização em sentidos alargados e entextualidade (sobressaiu-se) até o momento.

Outrossim, as discussões desenvolvidas agregaram e possibilitaram um diálogo profícuo, não só entre nós discursivistas, mas entre algumas interfaces científicas. O espiral de problematizações levou em conta a *doxa* (o languageiro do senso comum, os pré-discursos), e isso foi bem notório quando o moderador, de um dos grupos, interpelou alertando para não se discutir sobre política ali. Pressente-se ainda um enraizamento de alguns reducionismos tal

como “de religião, política e esporte não se discutem”. Embora, naquele instante tenha se instaurado um clima favorável a embates de surdos de direita e surdos de oposição e graças aos enunciados dispostos no stickers-Libras é que pude tomá-los como escopo de pesquisa, grato sou por essas farpas em Libras.

O cronotopo influenciou as escolhas e surgimento dos dados, e para sorte minha o período de produção veio a coincidir com as eleições mais acirradas da história do Brasil e isso na certa refletiu e refratou o olhar para stickers-Libras, em sua maioria de cunho político envolto e transpassado por (tecno)carnavalização, ressignificações e um olhar queerizado, desnormalizado.

Expecto que o estudo deste trabalho abra margens para outras discussões e que aqueles/aquelas que desejam viajar por tecnogêneros, tecnotextos e fazeduras do meio digital que envolvem a Libras e os Surdos, sintam-se convidados e motivados a colaborar e claro, tecer críticas, promovendo distanciamentos e aproximações epistemológicas.

Quanto ao processo de ressignificação (tecno)carnavalizada que emergiu a partir de stickers que rememoraram especificidades de Surdos e se situaram em criações-difusões cronotópicas, o período eleitoral como já sinalizado meio que similarmente a uma estação certa possibilitou uma frutífera pulverização. A ressignificação (tecno) carnalizada aspergia em embates de forças centrípetas e centrífugas, isto é, era uma verdadeira pressão de inverdades ditas como absolutas propaladas pela extrema-direita e com discurso fascista, e como contrarreação o corpo queerizado (tecno performático) recorria a Libras para além do destronamento e intentos disruptivos. A agonizada Democracia brasileira pranteava por socorro e os sticker-Libras (da Esquerda) estiveram nas trincheiras digitais das comunidades surdas, servindo ou sendo servidos enquanto resistência/reexistência.

Pessoalmente, sinto-me privilegiado por resgatar essas fagulhas que (re) ascenderam em revozeamentos de práticas e ações discursivas e que desmascararam (ressignificando e/ou carnalizando) tentativas de golpe de Estado, mas sobretudo oportunizaram atos de resistência a um retrocesso de obscurantismos e apagamentos das minorias, aquelas não em números, mas em vulnerabilidade social. Como mote de autoafirmação, uma língua minoritária fora capaz de ressignificar não apenas elementos linguageiros, mas se auto ressignificar do *offline* para *online*. Stickers-Libras é a prova disso.

Para mais, como que a simbiose homem-máquina-linguagem concatenada com Teoria Queer da Linguística aplicada (EQLAI) e um viés não-dualista (ADD) oportunizou estabelecer critérios de ressignificações em contexto digital?

Foi salutar desenvolver problematizações teórico-analítico-metodológicas em torno de um cabedal teórico – em suma, círculo bakhtiniano, ADD (Ressignificação digital) e EQLAI – com categorizações que subsidiaram as análises bem como a intercorrências teóricas, situadas em cronotopo eleitoral. As produções da escrita e de dados estiveram assentes. Segundo discorri, ao longo das construções/desconstruções, e sem me atentar estive em terreno movente. Tanto é que nas minhas primeiras impressões, cria piamente que a Carnavalização (cosmovisão) abasteceria o tanque das conduções epistemontológicas. Muito embora, como já assinalado considero carnavalização enquanto resignificação, “nordesteando” agora à (tecno) carnavalização.

Ao me deparar com a ciberviolência e com o contradiscurso salamândrico, o que se regenera mesmo abrindo uma ferida languageira, percebi que alguns, para não dizer todos, dos stickers-Libras detinha essa conotação e detonação salamândrica. Eram enunciados que revivificavam, outros se retroalimentaram (retornavam ao estado inicial, mas agora com outros significados e sentidos discursivos) e que circulam com aceitação e apreço no suporte WhatsApp. O discurso incidia desde os elementos micro aos macrolinguísticos, basta lembrar dos oito critérios esmiuçados, nos quais considero uma potência discursiva. Em suma, parafraseando Gonzales e Lopes (2022), os discursos que eclodem na mídia não se limitam a retratar a realidade, mas a constroem.

Como uma espécie de semifinal, dado que este trabalho não finda, mas irá se reciclar, resta-me ser sensato e indicar que talvez minhas colaborações sejam uma gota no oceano. Não consegui abarcar tudo, para minha sorte, pois essa condição estimula minha incompletude a buscar por mais, quem sabe, por uma suposta sede gnosiológica. Além de instigar os dissensos e consensos alheios, essa é minha expectativa.

Decerto que por ser um estudo incipiente, lacunas não puderam ser preenchidas. A título de exemplo, possível pensar na recepção desses stickers-Libras por sujeitos e, quem sabe, estudantes surdos. Como que realizam suas leituras ancorados nesse tecnogênero?

Vislumbro que uma etnografia digital não seja mais uma metodologia apropriada, caso isso venha a ocorrer. Pressinto que uma metodologia intervencionista, tal como pesquisa-ação dê conta de responder prováveis interrogações.

Para mais, como pensar e praticar, alusão à Didática, o ensino com stickers-Libras nas escolas de surdos como também para não surdos? O digital pode colaborar no ensino e aprendizado da Libras, além de outras áreas científicas? A partir disso, quais diretrizes podem ser apropriadas e/ou incorporadas na curricularização? Percebe-se que há um campo fértil a ser desbravado.

No mais, em relação ao “academicismo superior”, deslocar nossos olhares para a pesquisa, extensão e ensino já é salutar. Todavia, a inovação pode e deve protagonizar nossas fazeduras diárias. Deixo um convite inadiável para que todxs/todos/todas mergulhem e percebam que estamos diante de apenas uma ponta do *iceberg*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABL, Academia Brasileira de Letras. **Audismo**. 2023. Projeto novas palavras. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CneoZlvJ1HQ/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D>. Acesso em: 25 mar. 2023.

AGRELI, João. **Canastra**: o sticker como retribalização na contemporaneidade, na prática do potlatch e da intervenção urbana, por meio da cibercultura. 174 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Arte, Instituto de Artes, Unb, Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/15035>. Acesso em: 17 fev. 2023.

AMBONI, N.; ESPINOZA, T. S. Olhar epistemológico sobre a Web 2.0. **Revista Gestão & Tecnologia**, v. 14, n. 1, p. 43-65, 2014.

ARAÚJO, J. Um percurso teórico-metodológico para o estudo de constelações de gêneros. **Linguagem em (Dis)Curso**, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 187-212, abr. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1518-76322012000100009>. Acesso em: 20 maio.2023

ARAÚJO, J. Reelaboração de gêneros em redes sociais. In: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson. **Redes sociais e ensino de línguas**: o que temos de aprender? São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 49-64.

ARAÚJO, J. **Constelação de gêneros**: a construção de um conceito. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2021

ARNOLD, F. Mais que um sticker: uma expressão urbana, **Beta**, 29 abr. 2017. Disponível em: <http://www.betaredacao.com.br/mais-que-um-sticker-uma-expressao-urbana/>. Acesso em: 27 dez. 2020.

ASSUNÇÃO, Emerson Tadeu Cotrim; SOUZA, Ester Maria de Figueiredo. Diálogos entre Mikhail Bakhtin e Paulo Freire: a palavravante e a palavravante, face social de uso do signo. **Revista Brasileira de Jovens e Adultos**, Salvador, p. 286-300, 24 out. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br>. Acesso em: 10 abr. 2023.

AZZARI, Eliane Fernandes. MOBILIDADE, PAISAGENS DIGITAIS E PRÁTICAS (TRANS)LINGUÍSTICAS. **The Specialist**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 1-15, 2018. Disponível em: 11nq.com/NPdRF. Acesso em: 16 fev. 2023.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo/Brasília: Hucitec/Editora Universidade de Brasília, 2008.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Bezerra, Paulo. Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. 164p.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance II**: As formas do tempo e do cronotopo. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2018. 272p.

BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Org., trad., posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2019, p.81-96.

BARON, Ivan. **Fantasia de carnaval capacitista ?**: bora saber identificar e promover uma folia sem ofender ninguém. Natal, 24 fev. 2023. Tiktok: ivanvbaron. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@ivanvbaron/video/7198538208223776005>. Acesso em: 26 mar. 2023.

BARONAS, Roberto. **Uma pequena genealogia do discurso digital**: em direção a uma pós-linguística? In: **ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL**. Coordenação de Maria Eduarda Giering e Roberto Leiser Baronas. 04 jun. 2021. 1 vídeo (2h6min19s). Curso *on-line*. [s.l]: Associação Brasileira de Linguística, 2023.

BARONAS, Roberto. Resignificação discursiva em diferentes contextos: linguística popular e ludolinguistas. **Porto das Letras**, [S. l.], v. 7, n. 4, p. 104–128, 2021. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/13078>. Acesso em: 19 abr. 2023.

BARTOLOMEI, Nayara Piovesan Ribeiro. **Produções performáticas em libras**: o uso do corpo e da máquina em produções literárias em língua brasileira de sinais. 2020. 160 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2021. Disponível em: <https://ri.ufmt.br/handle/1/3502>. Acesso em: 10 abr. 2023.

BARTON, David, HAMILTON Mary & IVANIC, Roz. **Situated Literacies**. London: Routledge, 2000.

BLASI, Bruno Gall de. **WhatsApp Beta começa a implementar stickers animados**. 2020. Disponível em: encr.pw/t8Pxd. Acesso em: 17 fev. 2023.

BENTO, Nanci Araújo. DECOLONIALIDADE E SURDEZ. In: LANDULFO, Cristiane; MATOS, Doris. **Suleando conceitos e linguagens**: decolonialidades e epistemologias outras. Campinas: Pontes, 2022. p. 103-110.

BEZERRA, Benedito Gomes. **O Gênero como ele é e como não é1**. São Paulo: Parábola, 2022. 2016 p.

BRASIL. Lei de número 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, 2002.

BULHÕES, Paulo. **O Legado Acadêmico da Educação de Surdos pelas Pessoas Surdas**. Natal, 24 set. 2022. Youtube: IEEL LIBRAS. Disponível em: <https://youtu.be/HpsMoe789tY>. Acesso em: 20 mar. 2023

CARDOSO, J. M.; ALCÂNTARA, G. A. M. Inoculando o corpo (ciber)feminista no carnaval: entre o real e o digital. In: Julia Lourenço Costa & Roberto Leiser Baronas. (Org.). **FEMINISMOS EM CONVERGÊNCIAS**: discurso, internet e política. 1ed.Coimbra: Grácio Editor, 2020, v., p. 169-188.

CARMELINO, Ana Cristina; KOGAWA, Lída. A intertextualidade como marca dos Stickers do WhatsApp. **(Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 27, p. 156-176, 2020a.

CARMELINO, Ana Cristina; KOGAWA, Lída. O HUMOR NOS STICKERS DO WHATSAPP. **Percursos Linguísticos**, Vitória, v. 10, n. 24, p. 185-204, 2020b

CARMELINO, A. C.; KOGAWA, L. Stickers do Whatsapp: (nova) forma persuasiva de interação bem-humorada. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 20, n. 1, p. 6-27, 7 maio 2020c.

CASTRO, Kleissiely de; MELO, Guilherme; MOREIRA, Cecília. DO WHATSAPP À SALA DE AULA: ampliando a habilidade leitora dos alunos por meio do gênero textual sticker. **Mosaico**, São Paulo, p. 172-188, 2023. Disponível em: <https://x.gd/InSeM>. Acesso em: 20 maio 2023.

DAGENAIS, D. *et al.* **Linguistic landscape and language awareness**. In: SHOHAMY, E.; GORTER, D. *Linguistic landscape: expanding the scenery*. New York: Routledge, 2009. p. 253-269.

DINIZ, Heloise Gripp. **A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras)**: Um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais. 2010. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis, 2010.

DIPEBS. **Competências e Metas da DIPEBS**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/secretarias/secretaria-de-modalidades-especializadas-de-educacao/competencias-e-metas-da-dpebs>. Acesso em: 16 fev. 2023.

DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. **Letramentos digitais**. São Paulo: Parábola, 2016. 352 p. (Linguagens e Tecnologias Volume 05). Tradução Marcos Marcionilo.

EAGLETON, Terry. **Humor**: o papel fundamental do riso na cultura. Rio de Janeiro: Record, 2020. 165 p. Tradução Alessandra Bonruquer.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística aplicada e visão de linguagem: por uma indisciplinaridade radical. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, [S.L.], v. 17, n. 4, p. 599-617, 28 ago. 2017. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-6398201711426>. Acesso em 20 fev. 2023.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009. 168 p. Coleção Língua[gem].

FRATICELLI, Damián. **EL HUMOR HIPERMEDIÁTICO**: una nueva era de la mediatización reidera. Buenos Aires: Editorial Teseo, 2023. 266 p.

FARIA, Cristiano Eduardo. Engajamento multimodal em stickers do WhatsApp: análise verbo-visual para compreensão do contexto. *Journal Of Digital Media & Interaction*, [S.L.], p. 72-86, 28 dez. 2022. **Journal of Digital Media & Interaction**. <http://dx.doi.org/10.34624/JDMI.V5I13.28855>. Acesso em 20 fev. 2023

FENEIS: o que é. Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://feneis.org.br/o-que-e/>. Acesso em: 18 jul. 2023.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: Leitura do mundo, leitura da palavra.** Tradução de: OLIVEIRA, Lólio Lourenço de. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 1. ed. -- São Paulo: Cortez, 2017.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática, 2011.

FOMIN, Carolina Fernandes Rodrigues; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Tradução e interpretação: um ensaio sobre libras, corpo e arte. In: BRAIT, Beth; GONÇALVES, Jean Carlos (org.). **Bakhtin e as Artes do Corpo.** São Paulo: Hucitec, 2021. Cap. 5. p. 147-208.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. 125 p. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento.** Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008

GERALDI, João Wanderley. A expulsão do outro e a re-existência do singular. In: (GEGE), Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. **Palavras e contrapalavras o outro singular.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. p. 13-24. Caderno de estudos X para iniciantes.

KOGAWA, Lídia. Stickers do WhatsApp: caracterização pela interação. **Mandinga**, [s. l], v. 4, n. 2, p. 38-51, 2020. Disponível em: 11nq.com/9YXR4. Acesso em: 12 fev. 2023.

GIERING, Maria Eduarda. **As categorias da ADD e seu impacto sobre os estudos linguístico-discursivos.** In: ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL. Coordenação de Maria Eduarda Giering e Roberto Leiser Baronas. 14 mai. 2021. 1 vídeo (2h01min11s). Curso online. [s.l]: Associação Brasileira de Linguística, 2021.

GONZALEZ, Clarissa Rodrigues; LOPES, Luiz Paulo da Moita. Peles habitáveis de Almodóvar em perspectiva e projeções (meta)escalares. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita *et al.* **Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar: gênero, sexualidade, raça e classe.** São Paulo: Parábola, 2022. Cap. 9. p. 229-249.

GUIMARÃES, Thayse Figueira; LOPES, Luiz Paulo da Moita. Trajetórias de um texto viral em diferentes eventos comunicativos. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita *et al.* **Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar: gênero, sexualidade, raça e classe.** São Paulo: Parábola, 2022. Cap. 1. p. 58-72.

HAN, Byung-Chul. **O que é poder?** Petrópolis: Editora Vozes, 2019. 122 p. Tradução de Gabriel Salvi Philipson.

HINE, Christine. **Etnografia virtual.** Barcelona, Espanha: UOC, 2004. 206 p. (Colección Nuevas Tecnologías y Sociedad).

HINE, Christine. Estratégias para etnografia da Internet em estudos de mídia. In: CAMPANELLA, Bruna; BARROS, Carla (org.). **Etnografia e consumo midiático**: novas tendências e desafios metodológicos. Rio de Janeiro: E-Papers, 2016. Cap. 1. p. 11-27

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias**: Um novo ritmo da informação. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012. p. 15-25

KOGAWA, Lídia. Stickers do WhatsApp: caracterização pela interação. **Mandinga**, Acarape, p. 38-51, 28 dez. 2020. Disponível em: <https://x.gd/GsgYv>. Acesso em: 20 maio 2023.

LACERDA, Tiago Eurico de; TEDESCO, Anderson Luiz. A EDUCAÇÃO VERSUS EDUCAÇÃO DIGITAL NA CONTEMPORANEIDADE A PARTIR DE NIETZSCHE. In: TEDESCO, Anderson Luiz; LACERDA, Tiago Eurico de (org.). **Educação Digital e Práticas Pedagógicas**. Curitiba: Bagai, 2020. Cap. 16. p. 259-272. Volume I.

LADD, Paddy. **Understanding deaf culture**: in search of deafhood. Clevedon: Multilingual Matters, 2003. 532 p.

Leopoldo, Rafael. **Teoria queer e micropolítica**: questões para o ensino médio. Rio de Janeiro: Multifoco, 2021. 88p.

LIMA-NETO, V. Meme é gênero?: questionamentos sobre o estatuto genérico do meme. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 59, n. 3, p. 2246–2277, 2021. Disponível em: <https://x.gd/OL2E>. Acesso em: 26 jun. 2023

LOPES, Luiz Paulo da Moita. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. 279 p.

LOPES, Luiz Paulo da Moita *et al.* **Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar**: gênero, sexualidade, raça e classe. São Paulo: Parábola, 2022. 272 p.

MACEDO, J. L. M. F. de. **Literatura surda e letramento visual**: a criação de uma história infantil e de material didático bilíngue para surdos. 2017. 156f. Dissertação (Mestrado em Diversidade e Inclusão) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2017.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (org.). **BAKHTIN**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005. p. 151-166.

MACHADO, Rodrigo Corrêa Martins; SILVA, Douglas Vinicius Souza. Ensino de literaturas e decolonialidade: por uma educação literária democrática. **Gragoatá**, [S.L.], v. 26, n. 56, p. 1207-1240, 29 set. 2021. Pro Reitoria de Pesquisa, Pos Graduacao e Inovacao - UFF.

MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o ethos**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2020.

McCLEARY, L. Oralidade visual: Implicações para a história oral. In ENCONTRO DE HISTÓRIA ORAL DO NORDESTE, 2., 2000, Salvador. ATAIDE, Y. D. B. (Org.) **Do oral ao escrito**: 500 anos de história do Brasil. Salvador: Editora da Universidade do Estado da Bahia (Eduneb), 2000, p. 672-681

MELO, Larissa Vitória Oliveira; ARAÚJO, Roberta Shirleyjany de; CARVALHO, Maria Angélica Freire de. **DIZER COM IMAGENS E PALAVRAS**: um olhar sobre a leitura de

figurinhas no WhatsApp e as estratégias de compreensão leitora para a geração de sentidos. **Colóquio Sobre Gêneros & Textos**, Teresina, v. 7, p. 1-19, 2020. Anais do COGITE. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/ancogite/article/view/11698/pdf>. Acesso em: 20 maio 2023.

MOREIRA, Danilo dos Reis. **Um estudo da tecnologia Web 2.0**. 2009. 117 f. Monografia (Especialização) - Curso de Ciência da Computação, UFG, Catalão, 2009. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/498/o/Danilo2009.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2023.

MOURA, Francimeire Gomes. LINGUAGEM DO MUNDO *ONLINE*: um estudo sobre gifs e stickers utilizados no aplicativo WhatsApp. **Colóquio Sobre Gêneros & Textos**, Teresina, p. 1-20, 2023. Anais do COGITE. Disponível em: <https://x.gd/iCaET>. Acesso em: 20 maio 2023.

MUNIZ, Cellina. **Na tal cidade do humor**. Natal: Sebo Vermelho Edições, 2013. 90 p.

MUNIZ, Cellina. Inelegível e o riso de triunfo. **Saiba mais agência de reportagem**, Natal, 1 jul. 2023. Opinião. Disponível em: <https://saibamais.jor.br/2023/07/inelegivel-e-o-riso-de-triunfo/>. Acesso em: 2 jul. 2023.

NASAW, Daniel. **Desde quando mostrar o dedo médio é um insulto?** 2012. BBC News em Washington. Disponível em: <https://x.gd/WjrOW> . Acesso em: 20 mar. 2023.

NASCIMENTO, Sandra Patrícia de Faria do *et al.* **Proposta Curricular para o Ensino de Português Escrito como Segunda Língua para Estudantes Surdos da Educação Básica e do Ensino Superior**: caderno introdutório. Brasília: Ministério da Educação - Mec, 2021. 88 p.

NOTÍCIAS, Agência Câmara de. **PEC muda regras para futuros servidores e altera organização da administração pública**: em uma das inovações, a proposta restringe a estabilidade no serviço público a carreiras típicas de estado. Em uma das inovações, a proposta restringe a estabilidade no serviço público a carreiras típicas de Estado. 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/690350-pec-muda-regras-para-futuros-servidores-e-altera-organizacao-da-administracao-publica/> . Acesso em: 20 mar. 2023.

OLIVEIRA, Maria do Socorro. Curiosidade epistêmica, pedagogia dialógica e ato ético na prática educativa. In: KLEIMAN, Angela Bustos; SANTOS-MARQUES, Ivoneide; LERQUIM, Eulalia (org.). **O humanismo ético de Paulo Freire**: impactos na configuração de estudos sobre a linguagem e ensino. São Paulo: Pontes, 2021. Cap. 6. p. 119-136

PAIVA, V. L. M.; RODRIGUES JR., A. S. 2004. **Fóruns on-line**: intertextualidade e footing na construção do conhecimento. In: I. L. Machado; R. Melo (Orgs.). **Gêneros: reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, pp. 171-189.

PAVEAU, M.-A. Des discours et des liens. Hypertextualité, technodiscursivité, écriture. **Semen** [on line], n. 42, 2017. Disponível em: <http://journals.openedition.org/semen/10609>. Acesso em: 02 abr. 2023.

PAVEAU, M.-A. La blessure et la salamandre. Théorie de la resignification discursive., IN: **Stigmatiser**: normes sociales et pratiques médiatiques, actes du colloque du CARISM, 2019. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-0200366>. Acesso em: 17 fev. 2023.

PAVEAU, M.-A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas: Pontes, 2021.

PAVEAU, M.-A; BARONAS, R. L. & COSTA, J. L. **A resignificação em contexto digital**. 2021. São Carlos, SP: Editora da Universidade Federal de São Carlos e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo -FAPESP.

PAVEAU, Marie-Anne. Une analyse du discours contre-hégémonique. Intersectionnalité critique et pluriversalité décoloniale. **Hal Science Ouverte**: Langage et Société, França, p. 1-22, 2023. Disponível em: <https://hal.science/hal-03636203>. Acesso em: 30 jun. 2023.

PERLIN, Gládis; STROBEL, Karin. **Teorias da Educação e Estudos Surdos**. Florianópolis: Coleção Letras Libras, 2009. 44 p. Disponível em: <https://x.gd/7t9Vn>. Acesso em: 15 abr. 2023.

PINHEIRO, Marlene Soares. **A travessia do avesso**: sob o signo do carnaval. São Paulo: ANNABLUME 1995. 146 p.

PINHEIRO, P. Da utopia da participação global na Web 2.0 às fake news nas redes sociais: Uma discussão epistemológica para uma educação crítica. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 9–28, 2022. DOI: 10.46230/2674-8266-14-9347. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/9347>. Acesso em: 20 abr. 2023.

PIOVEZANI, Carlos; GENTILE, Emilio. **A LINGUAGEM FASCISTA**. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2020. 254 p.

PIZZIO, A. L.; CAMPELLO, A. R. e S.; REZENDE, P. L. F.; QUADROS, R. M. de. **Língua Brasileira de Sinais III**. Texto Base. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2009

PIZZIO, Aline Lemos *et al.* **Gramática da Libras**. Florianópolis: Libras UFSC, 2022. (V book). Org Ronice Müller de Quadros. Disponível em: <https://libras.ufsc.br/arquivos/vbooks/gramatica/>. Acesso em: 17 fev. 2023.

PONZIO, Luciano. **VISÕES DO TEXTO**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 281 p. Tradução de Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti e Giorgia Brazzarola.

POSSENTI, S. Os humores da língua: análises linguísticas de piadas. 3ª ed. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

POSSENTI, S. Humor de circunstância. **Filologia e Linguística Portuguesa**, [S. l.], n. 9, p. 333-344, 2007. DOI: 10.11606/issn.2176-9419.v0i9p333-344. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59787>. Acesso em: 25 abr. 2023.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico**: métodos e técnica da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013

QUADROS, Ronice Muller de. **LIBRAS**. São Paulo: Parábola, 2019. 192 p. (Volume 05). Coleção Linguística para o ensino superior.

RAMOS, Danielle Cristina Mendes Pereira; MUNIZ, Valéria Campos; BARROS, Adriana Lúcia de Escobar Chaves de. ENTREVISTA COM PATRÍCIA LUIZA FERREIRA REZENDE-CURIONE / Interview with Patrícia Luiza Ferreira Rezende-Curione. **Pensares em Revista**, [S.l.], n. 25, p. 7-11, nov. 2022. ISSN 2317-2215. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/68621/43940>>. Acesso em: 01 ago. 2023. DOI:<https://doi.org/10.12957/pr.2022.68621>.

REÉ, Alessandra Del; ORVIG, Anne Salazar. Olhares dialógicos sobre a aquisição da linguagem. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, [S.L.], v. 16, n. 1, p. 4-11, mar. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2176-457351305>.

REGATTIERI, L. L.; ANTOUN, H. Algoritmização da vida e organização da informação: Considerações sobre a tecnicidade no algoritmo a partir de Gilbert Simondon. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 14, n. 2, 2018. DOI: 10.18617/liinc.v14i2.4304. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/4304>. Acesso em: 3 ago. 2023.

REICHERT, André Ribeiro. Palavras flutuadas: diálogos sobre registros e vozes visuais da cidadania surda. In: PIMENTEL-SOUZA, Margarida Maria; REICHERT, André Ribeiro (org.). **Palavras sentidas: educação de surdos, cultura, política, tradução e terminologia**. Curitiba: CRV, 2022. Cap. 12. p. 171-174.

RODRIGUES, Luciana Jorge. Sticker: colando ideias. 2010. 137 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista. Instituto de Artes, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/86941>>. Acesso em: 17 fev. 2023.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline P. **Hipermodernidade, multiletramentos, e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015. 152 p. 4ª reimpressão.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, Poder e Educação de Surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SAMPIERI, Roberto Hernández.; COLLADO, Carlos Fernandes.; LUCIO, María Del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 5 ed. Dados eletrônicos - Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTAELLA, L. Gêneros discursivos híbridos na era da hipermídia. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 9, n.2, p.206-216, ago./dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/19516/15611> Acesso:24 mai. 2021.

SANTOS, Leonardo Bis dos; LEITE, Priscila de Souza Chisté. MARIELLE VIVE!: o graffiti como gênero textual com potencial crítico para o ensino da língua portuguesa. **Ifes Ciência**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 106-112, 2019. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ric/article/view/427>. Acesso em: 17 fev. 2023.

SCHAPOCHNIK, Nelson. **Cultura Letrada no Brasil: objetos e práticas, uma introdução**. In: ABREU, Márcia (org.). **Cultura Letrada no Brasil: objetos e práticas**. São Paulo: Fapesp, 2005. p. 1-13. (Coleção Histórias de leituras).

SEGALA, Rimar Ramalho. **A EMERGÊNCIA DE SINAIS NA LIBRAS**: a influência dos emblemas. 2021. 179 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Unesp, Araraquara, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/210879>. Acesso em: 02 abr. 2023

SIBILA, Paula. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. 228 p. (Conexões 17)

SILVA, Claudionir Borges da. **CULTURA SURDA**: território e territorialidades de resistência. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: USP, 2005. p. 14321-14335.

SILVA, Isaack Saymon Alves Feitoza. **Gíria em língua de sinais brasileira (LSB)**: processo e interpretação. 2015. 162 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, UFSC, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/158399>. Acesso em: 20 abr. 2023

SILVA, Arlene Batista da. **PERFORMATIVIDADE NA CONSTRUÇÃO DO HUMOR EM PIADAS EM LIBRAS**: Congresso internacional. **Abralic**, Uberlândia, p. 4003-4013, 2018. **Anais**. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2018_1547745920.pdf. Acesso em: 20 maio 2023.

SILVEIRA, Carolina Hessel. **O LUGAR DO HUMOR SURDO NO NOVO MOMENTO DA CULTURA SURDA**. **Espaço**: INES, Rio de Janeiro, n. 57, p. 49-59, 01 dez. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/ines/pt-br/central-de-conteudos/publicacoes-1/revista-espaço-ndeg-57>. Acesso em: 20 maio 2023.

SKLIAR, Carlos. **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012. 192 p. Org.

SOARES, P. A. S.; FARGETTI, C. M. **Línguas indígenas de sinais**: pesquisas no Brasil. **LIAMES**: Línguas Indígenas Americanas, Campinas, SP, v. 22, n. 00, p. e022004, 2022. DOI: 10.20396/liames.v22i00.8667592. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/8667592>. Acesso em: 25 maio. 2023.

SOBRAL, Adail. **Carnavalização e interação dialógicas em tempos pandêmicos**. Fortaleza, 10 nov. 2022. 13º CBLA – Mesa-redonda. Youtube: ALAB. Disponível em: <https://youtu.be/PzQrpeIf0N4>. Acesso em: 20 mar. 2023.

SODRÉ, C. R. A nova forma de interação através do stickers do WhatsApp. **Anagrama**, [S.l.],v.16,n.1,2022.Disponível em:<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/195693>. Acesso em: 25 jun. 2023.

STROBEL, Karin Lilian (org.). Os sobreviventes das políticas surdas: opressão da cultura surda e de seus valores linguísticos na educação. In: PERLIN, Gladis; STUMPF, Marianne (org.). **Um olhar sobre nós surdos**: leituras contemporâneas. Curitiba: Crv, 2012. p. 97-107.

STUMPF, Marianne Rossi; LINHARES, Ramon Santos de Almeida (org.). **Ensino de Libras como L1 no Ensino Superior**. Petrópolis: Arara Azul, 2021. 112 p. Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior.

SOUSA, C.M.B. (2020). As estratégias de referenciação: análise dos stickers nas interações de universitários no WhatsApp. **Colóquio sobre gêneros & textos**. ISSN 2675-2239. Retirado de: <https://revistas.ufpi.br/index.php/ancogite/article/view/11601>. Acesso em 20 maio. 2023

SUTTON-SPENCE, Rachel (org.). **Literatura em libras**. Petrópolis: Arara Azul, 2021. 267 p. E-book.

SYLKER, T. Silva; CAMILA, S. Souza. Pesquisa Científica em Ambientes Virtuais. **VIII Brazilian Symposium On Games And Digital Entertainment**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 70-74, 2009.

VALLADA, Amanda Diniz *et al.* **Etnografia digital: um guia para iniciantes nos estudos da linguagem em ambientes digitais**. Goiânia: Cegraf UFG, 2022. 179 p. Ebook

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 192 p.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019, 400 p.

TÁVORA, Antônio Duarte Fernandes. A SUBSUNÇÃO DA CATEGORIA SUPORTE DE GÊNEROS PELA NOÇÃO DE INTERAÇÃO. **Linguagem em (Dis)Curso**, Tubarão, v. 12, n. 1, p. 299-324, 2012.

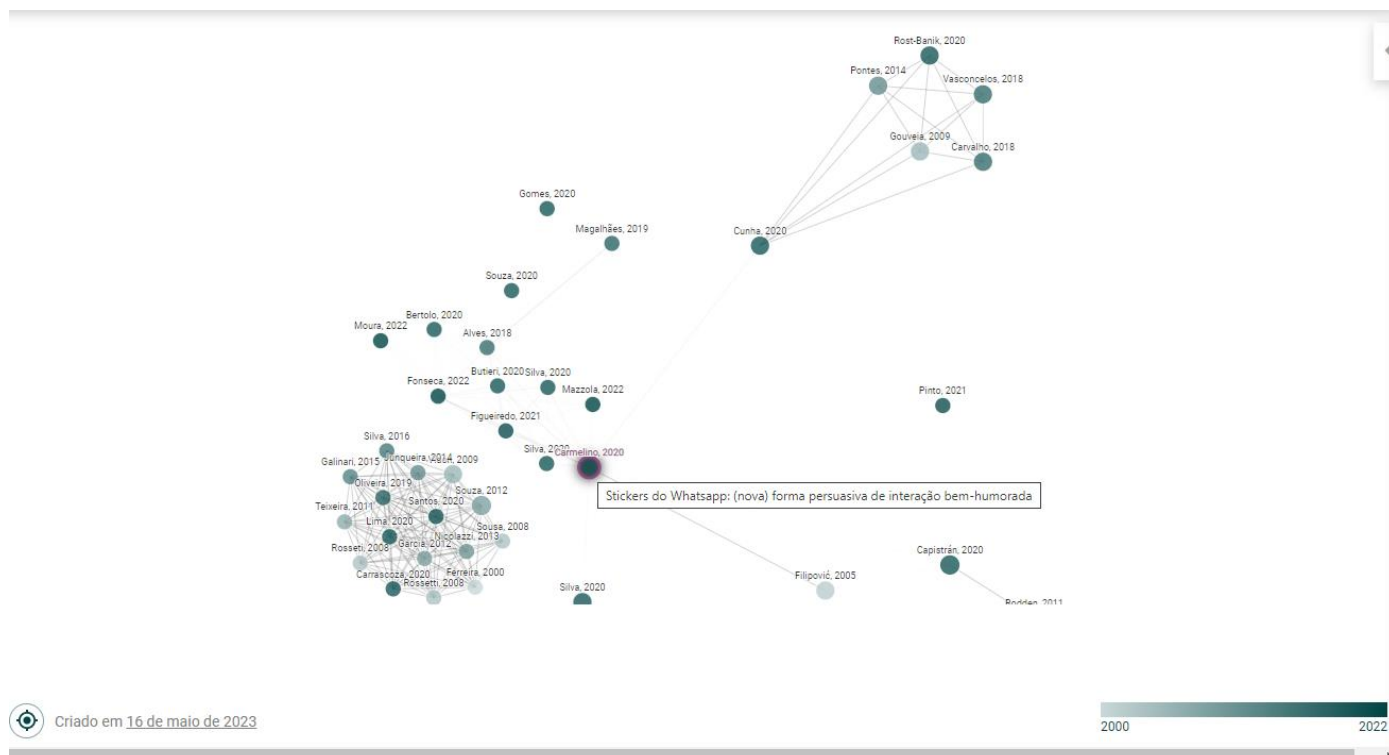
TEMPEL, Alexandre. **Como o boom das figurinhas do WhatsApp foi freado por sua interface**. 2019. Disponível em: encr.pw/8Yia7. Acesso em: 17 fev. 2023.

TREIN, S. R. Da ‘zueira’ ao discurso político: o caráter propagandístico dos stickers no WhatsApp. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, [S. l.], v. 19, n. 42, p. 154–172, 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/19298>. Acesso em: 20 maio. 2023.

Tribunal Superior Eleitoral. **Por maioria de votos, TSE declara Bolsonaro inelegível por 8 anos**. 2023. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos>. Acesso em: 01 jul. 2023.

WELSCH, W. Mudança estrutural nas ciências humanas: diagnóstico e sugestões. **Educação**, [S. l.], v. 30, n. 2, 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/556>. Acesso em: 26 mar. 2023.

ANEXO A – INTERCONEXÕES SOBRE STICKERS A PARTIR DE KOGAWA



Fonte: retirado da internet. Disponível em: <https://x.gd/OEPuF>. Acesso em 16 mai. 2023.